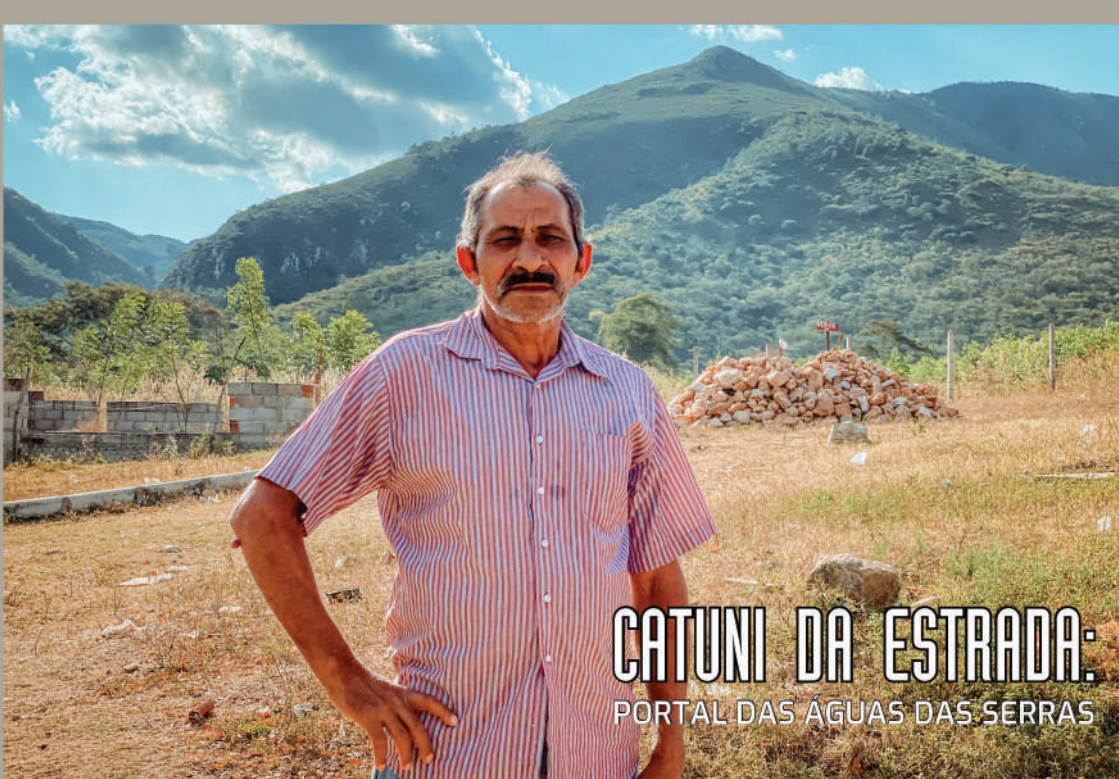




CATUNI DA ESTRADA:

PORTAL DAS ÁGUAS DAS SERRAS



E-BOOK

Alan Bonfim
Juracy Marques
Robson Marques
Joaquim Novaes
(ORGANIZADORES)





SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

CNPJ: 21.200.341/0001-80

Contatos: 75.99217 6860

E-mail: editora.sabeh@gmail.com

Site: www.sabeh.org.br

Revisão:

Rubervânio Lima

Juracy Marques

Diagramação e capa:

Rubervânio Lima (Ed. Oxente)



FOTOS

Heberte Guedes, Juracy Marques, Alan Bonfim, Marlene Cabral, Tereza Ribeiro, Cristine Prates, Jandira, Marinalva Martins, Isack.

Catálogo na publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

B713c Bonfim, Alan Ferreira, Marques, Robson, Marques, Juracy, e Novaes, Joaquim, ORGs.
Catuni da Estrada: o portal das águas das serras / Alan Bonfim, Robson Marques, Juracy Marques e Joaquim Novaes, organizadores. Paulo Afonso: Editora SABEH, 2020. 256 p.; il.

ISBN: 978-65-5732-020-4

1. Influência da comunidade Rural
2. Ecologia Humana
3. Juracy Marques.
4. Robson Marques
- I. Título

CDD: 155.94

E-BOOK

Alan Ferreira Bonfim
Robson Marques dos Santos
Juracy Marques
Joaquim Alves Novaes
(Organizadores)

Catuni da Estrada:

O Portal das Águas das Serras

E-BOOK



2020

CORPO EDITORIAL

Brasil

Dr. Juracy Marques dos Santos (NECTAS/UNEB)
Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)
Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional)
Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB)
Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB)
Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH)
Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH)
Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB)
Dra. Flavia de Barros Prado Moura (UFAL)
Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC)
Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Ronaldo Gomes Alvim (Centro Universitário Tiradentes–AL)
Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECOH)
Dra. Adriana Cunha – (UNEB/PPGECOH)
Dra. Alpina Begossi (UNICAMP)
Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF)
Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF)
Dr. Gustavo Hees de Negreiros (UNIVASF/SABEH)
Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB)
Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE)
Dra. Dinani Gomes Amorim (PPGECOH/Uneb)

Internacional

Dr. Ajibula Isau Badiru – NIGÉRIA (UNIT)
Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB)
Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH)
Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS)
Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA)
Dra. María José Aparicio Meza – PARAGUAI (UNA) Dr.

EQUIPE DE PESQUISADORES E PESQUISADORAS

Juracy Marques, Alzení de Freitas Tomáz, Robson Marques dos Santos, Allysson Fernando Guedes de Almeida, Alan Ferreira Bonfim, Gisele da Silva Conceição, Vanessa Silva Santos, Gustavo Negreiros, Ícaro Maia, Lilian Pinto da Silva Santos, Joaquim Alves Novaes, Maria Rosa Almeida Alves, Jakeline Alves Silva Muricy, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Maria de Fatima Santos de Lima, Nilma Carvalho Pereira, Pâmela Peregrino da Cruz, Paulo Wataru Morimitsu, Silvia Janayna de Oliveira Veriato, Amilton Mendes, Richard Silva.



**NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS**



**Dedicamos este livro aos moradores e moradoras
da Comunidade de Catuni da Estrada.**

PROJETO QUILOMBOS

Este livro é parte das atividades do Projeto Quilombos, financiado pela Fundação FORD, coordenado por Dr. Juracy Marques (Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana – GPEHA-PPGECOH-UNEB), Franklin Plessmann de Carvalho (NEA Nova Cartografia Social / UFRB) e Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (LACC/UPE). Trata-se de uma pesquisa que integra as ações do Projeto Nova Cartografia Social do Brasil, coordenado pelo Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida, e da Articulação do Movimento Salve as Serras (www.salveasserras.org). Esta publicação é feita com o apoio e parceria da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH, do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH/UNEB) e do Fundo Casa Socioambiental.

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO I	13
1. CARTOGRAFIA SOCIAL I	
1.1. CATUNI DA ESTRADA	15
1.2. GROTA DO PRIPIRI	19
1.3. PADROEIRO	23
1.4. MEMÓRIA DA ÁGUAS	26
1.4.FOGO NA SERRA	29
CAPÍTULO II	33
2. NARRATIVAS DA COMUNIDADE I	
2.1 ANTÔNIO JOSÉ RODRIGUES DE BARROS “ZEZINHO”.	35
2.2. MARIA JOSÉ BARBOSA DE SOUZA “MARIA JOSÉ”	47
2.3. JUSTINO PEREIRA DA SILVA “TERREIRO DE UMBANDA SETE FLECHAS”	57
2.4. MANOEL MESSIAS BARBOSA - “O SINEIRO DE CATUNI”	69
2.5. ÓZEAS MARTINS DE LIMA	79
2.6. RENATO CRUZ “ESPOSO DE DONA LIZETE”	83
2.7. DONA ELIZETE BARRETO DO NASCIMENTO “ESPOSA DE SEO RENATO”	85
2.9. JOÃO VICENTE RODRIGUES “RIZADINHA”	90
2.10. LEONARDO TITO DE SOUZA “TITO”	94
2.11. VALDEMAR NUNES DA SILVA “DEMAR”	98
2.12. MARIA ANGÉLICA RIBEIRO DOS SANTOS	101
2.13. MARIA DE LOURDES DE SOUZA “LURDINHA”	107
2.14. ALMIRA GONÇALVES DA SILVA “MIRÔ”	120
2.15. ANTÔNIO BISPO DE ALMEIDA “PEBA”	123

2.16. ARLINDA MARIA DUMONT “LINDOR”	125
2.17. ANTÔNIA PEREIRA DE OLIVEIRA “LIVINA”	130
2.18. JOSÉ DANTAS DE OLIVEIRA “ZUQUINHA”	133
2.19. MARINA FIGUEREDO DA SILVA “DINDINHA MARINA”	137
2.20. MARLENE CABRAL DE OLIVEIRA “LENA”	146
2.21. ANTÔNIO VIEIRA LIMA “BIBI”	160
2.22. MARINALVA GONÇALVES MARTINS “NALVINHA”	165
2.23. ADENIR BONFIM DA SILVA “NENEM”	172
2.24. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS - ZIZI	179
2.25. LUIZA SOARES DE ARAÚJO “DONA LÔZINHA”	185
2.26. JOSÉ BATISTA DA SILVA “DOMINGUINHOS”	191
2.27. ANTÔNIO VIEIRA DE OLIVEIRA “SEO ZICA”	194
2.28. JOÃO BATISTA GUERRA DA SILVA - “JOÃO CAPOEIRA”	197
2.29. ANTÔNIO FERREIRA - “SEO ANTÔNIO REZADOR”	207
CAPÍTULO 3	213
3. CARTOGRAFIA II	
3.1 AVES DE CATUNI	215
3.2. INTERAÇÃO SOCIO-AFETIVA	220
3.3. CRIANDO PÁSSAROS EM GAIOLAS	222
3.4. INTERAÇÃO TRÓFICA	224
3.5. AVES NÃO CONSUMIDAS	225
3.6. USO ETNOMEDICINAL DAS AVES	226
3.7. IMPLICAÇÕES ETNOCONSERVACIONISTAS	227
3.8. AVES DA SERRA	231
CAPÍTULO 4	238
4. CARTOGRAFIA III	
4.1 FLORA DE CATUNI	241
ANEXO I - CRISE HÍDRICA EM CATUNI	252

A close-up photograph of yellow flowers and branches against a clear blue sky. The flowers are in various stages of bloom, with some showing multiple layers of petals. The branches are dark and thin, creating a network of lines across the frame. The background is a solid, bright blue sky.

Observe profundamente a natureza e
você vai entender tudo melhor.
(Einstein)

APRESENTAÇÃO

Catuni da Estrada é um corpo social pertencente ao território político da cidade Jaguarari, localizada no sertão baiano. A vista é marcada por uma peculiar transição entre Mata Atlântica e Caatinga Florestada, a vegetação é rasteira arbustiva e arbórea. Algumas árvores alcançam mais de 50m, o que evidencia a existência de uma floresta densa e diversificada. Atualmente a flora vem sofrendo mudanças constantes e gradativa, estando profundamente ligado ao processo de ocupação humana dos espaços. Trata-se de enclaves de mata úmida dentro de uma região onde as precipitações orográficas (aspectos de um determinado relevo) são inconstantes, formando os conhecidos “Brejos de altitude”. As chuvas são mais frequentes entre os meses de março a julho, tornando o clima ameno e com um verde exuberante. A paisagem como um todo é munida de recursos suficientes para diferenciá-la, sendo percebida através de uma plasticidade que vai moldando toda a sua composição biogeográfica. O espaço físico serrano possui rochas cristalinas auto-organizadas, que são esculpidas em superfícies suavemente onduladas, apresentando crista superior a mil metros acima do nível do mar.

Está fincado na mesorregião do norte baiano e microrregião de Senhor do Bonfim, Catuni está inserido no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru, localizado ao sopé sul da Serra do Gado Bravo numa altitude de 603 metros. Possui uma localização privilegiada, como é sempre verde em todos os meses do ano, é constantemente abastecida de frutas (abacaxi, banana, jaca, manga...) da região denominada “grota”, inserida nas escarpas da cordilheira de Serra do Espinhaço¹. Atrás do

1. Cadeia de Montanhas que se estende de Minas Gerais até a Bahia.

Vale Catuni sucedendo serra acima, revela-se desfiladeiros e paisagens de grande perfeição. O longo caminho passa ao lado da barragem que possui uma variante à esquerda, conduzindo até um entroncamento onde a direita está a grota do Pripiri e a esquerda está a comunidade de Cachoeira dos Betes, passando ao pé do Morro Redondo e seguindo pelos caminhos dos remanescentes engenhos de Cana-de-açúcar.

O Povoado de Catuni é, hoje, um arruamento que fica à margem da ESTRADA DE FERRO DA BAHIA AO SÃO FRANCISCO (EFBSF), num ponto equidistante entre a capital Salvador e o interior do estado, em Juazeiro. A distribuição espacial tem como formato principal uma Meia Lua de onde emerge ramificações. Suas ruas são: Rua Nova, Rua Alto Bonito, Rua do Matadouro, Rua da Praça São Vicente de Paula, Rua da Areia, Rua Santa Tereza e Rua Olhos D'água.



Figura 1: Vista da Comunidade de Catuni (HEBERTE, 2020).

Na entrada da vila existe uma imagem do padroeiro católico São José que vai sentido Escola Municipal Maria Ivete e posteriormente na Igreja. Logo, percebemos casas e casarões espalhados pelo percurso. As construções históricas remetem a arquitetura colonial brasileira, transpassando seus dois séculos de existência. Tendo como pano de fundo as serras que criam uma visão panorâmica na linha do horizonte.



Figura 2: Um dos Casarões da Comunidade (HEBERTE, 2020).



CAPÍTULO I

1. CARTOGRAFIA SOCIAL I

1.1. CATUNI DA ESTRADA



Figura 3: Linha Férrea tangenciando as serras de Catuni (BONFIM, 2020).

Catuni da Estrada é uma comunidade composta de 620 moradores e 230 famílias com idade entre 0-95 anos. Antigamente o vilarejo era conhecido como Brejo, pois era uma área onde ocorriam chuvas constantes. Assim estava propício ao cultivo agrícola e criação de gado. Sabemos, são estes os principais fatores para a transformação dos espaços naturais. Catuni, por ser uma região muito rica em água, possibilitou que, por aqui, diferentes gerações tenham escolhido este lugar para ficar e estruturar suas vidas. Hoje, esta comunidade cravada no sopé das serras, é rica em memória que, esperamos, você possa conhecê-las a partir das histórias narradas aqui pelos moradores do local.

A etimologia da palavra Catuni vem da linguagem Tupi e significa “Terra Boa”. Pois como citado, era uma região de terras férteis e abundância de água, chegando a abastecer lugares com carência hídrica no município de Jaguarari, sendo constante o movimento de carros-pipas no entorno da Barragem da Leste e da Caixa d’água que fica à beira da linha férrea. Assim, passou a se chamar Catuni da Estrada por estar as margens da antiga estrada que intercomunicava as cidades vizinhas.

O movimento transversal causado pela implantação da estrada de ferro ligou efetivamente a estação de São Francisco¹, ao rio São Francisco, em Juazeiro. Foi aberta entre 1880 e 1886 pelo Governo brasileiro. Seus trens partiam da Estação São Francisco até o interior do estado, criando uma rota que liga Salvador ao Sertão, apresentando um traçado com aspecto e formas da antiga rota dos bandeirantes. A Estação de Catuni foi inaugurada em 1894, tal estrutura foi demolida restando apenas sua base e a sua caixa d’água proveniente da capital inglesa London. Por sinal, o resto de uma casa de antigos empregados e maquinistas da Leste ainda resistem ao alto do morro com uma estrutura que abastecia a caixa d’água. A estação não fica no centro do povoado, mas fora dele, em local pedregoso e não plano, toda a cidadezinha está a mais de 200 metros do que restou da antiga estação.

1. Localizada na cidade de Alagoinhas cerca de 123 km de Salvador.



Figura 4: Ruínas da estrutura que abastecia a caixa d'água inglesa (HEBERTE, 2020).

A estória popular é visualizada com pouca nitidez, sendo necessário estabelecer recortes para um possível entendimento da construção histórica popular, política, cultural e o conhecimento ecológica local. Isto se torna evidente porque as principais memórias do passado não existem mais. Acabaram por se perder no espaço-tempo, restando apenas poucos fragmentos físicos e sensíveis da história que resiste e persiste em ser contada por si só. Essa cartografia tenta capturar estes fragmentos de memória para que possamos, juntando os cacos, entender, minimamente, como se formou a Comunidade de Catuni da Estrada.

Historicamente, no ano de 1852, os membros da Junta da Lavoura² já discutiam a criação da ferrovia em questão.

2. Proprietários de terras da antiga Bahia.

Era governo do presidente provincial Francisco Gonçalves Martins. Isto evidencia uma história de Catuni que perpassa seus mais de 200 anos. A comunidade tem fortes raízes com o processo de deslocamento do sertanejo para ocupação de outros espaços, pois é evidente a presença de atores sociais vindo de diversos estados nordestinos, como: Pernambuco, Ceara e Sergipe, como podem observar nas histórias narradas. Destaca-se, esta história também se relaciona com as rotas dos antigos imigrantes Portugueses e Italianos que se aventuravam pelo Semiárido em busca de exploração, além das andanças dos povos ciganos que rotineiramente passavam por esses locais. As famílias fundadoras de Catuni foram os Guerras, Viana, e Bispos. A chegada destas pessoas possibilitou criar um espaço onde predominava a demarcação de terras de maneira segregada, visto que, hoje, os remanescentes da família Viana são os maiores detentores das terras da localidade.

Conhecendo as paisagens de Catuni, seus corpos hídricos, matas, relevos, surge na mente se, em tempos imemoriais, esta localidade foi morada de diferentes povos originários. Nas narrativas gerais, podemos afirmar que estão na territorialidade dos Payayá, povo indígena que ocupou uma vasta região dessas serras úmidas. Entretanto, quase nada sabemos dessa memória. Outra questão que nos saltou aos olhos é, sendo área onde localizamos uma rota de engenhos, onde está a memória do povo negro? A história do Semiárido, sabemos, é a história do silenciamento dos povos indígenas e da diáspora do povo vindo de África. Esperamos, um dia, poder acordar esse silêncio historicamente construído ao longo da curta história colonialista e escravagista das terras do Sertão.



Figura 5: Casa integrada à paisagem das Serras de Catuni (BONFIM, 2015).

1.2. GROTA DO PRIPIRI



Figura 6: Vale do Pripiri (BONFIM, 2020).

A Grota do Pripiri está numa variante que conduz a direita após a passagem pela barragem de Catuni. O caminho é bastante pedregoso e com vegetação bastante arbustiva. De início o percurso é marcado por um ganho de elevação que vai de 690m de altitude para 843m, como a nascente do Penêdo, na localidade da Senhora Irá³. A grota do Pripiri tem fortes traços com o processo de ocupação da região de Catuni. De acordo com as narrativas de alguns moradores lá era um local habitado por diversas famílias que se moldavam de acordo com o ambiente de montanha. Ali cultivavam seu próprio alimento, como: feijão, arroz, cana-de-açúcar, café, e frutas. Vivam em comunidade onde se realizava a troca de alimentos e o trabalho do dia-a-dia. Era local também de fortes tradições culturais. Cita-se que havia samba de roda, onde os moradores batiam tambores e festejavam a noite inteira.

Alguns moradores de Catuni também narram histórias que garantem ser o Pripiri uma região de possíveis encantados, por isso, dizem ser um espaço de forte vibração energética. A noite fria, nas entranhas do vale, relata-se, nos permite ter contato com diversas manifestações, como um som de tambor que soa noite adentro e barulho de criança chorando. Afirmam, com toda a certeza, que, quem se aventura pela região, ouve esses sons.

No local ainda resiste algumas construções que marcam, singelamente, o processo de ocupação daquele espaço. Ali também é possível visualizar um tipo de instalação formada de empilhamentos de pedras, marcados por linhas que desenham esse espaço. Relata-se que eram divisões territoriais construídas pelos habitantes dali. Alguns também contam, ainda, que existe na região um local que, no passado, era um cemitério da comunidade.

3. Iraci Barbosa dos Santos tem 76 anos e nasceu no Pripiri, é filha de Zuca Barbosa e Catarina. Hoje é residente na cidade de Jaguarari, BA.

Um fato histórico curioso é citado no livro do professor Christobaldo Motta de Almeida, “As Famílias Sant’Anna e Motta”⁴. Nele cita que seu bisavô, Sr. Manoel José Sant’Anna, conhecido por “Manoelzinho do Portão”, ocupou cargo político em Parapiranga⁵ como PEBA (Republicano). O ano era de 1890, época de um quadro geopolítico instável. Por questões políticas, Manoelzinho do Portão foi forçado a se mudar para a município de Senhor do Bonfim, onde herdara de seu Pai, Justino, uma fazenda com 5 escravos, libertando-os, afirmando que permaneceu ali residentes 2 (dois) ou 3 (três) destes. Esta fazenda era no Pripiri, hoje situada em Jaguarari, onde cultivava bastante café. Neste local residira seus descendentes e herdeiros. Este fato histórico tem fortes tendências de que a Grota do Pripiri foi uma região que prevalece as marcas de um período escravocrata.



Figura 7: Cerca de pedras na gota do Pripiri (BONFIM, 2020).

4. As famílias Sant’Anna e Motta – Dos sertões da Bahia e de Euclides da Cunha (pág. 41). Onde o autor investiga os primeiros passos de seus antepassados através de uma aventura humana que explorou os fatos do Sertão nordestino.

5. Município do estado da Bahia.



Figura 8: Pripiri (BONFIM, 2020).



Figura 9: Antiga casa da região (BONFIM, 2020).

1.3. PADROEIRO



Figura 10: Imagem de São José (BONFIM, 2020).

O padroeiro da Igreja Católica é São José, marido de Maria e pai adotivo de Jesus Cristo. Este é representado na mitologia Iorubá⁶ como sendo Xangô Aganjú, simbolizando a harmonia entre justiça e o amor, sendo tratado como uma entidade primordial, associada à terra (em oposição à água) e às montanhas e vulcões. As notícias dos evangelhos sinóticos sobre São José são escassíssimas. Lucas e Mateus narram episódios cristocêntricos em que o carpinteiro está envolvido, dizendo que José era descendente do rei Davi e residia no pequeno povoado de Nazaré, João apenas o menciona como membro da Sagrada

6. Conjunto de crenças que inspirou o candomblé é baseado na vida em harmonia e em comunidade.

Família, ao passo que Marcos sequer cita expressamente seu nome.

Os festejos sagrados ocorrem a cada março. As comemorações são marcadas pela devoção de católicos fervorosos que oram e agradecem aos pés de São José. A imagem foi fabricada na cidade do Rio de Janeiro, não se sabe ao certo a chegada da imagem sacra na comunidade. Logo, outro retalho da história persiste em ser contado: talvez este fragmento tenha ficado entre os escombros da antiga capela de palha e adobo. A construção sofreu duas reformas até os dias atuais.



Figura 11: Igreja Católica (HEBERTE, 2020).

O novenário acontece nos primeiros dias do mês se prolongando até o dia dezoito. Neste dia acontece a comemoração oficial do sagrado. Antigamente as novenas tinham maior participação social. Era um momento em que as pessoas se juntavam em um único gesto. Nelas eram realizados

os chamados “Leilões” para arrecadar fundo para a igreja, além da participação de outras regiões vizinhas.

A atual expressão religiosa de Catuni vem sofrendo algumas transformações em sua performance. Talvez isso esteja ligado ao processo de desconexão entre esse tipo de instituição e a sociedade. Trata-se de uma comunidade onde podemos perceber seguidores de outras vertentes espiritualistas tais como: Candomblé, Umbanda, Evangélicos e Espíritas.

1.4. MEMÓRIA DA ÁGUAS



Figura 12: Rio Catuni (BONFIM, 2020).

Em Catuni a água vem das entranhas da terra, jorrando através das nascentes do “Beijo das Bestas”, que possui esse nome peculiar porque, no passado, era comum a presença de animais chamados de bestas como, os cavalos e jumentos que viviam no entorno da mina d’água. A água como um todo é um

elemento essencial à vida. “Lembro-me⁷ nesse momento de meu avô Pedro Bola (*in memoriam*), que sempre dizia: “quem vier no Catuni tem que beber da água, pois nunca mais irá esquecer essa água, ela é muito boa!” Meu avô ao repetir tais palavras, para mim, é como se fosse uma maneira de nos dizer para cuidarmos da água, pois um dia ela vai faltar! Hoje carrego a certeza de que devemos cuidar das nossas águas, por isso estou engajado no Movimento Salve as Serras (www.salveasserras.org).

As nascentes estão inseridas no recôncavo das serras, estando em áreas um pouco degradadas, localizadas numa região que forma um contínuo dossel florestal, resultante da sobreposição dos galhos e folhas de árvores. A estrutura e estratificação destas matas permitem conectar a alta diversidade de fauna e flora local, revelando assim a importância de preservar estes espaços que são responsáveis por produzir água e promover a manutenção das espécies residentes e endêmicas do ambiente. O conjunto dos berços das águas seguem um fluxo inconstante, intercomunicando-se entre veredas e outros percursos criados pelo próprio movimento das águas. Na foz do rio Catuni é possível ouvir os sussurros mais distantes, criando uma espécie de paisagem sonora onde se misturam os sons naturais e orgânicos. Catuni sempre foi caracterizado por ser um lugar de muitas riquezas naturais. Ao todo é possível perceber 7 (sete) nascentes que servem à Bacia do Rio Itapicuru⁸ Uma destas fontes possui água de coloração escura, resultante da matéria orgânica e minerais do solo, como a nascente do Penedo na Grota do Pripiri. Suas águas marcam singelamente as pedreiras por onde escorrem, seguindo a direção do curso natural. Contudo, algumas dessas minas estão centradas em propriedades particulares,

7. Fala de Alan Ferreira, um dos organizadores do livro, morador da Comunidade de Catuni.

8. Curso d'água que banha o Norte da Bahia, na região Nordeste do Brasil. Sua principal nascente se localiza na Piemonte da Chapada Diamantina, no limite entre os municípios de Antônio Gonçalves e Campo Formoso.

ocorrendo uma certa apropriação dos Bens Naturais fazendo com que a sociedade no entorno não tenha acesso ao mesmo. Atualmente, a água para consumo é proveniente destes canais que desembocam na barragem, que foi construída faz se mais ou menos 100 anos sendo reformada recentemente pelo poder público com apoio técnico da Associação de Moradores locais.

Tendo em vista a vital importância da água de boa qualidade e a certeza de ocorrer a sua escassez em várias regiões do Planeta, esse problema tornou-se uma das maiores preocupações de especialistas e ambientalistas preocupados com o avanço da era do antropoceno, marcado fortemente pelas ações humanas.

A Bacia do Itapicuru, deve ser tratada como algo de muita importância pois é responsável pela vida de milhares de pessoas em parte do Semiárido baiano, sendo vital para todos os ecossistemas de vida que está no seu raio de ação, sobretudo no Piemonte Norte do Itapicuru que, berço de importantes fontes de água.

Historicamente, as nascentes de Catuni sofreu perdas em seus processos intrínsecos de manutenção e dinâmica. Esses impactos estão altamente ligados aos cortes intensivos de suas matas ciliares, sobretudo, para a elaboração de pastos para o gado, ocasionando, assim, uma redução drástica na sua oferta hídrica. Atrelado a esta mutabilidade, existe ainda as queimadas provenientes de crimes ambientais, podendo citar-se a queimada da Serra de Santana em Senhor do Bonfim no ano de 2013 e a queimada da Serra do Cruzeiro de Catuni no ano 2019, bem como a perfuração desenfreada de poços artesianos. Este é outro fator que carece de discussões acerca de seu desarranjo com o meio ambiente, estando fortemente ligado à especulação imobiliária que tem crescido nos últimos tempos na Comunidade. Tudo isso tem proporcionando a redução das águas para uso comum.



Figura 13: Nascente do Penedo com águas escura (BONFIM, 2020).

1.4.FOGO NA SERRA



Figura 14: Registro realizado durante o incêndio na Serra do Cruzeiro, com a Brigada Jaguatirica em combate (BONFIM, 2019).

Conforme mostra a foto, observamos o verde da serra sendo roubado pelas labaredas do fogo que dilacerou todo a sua vegetação. O incêndio florestal teve início após a queima de fogos de artifícios no cume da montanha. O fogo começou no dia 25/01/19 e se estendeu até meados do dia 30 do mesmo mês.

Nesse contexto, perdemos grande parte da vegetação nativa, o desastre ecológico foi terrível. De acordo com alguns ambientalistas, o acidente teve dimensão comparável ao espaço de dez campos de futebol, em cinzas. Cabe aqui, recentemente neste local pode se realizar um registro da existência de uma espécie de flora altamente ameaçada, a *Spigelia kuhlmannii*⁹.

A situação não foi pior devido a ação de brigadistas voluntários e o corpo de bombeiros para apagar o incêndio. Vale destacar a atuação da BRIGADA VOLUNTÁRIA JAGUATIRICA de Jaguarari, na Bahia, além do envolvimento dos moradores no combate ao fogo.

O ano de 2020 entrará para a história. O Brasil está vendo, com um nível de letargia e cumplicidade, a destruição pelo fogo dos principais biomas brasileiros, como a Amazônia, O Pantanal, o Cerrado e a Caatinga. No nosso caso, todo o conjunto de montanhas arde em brasas, desde o início da Cordilheira do Espinhaço, na região de Minas, passando pela Chapada Diamantina até bem perto de nós, nas Serras da Jacobina.

9. *S. kuhlmannii* é uma espécie encontrada na Caatinga baiana, com uma distribuição bastante restrita (EOO=1.832,08 km² e AOO=32 km²). Tem uma distribuição disjunta entre os municípios de Senhor do Bonfim e Ruy Barbosa, de maneira que se suspeita que a população seja severamente fragmentada. Além disso, a Caatinga vem sofrendo diversas ameaças, como a perda de habitat para a agropecuária. Dessa maneira, *S. kuhlmannii* é considerada "Em perigo" (EN). <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Spigelia%20kuhlmannii>.



Fotografia 15: *Spigelia kuhlmannii* (BONFIM, 2020).

A maioria desses incêndios são criminosos, como, supõe-se, tenha sido o de Catuni. Precisamos fazer da prevenção aos incêndios, uma das principais armas da luta ambiental no Brasil. Se não avançarmos nesse sentido, todos os anos, perderemos, tragicamente, a rica biodiversidade do nosso país.



Figura 16: Fogo na Serra do Cruzeiro de Catuni da Estrada (BONFIM, 2019).



Figura 17: Vestígios de um Crime Ambiental (BONFIM, 2019).



CAPÍTULO II

2. NARRATIVAS DA COMUNIDADE I

2. NARRATIVAS DA COMUNIDADE I

2.1 ANTÔNIO JOSÉ RODRIGUES DE BARROS “ZEZINHO”.



Figura 18: Seo Zezinho com o Monte do Cruzeiro ao fundo (HEBERTE, 2020).

SEO ZEZINHO “O GUARDIÃO DAS NASCENTES DO CATUNI”

Meu nome é Antônio José Rodrigues de Barros, tenho 62 anos filho de José Antônio Vieira de Barros e Elena Rodrigues de Barros. Tem um projeto aí de reflorestamento de beira de nascente. Andô uma professora aí. Aí falaram que eu conhecia a serra, as nascentes, tudo! Eu já tinha ido levar uma professora duas vezes lá, na nascente. É essa que é pra cercar e reflorestar, plantar por que é limpo. Ela agora tá criando um pézinho de pau, bem no pé da nascente, mas é lindo! Mas nunca secou Alan! Aqueles fogo que teve, aqueles fogo que teve antes, que o Doutor Gilson ainda foi apagar, os trabaiaador. Adepois aquele da Serra de Santana, queimou que ficou só o turrão. Aí eu

fui lá olhar, quando eu trabalhava na roça de lá eu passava lá! Tinha um poço e eu pegava água nele, cabaça, enchia a cabaça levava pra lá. 76 (1976) o Chico da Dondon dava água o gado lá mais o Antônio Cabral. Pastoranu! 76 foi uma seca puxada, aí ele pastorava lá e abriu o poço lá. Aí dava água o gado lá. Naquela serra assim de frente a roça do Nadinho¹. Naquela serra que vai pra lá, do Morro Redondo assim! Tem uma baixada, um córrego assim, que quando chove muito desce água de lá de cima, tem uma mata e ela fica acima da mata! Lá na última passage, que lá tem a nascente, a nascente sai ali. O rio desce ali dentro daquele córrego ali do Luizão tem água ali. Mais ela vem de lá! Vem de lá e entra no chão, agora mesmo tá zuando! Aí ele emenda, vem de lá e emenda e sai no rio. Ali ela já nasce ali, e pega o rio.



Figura 19: Nascente do Rio Catuni (BONFIM, 2020).

1. Leonardo Cajuí, dono da área onde se concentra as nascentes que abastecem a barragem de Catuni. Vale ressaltar, de acordo com o Código Florestal Brasileiro em seu artigo a região é caracterizada como APP (Área de Preservação Permanente). Pois é uma região onde possui reservatórios d'água naturais, as nascentes.

Aí a professora marcou, que era pra eu dar uma palestra lá (CETEP-Jaguarari), aí eu fui! Aí chegando lá, conversei mais ela. Aí ela disse: “É porque me informaram que o senhor conhece tudo!” Eu digo: “Eu conheço pedra por pedra, pau por pau.”

“É porque nois quer fazer um reflorestamento!” Disse Dona Jane. Ai eu disse: “Só Dona Jane, pra fazer esse reflorestamento, só presta numa época do inverno. Porque planta e num precisa nem moiá.” Aí marcou e disse que no tempo ia fazer as muda dos pau nativo. Esses pau aqui da serra, Paudarco, Pau-brasil, também é bom! Ao todo são três nascentes. Só tem nome o “Oio D’água das Bestas”, as outras num tem nome não.



Figura 20: Olhos D’água das Bestas (BONFIM, 2020).

NO CORAÇÃO DA MATA GENTE QUER PROSSEGUIR...

Os alunos foram lá! Fui lá fazer a vareda porque sabia que ali tava fechado. Esse povo não tem costume de andar no meio do mato. Aí piquei a foice pra dentro, entrei lá no Oio D’água

das Bestas e sai lá (outra nascente). Lá tem três via d'água, tem o do Oio D'água das Bestas, que tá correndo agora. Passa nela, mais é dentro da mata, essa daí não precisa reflorestar! Só que o fogo destruiu tudo, as matas! e passa nessa que é a que sustenta essas águas daqui (Barragem de Catuni). Lá no coisa² tem outra, mais lá eu não fui não, lá já dentro do Nadinho. Eu fui lá mais os alunos, aí rocei e vim sair no Nadinho, aí subi mais os alunos. Eita rapaz! Lá tem o capim liso, nego caía que nem imbu! Nois foi, chegaram lá tiraram foto. A professora me perguntou quantas bolas de arame precisava. Eu disse que uma só, porque tem um serrote de pedra assim pra cima (aponta num gesto superior), que é pra impatar de animal bagunçar! Agora num precisa nem cercar, era o animal que antigamente era solto! E hoje acabou.

Quando eu pensei que não, o cara chegou aí com dois rolo de arame. Tá guardado aí. Aí a ela (professora) perguntou: “E o pessoal aqui (Catuni)?” “Dona Jane! Não bote fé no pessoal de lá não, porque o pessoal de lá, como uns mesmos já falaram: “Pra quê aquilo lá?!” Mais eles num sabe do amanhã! Aí ela disse: “É Seo Antônio! Uma Andorinha só faz verão.” Mais eu num me lembrei de dizer assim: “Não Dona Jane! Uma Andorinha só não, tem que ser duas!” É o causo deu sozinho, eu não vou pegar o bolo de arame e cercar sozinho, pegar e reflorestar ela sozinho! Aqui se conta de dedo quem tem vontade de fazer! Você faz porque você reconhece a natureza, mais os outros daqui, eles quer saber da água lá na torneira! (Exaltado). “Lá num pode roçar, num pode fazer desmatamento nenhum. A primeira coisa que a senhora deve envolver é o Meio Ambiente, o Ibama! Disse a ela.

2. Se refere a propriedade do Antigo Senhor Nino pai de Leonardo Cajuí.



Figura 21: Umas das principais ameaças as nossas águas (BONFIM, 2014).

MEMÓRIAS DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Quando eu ia pra Cruz das Almas buscar laranja, eu passava numa pontona grande que tem (coça a cabeça num gesto de tentar lembrar). Lá na Pedra do Cavalo! O pessoal lá embaixo alimpando, os trabaiaador alimpando o canal. Pra baixo assim tem um marzão d'água. Você passa de carro e vê uma pontona³ lá em baixo. Eu passei na estrada indo pra Cruz das Almas. E aqui (nascentes de Catuni) não, se você for alimpar isso aí faz é secar! (Usa o exemplo da limpeza às margens do rio Paraguaçu por se tratar de um canal). Aqui as nascentes não devem ser limpas, e sim preservadas!

3. Ponte Dom Pedro II que cruza o rio Paraguaçu ligando as cidades histórica de Cachoeira e São Félix na Bahia.



Figura 22: Árvore *Vochysia pyramidalis* abundante da região serrana de Catuni (BONFIM, 2020).

Ali no Nadinho mesmo tá completo, aquela baixada toda. Agora só que ela é morredeira! Mas ela sombria. Ali na roça mesmo, ali abeirando o rancho, quando solta a semente impisteia dela. Bota uma frutinha lilás. Lá só tem esse pauzinho lá, o resto é capim, capim de serra! Ela lá (nascente), ela nasce aqui, aí quando já é aqui, já somi. Aí vem sair cá dentro da roça do Nadinho. Era a ex roça do Nadinho né!? Porque aqui pertence ao Governo. Essa aqui do Doutor Gilson (aponta para cima, pois a conversa se desenvolve ao sopé do Monte do Cruzeiro de Catuni, onde está localizada uma nascente com águas escura) também. Por aqui tem mais, no Cajuí. O Anísio tem nascente, o finado Agenor também tem, lá pra dentro!

Lá elas não secam não, nunca secou! O pior é que eles fazem é roçar. Ali, ele fez um desmatamento. Ali antigamente na época do finado Pedinho, ali pra ali, ele comprou um terreno que era do Demir, pra cima tinha mata que ia até no pé de uma pedreira que tinha, tinha nascente lá. Que vinha da mata do Nô (*in memorian*), mais foi roçado. Era pra ser conservado!



Figura 23: Ao sopé do Morro Redondo (BONFIM, 2020).

O causo que proibiram ali, o causo que tavam detonando dinamite ali, nessa serra aí do Morro Redondo! Aí acontece, se deixasse, se a polícia num chega e breca, Ave Maria! Ia envenenar tudo né (nascentes), principalmente a Estiva! Já tava começando vir gente até do Pernambuco, o pessoal daí de Petrolina! Aí se juntou o pessoal da Estiva e lutaram, disse que já tava registrado já! Esse pessoal aí rapaz, até aqui no Pontilhão, andaram aí

marcando lugar! Em cima daquela serra lá (Morro Redondo), parece que marcaram dois ou três lugares, na serra vindo de lá pra cá! Eu sei que aí teve uma época que os americanos andavam botandu umas placas aí, na serra aí! Diziam que era vulcão que tinha de areia, no Morro Redondo mesmo botaram uma placa lá, disse que era um vulcão de areia, que tinha lá, mais aquilo é minério! Aqui perto da roça mesmo, o finado Xêro sabia onde era. Nunca vi! Ele disse que tinha uma placa lá que eles botaram também. E aquilo se mexer eles descobrem na hora, porque tem o GPS né!? No Carrapichel⁴ tem uma lá, aí os cara foram e destamparam, oxi! num foi meia hora o avião baixou, procuravam tudo lá, a polícia, descobre na hora né, o satélite!

Ali tem muito minério ali! Ali tem lugar que você acha até aquele, aquelas pedrinhas de coisa, pedrinha branca, toda oitavadazinha! Esqueci o nome dela, descobriram lá dentro de um buraco lá! Uns cara andaram futucando, batia lá num buraco chega estremecia lá pra dentro, ocado! Cristal! Porque tem vários tipos de cristal né!

SEUS AVÓS

Meus avós, num lembro a época que eles chegaram aqui não! Porque eles não eram daqui não, eram dos Pinhões, num lugar chamado Serra Preta! Ficava, Serra Preta ficava na divisa, na beira do rio São Francisco. Trevessandu, do lado de cá era Bahia, pra lá era Pernambuco (se pronuncia em gestos que permite visualizar uma separação de áreas). Aí meu avô, desceram praí, compraram um terreninho alí chegando no Carrapichel. Tem até uma pedreira pela Estrada Velha. Tem uma casa desse lado e do lado de baixo, assim, era os terrenos deles. Ajuntava água quando

4. Município de Senhor do Bonfim, localizado no estado da Bahia.

chovia. Aí fizeram a casa lá na frente, adepois compraram um terreno no pé da serra aqui! Não deu certo lá e vieram embora pro Catuni, só não me lembro a época!

ENGENHO

Naquele pé de Cajazeira alí, no Nino, Tavinho. Ali era um engenho, do Anjo Ferreira. Essa baixada tudo era cheio de cana. Isso aqui também era cheio de fruteira, até lá em cima! Esse alto aqui tudo foi roça. Tangarina, laranja, bananeira, era tudo isso. O cafezeiro! Naquele tempo plantava muito café aqui, essa grota aqui, era tudo roça. Você pode entrar dentro daquelas matas que você vê a ruma de pedra que eles juntava. Ali no Anísio, pra sair lá no Pripiri, era tudo roça. Fazia cerca de pedra! Lá na nascente mesmo passa uma cerca dijunto. Ali era pra evitar de animal e divisa de terra. Lá onde eu trabaia mesmo, na sentada da serra, em cima da sentada da serra. Aí eles dividiam, lá onde eu trabaiei mesmo, no meio da serra pra cá era dos Guerras, era tudo dos Guerras, o finado Zézé Guerra, o pai do Xêro, era desse povo mais antigo que chegaram aqui. O povo do finado Né, é tudo Guerra também. Aí os véio morreram, e os fio foram embora, o lugar não ajudava, foram tudo pra Juazeiro. Lá no meio da serra pra cá era Guerra, daqui pra lá, pro outro lado, era dos Brandão, que tinha um engenho lá embaixo tombém. E esse povo da Lozinha, lá pro outro lado, já fica lá pro lado do Saco (Aponta para a região do Mulungu).

BANANA, CAFÉ, MANGA, JACA E ABACAXI



Figura 24: Pé de Abacaxi (BONFIM, 2020).

Era vendido na feira, troca de comida! vendia baratinho, não tinha valor. Aí pro lado do Pripiri, até hoje, ainda tem lugar que tem o terreiro que eles faziam, era no chão, pra secar o café! Alimpava o chão e estendia o café, depois pilava, pilava ele pra vender. Vendia aqui a saca de café, aí iam vender no Bonfim, vendiam pra esse povo do Sinhorzão, esse povo que tinha as vendas né!? Iam vender lá no Bonfim, naquele tempo era barato, num tinha valor não! O produtor era quem vendia de graça. Isso aqui, óia, tudo era roça, eu ainda rocei aqui! isso aqui era da mãe do finado Nino. Mas o finado Nino, todo ano ele deixava um boi pra roçar isso aqui. Ele dizia: “Isso aqui é minha mãe.” Eu rocei foi muito aqui, trabaindo. Lá em cima, ainda alcancei um pé de tangarina, mangueira! Até ali embaixo ainda tem mangueira, tem uns pézinho de mangueira ali dentro da mata. Lá em cima tinha uns pé de tangarina, era cada tangarina! Era do pai do Mizaeli.

Lá na sentada era roça também, chama Jiquí, ainda tem mangueira! Hoje mesmo eu fui buscar esse cabo de foice lá! Aí passei, tem um pezinho de mangueira bem assim (demonstra o tamanho da planta). Era roça, lá eu ainda alcancei jaqueira,

mangueira, abacaxi que eles plantavam. Esse pessoal da Estiva!

Antigamente era tudo roça, menos acolá, esse pé de árvore aqui, tudo era roça! A única árvore que tinha era o pé de laranja, pé de mangueira, um pé de banana, um pé de tangerina, o cafezeiro. O terreno era coberto com as plantações que tinha, mais era tudo desmatado! Aí na roça deles mesmo (Guerras) era tudo café, tudo roça, dos avós dele (Valtinho Guerra).

ROÇA NO TABULEIRO



Figura 25: Plantação de Abacaxi orgânico na roça do Tabuleiro (BONFIM, 2020).

Eu tenho isso daqui (Tabuleiro), mais não tô agredindo a natureza não, é só aqui mesmo, tem essa mata aqui, tem outra lá embaixo, essa mata vai ficar aqui para sempre! Muita gente das vezes diz que a gente tá estragando a natureza! Mas eu não estrago não, já toquei muito fogo, mais hoje num toco mais não. Às vezes eu limpava o mato e tocava fogo, mais hoje num toco mais não. Mais hoje se eu puder conservar o mato eu conservo.

Isso aqui era do João Pisquilha, aí o João Pisquilha morreu, e o Estevão ficou tomando conta! O Estevão era irmão do João

Risadinha! Ele foi embora pra Santa Rosa e vendeu ao Xêro. O Xêro dizia que aquilo ali era dele, que era dos Guerras. Aí o Xêro pegou e me vendeu. Nesse tempo comprei por um conto e seiscentos. Eu tava com um conto e uma coroa de espingarda, aí troquei a coroa pelos seiscentos contos que faltava para comprar a terra. Eu comprei por um conto e seiscentos. Aí ele disse: “Só que tem uma coisa! Tô vendendo as fruteiras e os arames que tem lá, aquele terreno ali é meu. E outra: num faça pasto não pra num mim prejudicar.”

Fui fazer os documentos da roça, vieram uma vez pra cá (povo que faz demarcação de terra). Aí o Xêro disse que se perguntasse era pra dizer que tinha comprado na mão dele. Mais ali era do governo, ele não tinha o documento. Cheguei lá e disse que pretendia fazer o título de terra. Aí ele disse: “Onde é?”, no Tabuleiro, na serra, onde andava animal, tudo solto. Hoje já tem lei, hoje ninguém pode fazer roça mas não, pois num pode desmatar, naquele tempo era liberado! Podia ser a mata do jeito que fosse. Ali, no dia que eu morrer, vai se acabar!



Figura 26: Seo Zezinho com sua companheira Bela (HEBERTE, 2020).

2.2. MARIA JOSÉ BARBOSA DE SOUZA “MARIA JOSÉ”



Figura 27: Maria José professora infantil (BONFIM, 2020).

Meu nome é Maria José Barbosa de Souza, tenho 64 anos, sou filha de Alcina Ferreira e João Barbosa de Souza (*in memoriam*). Alcina era da família Guerra, conheceu meu pai que morava no Tanque do Miguel. Tiveram dois filhos, nascemos aqui e moramos todos esses anos aqui. Resido na praça São Vicente de Paulo. Antônio Domingos Ferreira era meu avô e minha avó era Sara Ferreira, avós maternos! Eles eram primos. Por essa razão formou essa família grande! Meu bisavô era Vicente, pai de meu avô, ele veio de Portugal.

OS AVÓS

Meus avós eram desta comunidade, da família Guerra. Eu não conheci meus avós porque eles faleceram quando eu era pequena. Eu sei que o meu bisavô era de Portugal, quando chegou aqui era no século 19. Começou a comprar terrenos para construir as casas. A maioria deste lugar só tinha mata, então ele começou junto com a família a construir casas. Eu tenho uma prima desta família Guerra em São Paulo, e ela me falou que essa comunidade aqui foi meu bisavô Vicente Guerra de Portugal que formou. Ele chegou aqui em 1800 e faleceu em 1881. Então em 1915 a genealogia do Português Vicente já havia trezentos pessoas. Alguns fizeram casa no Jenipapo, onde morava os pais da Estelvina e Antônio, são avós de Sandoval, Magda e Maristela. São meus primos! Com o passar do tempo foram embora para outras cidades a procura de estudo e trabalho. Temos um primo Adilson que construiu uma clínica em Feira de Santana, e atualmente mora em Salvador. Ficou alguns por aqui, Francisco Guerra morava onde era a Rua Nova, ele tinha loja e farmácia. O nome da rua Nova passou a se chamar Francisco Guerra por conta dele.



Figura 28: Francisco Guerra que foi casado com Rosa irmã da Amélia Alves (Acervo da família Guerra).



Figura 29: Antiga família Guerra (Acervo da família Guerra).



Figura 30: Meu avô Domingos Ferreira de paletó branco atrás do senhor de paletó preto (Acervo da família Guerra).

ESTAÇÃO DE LINHA FÉRREA

Tinha a estação da linha férrea, esta foi construída no século 19. A estação era um ponto turístico, os jovens iam ver o trem chegar na estação. Tinha o trem de classe que transportava passageiros para Juazeiro. Quem tinha muitas frutas mandava vender aos passageiros do trem, mangas, bananas, tangerinas e jaca.

REPRESA

Tinha a represa de água, as pessoas de outros lugares iam visitar sempre. Um senhor Isaías (crente) cuidava desta represa muito bem. Havia plantas e árvores frutíferas.



Figura 31: Represa construída pela empresa Leste (BONFIM, 2020).

NOVENAS DE SÃO JOSÉ E MISSAS CATÓLICA

Nas novenas de São José os fiéis eram animados! Havia alvorada enquanto as pessoas acompanhavam com fervor. Festejavam nove dias em homenagem ao nosso padroeiro São

José. Cada novena os noiteiros ornamentavam a igreja diferente. Havia leilões e os fogos eram foguetes e bombão. Quando as missas que havia aqui em Catuni, meu avô ia buscar o padre em Bonfim, sempre né! A missa de Natal era meia-noite, todos os fiéis ficavam esperando dar meia-noite para acontecer a missa, e a missa o padre celebrava de costas para os fiéis, virava de frente pro altar e as costas para os fiéis. Todo ano tinha essa missa à meia-noite. As missas os padres celebravam em Latim¹, eu ainda lembro alguns cantos: - *Agnus dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis, ora-ora-pro-nobis*². Era em latim que eles cantavam, aí passou algum tempo e os bispos estudaram e viram que era melhor em português, porque todo mundo acompanhava. Eles cantando em Latim e eu só entendia “Amém”, tudo isso eu era menina. As meninas mais nova davam tanta risada quando a gente começava a cantar em latim. Tinha as mais velhas a Amélia Alves a Badinha, elas não gostavam, se a gente sorrisse elas davam bronca na gente. Para confessar e comungar nós tínhamos umas cadeirinhas para ficar ajoelhadas, não podia comer nada!

A CAPELA

Dizem que essa capela é a mais velha da região. O padre Max olhou a igreja e achou bonita, tinha umas pessoas que queria fazer uma torre, aí ele disse pra gente não mexer na igreja, porque ela é modelo velho, se mexer tira a beleza da igreja! Tradição de muitos anos, pois eles acham que é mais velha que a de Jaguarari. Como o padre mesmo diz, aqui era pra ser uma mini paróquia, pelos anos que tem Catuni, pelas pessoas que tem na comunidade, de estudo, inteligente, aqui era para ter um coral

1. Língua falada pelos antigos romanos habitantes do Lácio que é uma região da Itália central.

2. É uma expressão do Latim utilizada pelos cristãos para referenciar Jesus Cristo. Na tradução: Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

bem organizado, cantando e tocando! Porque a igreja é nós.

PERTENCENDO A SENHOR DO BONFIM

E aqui era para pertencer a Bonfim³, tú sabe da história? Tem uns três a quatro anos que eu soube, eles foram analisar uns mapas, e disse que aqui era pra ser de Senhor do Bonfim.

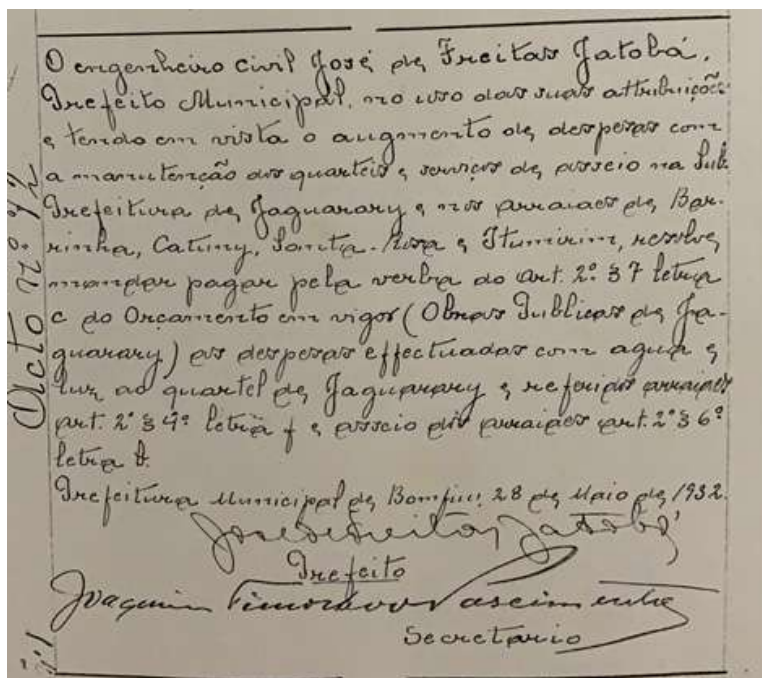


Figura 32: Decreto N. 72, - Arquivos de Bonfim (MARQUES, 1998).

CASAMENTOS

Quanto aos casamentos, os noivos e os convidados iam para Bonfim, iam num carro chamado pau-de-arara, era um

3. O Decreto N. 7202, de 16 de janeiro de 1931, anexou o município de Jaguarari ao de Senhor do Bonfim, novamente. Como prova a publicação do Prefeito Municipal de Bonfim à época, o Sr. José de Freitas Jatobá, de 28 de maio de 1932, Catuni é citado como povoado de Senhor do Bonfim.

caminhão com umas tabuas que chamava pau-de-arara. Era coberto por cima. Depois que teve a igreja aqui, nos casamentos, a noiva ia andando, e os convidados todos atrás, andando também, porque não tinha carro, todo mundo ia nos casamentos da igreja andando.

SALÃO DE FESTAS

Aqui não tinha espaço para festas, então faziam umas casinhas de palha para dançarem. Em 1970 o prefeito Zezito, a pedido do vereador Deto, construíram um salão municipal na rua do comércio, inaugurado em 1972. A partir daí começaram a fazer as festas de quadrilhas. Aqui não tinha lugar de fazer festas, aí de 72 pra cá, é que começou a ter esse espaço para dançarem. Depois veio a escola municipal. Nós trabalhamos muitos anos nessa escola. Ela foi reformada, para ser uma escola mais estruturada. Hoje está fechada, sem funcionamento nenhum neste espaço.

PARTEIRAS

Há muitos anos, era tudo difícil! Quando as mulheres iam ganhar nenê, chamavam uma parteira para pegá-lo. Dona Celina era uma das que “pegava” os bebês.

SÃO JOÃO PASSOU POR AQUI

Muitos anos atrás, quando eu era criança, as famílias se juntavam e faziam as festas nas casas, comiam e bebiam, dançavam e passavam nas casas, e assim se passava a noite de São João. A maioria, se juntavam para comemorar juntos, era uma festa sadia, tinha sanfona, era muito bonito! Tinha o triângulo também.

LINHA E ESTAÇÃO

Dizem que a linha tem 133 anos! Era uma estação bem equipada, arrumada! Tinha o agente, Seo Acildes. Conheci ele como agente da estação. Era assim um lugar de ponto turístico, as pessoas iam vender as frutas. Minha mãe tinha uns caixõezinhos assim de madeira, ia tudo arrumadinha assim, as mangas, todas as frutas. Aí as mulheres iam vender, ela (mãe) pegava e chamava as mulheres para vender. Vinham as moças e rapazes, tinha o trem de classe, né? Tinha os passageiros, as pessoas iam vender e paquerar! Eu fui pra Salvador de trem. Eu sair daqui no domingo 8 (oito) horas da noite, aí viajamos a noite toda. Na segunda de manhã chegamos em Feira de Santana e fizemos baldeação! Quando chegamos em Salvador era 11 (onze) horas da manhã.

PLANTAVAM DE TUDO

Eles plantavam tudo, de tudo assim! Era café, muito café. Era mandioca, mangueira, jaqueira, laranja, abacate! Vendiam na feira de Jaguarari e Bonfim. Eu vi meus pais fazendo isso. Vendiam pra fora também, vinha os caminhões, ficavam repletos de frutas, e ainda sobrava, se perdia na roça, e servia de alimento pros animais.

OS BISPOS

Tem os Bispos também, depois de meu avô vieram os Bispos, é uma família grande também!

AMÉLIA ALVES

A Amélia Alves era dona do correio, agente do correio daqui! Aqui tinha um correio que vinha telegrama, vinha carta, vinha dinheiro, encomendas! Era bem equipado, depois ela se aposentou e foi embora. Havia todo tipo de correspondência, naquela época era o único meio de comunicação desta referida comunidade.

A ENERGIA E A ÁGUA

Antes quando eu era criança, a energia era no motor, era uma energia fraca. Em 1976 o prefeito Zezito de Jaguarari colocou energia aqui. Depois veio a água também. Antes a gente carregava a água da caixa, perto da estação, carregava na cabeça, todo mundo aqui!

ENSINANDO AS CRIANÇAS

Eu copiei muito caderninho no candeeiro, trabalhava na escola particular! Eu fui pra Salvador com 13 anos, né? Aqui faltava professor. Então elas (professoras) vinham e voltavam. Quando eu passei pro quinto ano, fui pra Salvador, estudei o ano todo! Quando voltei tinha 15 anos, aí fui ensinar, fiz um curso em Campo Formoso também! Eu entrei na prefeitura em 1976 e me aposentei com 26 anos e três meses, o tempo todinho só em sala de aula, era bastante criança, não tinha auxiliar! Depois que chegou a professora Elenita, tinha o prédio lá embaixo, eu ensinava em uma sala e ela na outra sala. Eu pegava ABC, Cartilha e Primeira Série. Ela (Elenita) pegava Segunda, Terceira e Quarta Séries. Ficamos vários anos trabalhando juntas!

BADINHA E A IGREJA

A Maria Tavares, que o apelido era Badinha, era uma pessoa que era da igreja mesmo! Ela tava lá ajudando e dizendo o que era para usar, as toalhas, os castiçais. Uma pessoa que organizava a igreja. A igreja era pequena e depois foi aumentando. Parece que a cobertura era de palha! Como foi o padroeiro São José pra cá eu não sei. São José foi o pai de Jesus, né? Então ele foi muito bondoso, puríssimo e castíssimo, por aceitar Maria grávida do Espírito Santo. Deveria ser o exemplo das famílias, se as famílias se espelhassem na família de Nazaré seria outras!

CIGANOS

Eles sempre vinham, sempre apareciam, eu era menina e vi muitas vezes! A gente ia pra escola e via os ciganos, nas cabaninhas deles. Eles passavam, mas teve um tempo que um vereador tirou esse negócio de ter cigano aqui! Alguns foram morar pro lado de Juacema⁴.

CATUNI

Eu gosto daqui porque nasci aqui! Deveria ter mais progresso, mais educação, mais professores e emprego, a maioria das pessoas vão embora em busca de emprego! Mais é um lugar bom de morar. Por exemplo, a festa de São José era animada, todo mundo participava pois não tinha festa de largo. Tinha os leilões e os jovens participavam mais. Era melhor!

4. Também município da Cidade Jaguarari.

2.3. JUSTINO PEREIRA DA SILVA “TERREIRO DE UMBANDA SETE FLECHAS”.



Figura 33: Seo Justino dono do Terreiro Sete Flechas (BONFIM, 2020).

Meu nome é Justino Pereira da Silva, nasci em 1948, em vinte oito do cinco. Meu pai era Manoel Pereira da Silva e Isabel Mendes da Silva, não conheci nenhum do dois! Mais tem tudo no documento. Naquele tempo não tinha civil, era o padre, o casório da igreja! Vim do Tanque do Miguel (interior de Jaguarari), cheguei aqui com 8 anos, hoje, tô com 72 e meio!

OS PRIMEIROS MORADORES

A primeira família foi o povo dos Guerras, Antônio Guerra, Pedro Guerra, Né Guerra, os mais velhos. O Antônio Guerra eu num conheci porque foi o que mataram ali, naquela cajazeira ali onde vai pra represa. Ali era uma cancela que tinha, era roça. No tempo do Né Calvacanti, o mandão daí da ferroviária, dessa linha de ferro aí, foi lá que mataram ele!

Primeira família foi os Guerra, quem descobriram aqui essa região foi os Guerra, adepois veio os Bispos. São tudo aí do Pernambuco. A família do Otávio Bispo, do finado Zé Bispo, que era o dono disso aqui (aponta para o espaço onde está inserido o Terreiro Sete Flechas). Isso aqui mesmo era do Otávio da Tereza da finada Zumira. Adepois dos Guerra foi que começou vir os Bispos e outras nação. Aqui existe nação de todo tipo, aqui tem nação da Caatinga, o povo dos Rufino, Mané Rufino, esse povo. Tem as pontas de rama aí. Tem o Zé Rufino e o Deuzinho. Teve gente do Curaçá. Vicente, o povo do Zé da Cotinha, não são daqui, são do Curaçá! Vieram de lá.



Figura 34: Sítio dos Vianas (HEBERTE, 2020).

ECONOMIA LOCAL

Faziam roça. Cultivavam mandioca, feijão, milho, melancia, como hoje tem só lembrança. Quando chegaram já começaram a ter atitude, já tinha o começo de café, quem pegava um pedacinho de terra ia plantar o café pra comer né, tinha banana...

Naquele tempo num tinha nem como vender, vender pouco. Porque a renda era só pra você comer, alimentar a família e o que sobrar ia vender lá no depósito, naquele tempo era depósito, hoje não tem, né? Negócio é armazém. Vendia o licuru, esse foi o maior tesouro aqui na nossa região. A banana, quando chegou, uma época, um tempo aí, aí começaram a tirar para Juazeiro e Petrolina, a Manga. Que hoje não tem mais, né? Hoje você tá vendo aí a situação, quem tem um pé de manga tem que orar muito pra Deus, pra ele vê se ainda se cria! Aqui era cheio de pé de manga, de espada! E hoje tô vendo essa daí (alguns remanescentes de fruteiras), essas aí já são novas, que nem tem aquele ali (aponta para um pé de manga no entorno do Terreiro). Tô tentando com uns novo, tá aqui agora uns quatro pé! Né? Aí fica difícil meu irmão, as coisa é complicada!

AS NASCENTES DAQUI...

As nascentes daqui ninguém podia cortar árvores, tirar, a não ser um cabo de enxada ou tirar uma linha de pau pro caibro. Tinha que subir aqui, porque você sabe que as casas era tudo de barro, taipa, né? Tem que subir adepois das nascentes das águas e tirar essa madeira, aquele que não atingisse as nascentes! E hoje tá vendo aí a bagaceira! Nascente tinha muito, tem essa daqui (aponta para a serra onde está localizada a Cachoeira da Estiva) que vem de lá da Serra de Santana, que já pertence o Morro Redondo. Tinha essa original; tem a do Pripiri que hoje eu acho não tem mais água! Tanto desmataram como também fizeram paredão na frente das águas!



Figura 35: Cachoeira da Estiva (BONFIM, 2020).

OS ÍNDIOS NA HISTÓRIA

Quando eu vim praqui, foi em 70, 60, 63 (faz um cálculo mentalmente), 64 até 65. Tem as histórias dos índios, tem a história dos caboclos brabo, que por sinal, aquela Pedra Grande lá, ali na primeira passagem pra segunda, tem umas marcas, bem diferente!



Figura 36: Pedra da Onça (BONFIM, 2020).

NEGROS ESCRAVIZADOS

Naquele tempo era área da escravidão, aqui mesmo eu não sei! Mais próximo tem (Quilombo de Tijuaçu). E os capitão, né? Sempre teve os cativeiros, sempre teve! Nessa rede ferroviária mesmo, foi tudo manual, não foi feito a máquina não, quem era que sabia o que era uma máquina na época! Os mais velhos, o finado Zé Guerra, conta que era banguê, um negócio assim, pega umas lata, uns cipós, aí pega dois pau, trevessa um lá e outro cá e aí trança, num vê um caçuá? Era desse jeito pra carregar as coisas.

O ENGENHO DA BAIXADA

Um engenho tinha, naquela baixa ali onde é do povo do Nino, do finado Anjo marido da Moça Guerra, mãe do Ranulfo Guerra e do Pedro Guerra (Bem) marido da finada moça, o finado Anjo! Eu alcancei só os Morão lá.

QUARANDO ROUPAS

A água não faltava! Aqui era uma lavagi de roupa nesse pontilhão, das muié, nessa parte de cá! Lá na Fonte Velha, onde vai pro Barracão, tinha outra fonte de lavar roupa, lá no pé da represa era outra lavagi de roupa. Sua família mesmo, finada Amália, finada Eva, esse povo! Viam buscar água aqui na beira da Caixa (aponta pra antiga caixa d'água da Leste).



Figura 37: Caixa d'água proveniente da capital Londres (HEBERTE, 2020).

MOVIMENTOS CULTURAIS

Sempre tinha os forró, são João e natal. Só nunca teve aqui, foi assim, movimento de carnaval. Forrozinho assim de

fazer São João, aí nós pegava, digamos, daqui do finado João da Dalila, aí nós subia, passava nas casa da finada Mãe da Mirô. O finado Pêdo tinha lá um pé de ladainha, a gente fazia um cordão, ia pra casa que fosse ou do finado Antônio Cândido ou do finado Alexandre, sei que nois amanhecia o dia na rua. Era uma festa assim, digamos, sem agressão, era aquela amizade!

DE BREJO A CATUNI DA ESTRADA

Catuni era Brejo, a origem de Catuni é Brejo! A origem do Catuni é Brejo. Botaram esse Catuni da Estrada a poucos anos, porque não existia Catuni! Brejo! Brejo! Era o Brejo! Aí tem esse Catuni de lá (Catuni da Grota), porque toda vida teve esse Catuni lá em cima. Aí eu acho que a política mudou! Depois que mudou de Brejo pra Catuni da Estrada!

AS FRUTAS

Aqui o mamão, cê plantava um pé de mamão, quando ele produzia, cê num dava conta de jeito nenhum. As sementes que os passarinhos comiam, que se soltava, defecava, aí nascia que você num dava conta! A banana! Naquela roça mesmo, de seu pai! Que ninguém é dono, né? É de Deus, a gente só cultiva alguma coisa! Aquilo ali era do Finado Pêdo Cheroso, na época, ali a banana, nois passava pra grota, os nico lá fazendo inveja pra nois, com os cachos de banana tudo desse tamanho (faz um gesto de mensuração). E hoje, o que é que tem? Isso aqui era cheio de banana!

MINERADORAS PREJUDICAM SIM!

Prejudica sim! E muito! Não adianta eu ter essa área aqui! Aqui tem uma via de minério, passa bem aqui! Ela sobe aqui, sai ali naquela, ali abaixo, num tem aquelas duas Braúna lá? Ela passa ali! Vai direto pro Morro Redondo, né? E aí, se for

fazer isso aí, já não tem, você tá vendo a nossa situação, a crise, da velocidade do ser humano, que aí é mais a velocidade do ser humano! Hoje tá aí, você tá vendo que esse tempo não passamos sem o milagre, o sangue da Terra!

TERREIROS DE AXÉ

Tinha, tinha a Dilina e eu aqui quando cheguei! Eu trabalho com Umbanda, o Candomblé é quem trabalha com o azeite de dendê! Eu não trabalho com essa parte, tem os santo, os caboclo. Digamos assim: você é uma matéria, um bom espírito, aí você desencarna daqui da Terra, aí você vai, Deus vai li dar uma continuidade lá, uma luz! Você vai e se encosta num Santo, que sêje Santa Bárbara, que sêje Santo Antônio, São José! E aí quando vem pra religião, já vem como uma imagem, assim comparando o santo, é os orixás, né? Tem Oxóssi, Sutão, Boiadeiro, tem Gentil tem Ogum, Omolu, Janaína, Iemanjá, Santa Bárbara, Iansã, Nanã, Joana D'arc, Xangô, Omolu que é São Lázaro e Obaluaê. A Umbanda é uma religião completa, porque trabáia com muitas entidades, né? Mais a gente tem que ter o momento de saber qual é o que vem de frente, qual é o que vem atrás. Todo mundo é caboclo, vê o que é que pode trabáia! Porque as vezes cê tá aqui no Terreiro, cê abre uma sessão, aí vai fazer, digamos, uma obrigação, às vezes vem um espírito maligno, chega e si encosta em um dizendo que e santo fulano, tudo isso a gente tem que ver, tem que saber, né? Hoje tamo vivendo aí no fim da batalha! Se tivesse ser humano como era no começo, fica até mais importante!



Figura 38: Altar de Santos (BONFIM, 2020).



Figura 39: Pássaro Casaca-de-couro ou *Pseudoseisura cristata* (BONFIM, 2020).



Figura 40: Banda de pífanos de Catuni (BONFIM, 2020).

BANDA DE PÍFANOS CALUMBI DE CATUNI

Tem uns instrumentos lá que passou oito anos pendurado, eu comprei! Aí o cara me pediu pra vender aqueles bumbas do João Lourenço! Digo: “vendo! Vendo porque ninguém quer, né?” As crianças com vontade, mais eu não consigo desenvolver, tinha que ter uma aula da igreja, né? Quando se falou de vender os bumbas, se num tinha quem tocasse nada! Meus netos me agarraram bem aí na entrada da porta, pedindo para eu não vender! Eu olhei pra eles e disse: “Não vou vender, vou mandar ajeitar!” Pois de agora em diante vão si entender, ajeitar os meninos pra ir tocando! Quando eles começaram, o Caíque na caixa, o Gustavo no pife, o João Lucas no outro, aí o Paulinho do Paulo ficou arrudiando, né? Eu fazia aquela bacia de pipoca, comprava guaraná, aí encheu!

OS CIGANOS

Os ciganos passaram aqui. Aqui nesse campo onde era o prédio velho, tinha a rocinha do finado Pêdo da Gertrudes, eles

ficavam ali! Mais não morando, só passava oito dias, quinze.... Ou que ia descendo ou que subisse!

PARTEIRAS

Aqui a parteira que eu conheci, no meu entendimento, no meu conhecimento, só tinha a finada Donana, que é dali no Morro da Abóbora, que veio morar bem ali, onde hoje é a casa onde mora aquele Adelson, ali na baixa. Donana chamada, de parteira!

REZADORES

Rezador aqui tinha o finado Zé Buqinha, o vô do Wilson do Bar! Tem o veio Antônio da Délia! E mulher tinha a finada Zabéli, do Zé Guerra (mãe do Xêro e do Benigo, é dos Lunguinho), que também era parteira! Se chegasse uma mulher, a mulher tivesse pra ganhar ela dizia e se fosse pra morrer ela também despachava na hora! Que num tinha mais pra onde, né?

A LINHA DE FERRO



Figura 41: Estrada de Ferro inaugurada com trilhos em 1894 (BONFIM, 2020).

A construção era no tempo do cativoiro, do carrasco, como chama dos anterior! Ela num foi feita de máquina não, foi feita manual. Até agora o trem não passa mais, ninguém sabe daqui pra frente, né!?

Quando chegaram, os primeiros eram os Guerras e os Bispos! Fizeram as casas aí. Aqui era uma feira, onde era a Estação, era uma feira. Era quinta, sexta, sábado e domingo a ferinha aí (aponta pra parte superior onde está localizada as ruínas da antiga estação de trem). Aqui vendia, comprava também, alguma coisa de Bonfim ou Salvador, era uma feirinha! Tá os alicerces aí, da antiga estação!

2.4. MANOEL MESSIAS BARBOSA - “O SINEIRO DE CATUNI”



Figura 42: Messias (BONFIM, 2020).

A FAMÍLIA

Meu nome é Manoel Messias Barbosa, filho de Alcina Ferreira Barbosa e João Barbosa de Souza, o pai de meu pai eu não alcancei, e o pai de minha mãe também não alcancei! Minha mãe morou aqui era da família dos Guerras, agora só que meu pai já foi lá do Tanque do Miguel! Antônio Domingos Ferreira era meu avô e minha avó era Sara Ferreira, avós maternos!



Figura 43: Antônio Domingos Ferreira avô de Messias (BONFIM, 2020).

ANTIGAMENTE ERA BREJO

Catuni não sei! Quem botou esse nome não sei. Não sei como é que surgiu! Aqui, antigamente, chamava de Brejo! Agora porque botou esse nome Catuni? Antigamente chamava Brejo por causa que aqui chovia muito e aí era água pra todo lado!

PRIMEIROS MORADORES

Rapaz, vejo o pessoal falar que é, primeiro, foram os Vianas, e meu avô! Meu avô era o Antônio Domingo, morava aqui no Catuni! E aí, ali, o pessoal dos Alves! Onde o Zé Carlos tá morando hoje. O Francisco, tio dele, chegou de Belo Horizonte e reformou a casa, a frente! Era o pessoal dos Alves, era um desenho muito bonito, e ele mudou! Ali o Alcir também dismanchou a casa, que era do pessoal da Batatinha! Ali, o Aldo também, que ali é o pessoal parente da Lidi!

Os moradores antigamente, os que eu sei! Só aqui as casas aqui perto, aí esse Viana (aponta para uma das primeiras casas do local), eles moraram em Salvador! Agora só que eles vieram fazer, isso aí é do Alípio, já era pai do Alfredo Viana! Quando essa Leste¹ passou já tinha essa casa aí (Sítio dos Vianas), a casa de meu avô,

1. Viação Férrea Federal Leste Brasileiro.

ali na casa da Nenzinha, casa do Zé Pedro! A casa do meu avô hoje é do Walter Guerra! Rapaz, diz o pessoal que aqui era mata. Isso aqui antigamente era mata, aí veio a família dos Guerra praqui, veio os Viana, veio o pessoal dos Alves! Agora não sei de onde veio, e veio morar aqui! Veio o pessoal da Nenzinha, veio o pessoal ali de Tio Né! Tio Né que é irmão de meu avô, irmã do avô do Walto! Tio Zézé já foi nova ali, a casa do senhor Bem²! Que ali foi feito em 26, eles moravam no Muquém, a casa é de 1926! Ai vieram morar aqui, porque aqui essa casa aqui do Xêro, foi destruída, aí vejo dizer que ali era (faz uma conta mentalmente e projeta para contar o número de sala de aulas) quatro salas de aula! Era uma escola.



Figura 44: Sítio dos Vianas (BONFIM, 2016).

PASSAGEM DOS CIGANOS

Rapaz, os ciganos vinham de fora e ficavam aqui no campo de bola. Do campo de bola, ali, da casa do Gilson até nossa roça, eles ficava! Se amoitava ali, mais depois que cortou os pé de pau, eles se arretiraram e foram embora! Mais o acampamento deles

2. Pedro Guerra, antigo morador de Catuni.

era aqui, no campo! Mais ali (aponta para uma casa antiga), Seo Pedro da Girtrude³ (ambos *in memoriam*), veio do Tanque do Miguel nessas andanças! Aqui, essa casa aqui de Seo Pedro⁴, ali era do Zé Camilo, pai do Taíde! Que era uma tenda! A tenda era negócio de ferramenta! Tenda é negócio de Ferreiro! Aí vendeu a ele, daí o Sinhorzão⁵ deu a casa, o que era o pai do Sinhorzão, deu pro Seo Pedro morar! E aí, ali, na quadra, no campo, entre aquela escola ali, era do governo! Porque o governo fez o prédio, mais o Deto⁶ dismanchou! Jaguarari tem os prédios do governo, Carrapichel tem os prédios do governo, Bonfim tem os prédios do governo! Mais o Deto dismanchou, destruiu!



Figura 45: Dona Gertrudes e seu centenário (JOSÉ LUIZ, 2020).

3. Dona Gertrudes Maria Viana da Silva nasceu no dia 20 de junho no ano de 1920 na Fazenda Tanque do Miguel, e faleceu no dia 26 de agosto em 2020, na cidade de São Paulo. Era filha de João Francisco Duarte e Maria Gomes Duarte.

4. Seo Pedro Viana da Silva nasceu no dia 29 de junho de 1920, sendo natural de Senhor do Bonfim. Era filho de Manoel Viana e de Luiza Maria de Jesus. Faleceu na cidade de São Paulo no dia trinta e um de outubro de dois mil e quatro (31/10/2004).

5. Osvaldo Bispo de Souza, nasceu em 03/11/1914 sendo natural de Catuni, era filho de José Bispo e Joana Bispo, faleceu em 24/06/2001 na própria comunidade.

6. Morador e antigo e ex representante político de Catuni.

A IGREJA CATÓLICA



Figura 46: Messias batendo o sino da Igreja (BONFIM, 2020).

Rapaz, desde quando eu nasci já era feita essa igreja aí (aponta para a Igreja católica que fica ao lado da sua casa)! Agora, só que, disse que já foi feita três vezes essa igreja aí! Ela foi feita lá, a primeira, a segunda, e aí aumentaram

PARTEIRAS

O que eu vejo falar aqui que era a Celina e a Délia ali que era mãe do finado Nilson! Dona Délia.

REZADORES

Rezador só sei do Antônio Bodeiro, mais Seo Antônio Bodeiro ele não morava aqui não! Ele me contou a história, morava na Gameleira aí casou com uma mulher dos Olhos D'água, aí ficou! Comprou essa casa aí e o Otávio Bispo foi o testemunha

do pagamento da casa! O Otávio Bispo⁷, ele era quem comandava nosso lugar! Hoje nosso lugar tá um lugar atoa, porque os mais velhos morreu, aí tá sem orientação, tá desorientado nosso lugar! Tá aí atoa!

POLÍTICA

Esse pessoal da prefeitura que tá pegando água aí no poço artesiano, era pra tá pegando na represa! Porque não roça o caminho pros caminhão e pega lá? Num tá passando água à vontade aqui! Então eles não tão sabendo, tá tendo necessidade aqui! Sabe que nois tem água à vontade, tem o tanque da represa, esse tanque da represa a CODEVASF⁸ falou que aí, as águas é pros Catingueiros!

A LESTE

A represa foi feita junto com a Leste, a estrada de ferro. Aí a Leste, eles tem os documentos, o pessoal da Leste, tem a estação, tá tudo lá com eles! Quando a linha chegou já tinha as casas, a casa de meu avô, a casa ali no Zé Carlos. A casa do Zé Carlos tem 15 metros da linha, porque é quinze pra lá e quinze pra cá! Distante da linha. E não desmanchou porque tava feita a casa, mais pegou no meio da casa, que era do pessoal dos Alves, mais aí é tudo da Leste!

SÃO JOSÉ

São José veio do Rio de Janeiro, tá na placa nos pés de São José! Então o pessoal do nosso lugar escolheu São José!

7. Era visto como um coronel, onde delegava as questões sócias e sancionava punições.

8. **Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF)** é uma empresa pública brasileira, destinada ao fomento do progresso das regiões ribeirinhas dos rios São Francisco e Parnaíba e de seus afluentes, nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Distrito Federal, Goiás, Sergipe, Piauí e Maranhão. Sua sede e foro ficam em Brasília.



Figura 47: Imagem sacra (BONFIM, 2020).

OS ENGENHOS

Aqui já teve, meu avô tinha engenho! Meu avô Antônio Domingo. Era ali de nossa roça hoje até na represa que nos bebe água, era tudo do meu avô! Meu avô morreu e minha avó vendeu pro Anjo Ferreira e pro Chico Ferreira. Tinha engenho aí, tinha engenho aqui nos Viana, aqui tem uma parede de cimento no rio, era parede pra vedar a água! Do rio pra cá era canavial, do rio pra lá, até na serra, era cafezal! Agora não chegou no meu tempo! Lá na roça de meu avô também, tem o alicesso. Na roça de meu avô, era do finado Pedrinho, ali também tem um alicesso, porque do rio até a cabeceira era tudo canavial!

LOJAS E FÁBRICA DE CAFÉ

Ali no finado Zé Alves, era loja! Loja é fazenda, loja é pano, loja é fazenda! Aqui na Luciana que era do Joaquim da Lídia tinha a fábrica de café, mais eu não alcancei não! Alcancei a venda

do Sinhorzão⁹ tinha uma venda aqui no Joaquim Julião, tinha a venda do Joaquim da Lídia, era duas vendas encostada na outra!

EXPRESSÕES CULTURAIS

As festas antigamente, tinha só São José dia 19 de março. Essas festas que inventaram agora, de certo tempo prá cá, num tinha não, era só São José mesmo!

Aqui tinha uma carreira de palha, já viu como é antigamente corrida de cavalo? Corrida de cavalo. Pois é a mesma coisa aqui. Era toda cheio de palha, tinha os pau pra amarrar as palha, e aqui tinha um arco! Tinha um corredor aqui e outro do lado de cá, e no meio desse arco tinha a lanterna que colocava vela. Era muito bonito!

São João aqui, tinha as quadrilhas, em São Pedro, as quadrilhas, foi o João Capoeira que fazia.

O REISADO, AS RODAS DE CIRANDA E SÃO GONÇALVES

Rapaz (permanece em silêncio durante um tempo, no processo de resgate da sua memória)! A finada Badinha ela fazia, fazia Reisado, era muito bonito! Ensaiaava, começava no final de dezembro. Era o pessoal tudo com aquilo, as ciganas! O Demar, era com a espada! Ave Maria! É bonito, ó! Quem sabe mais é a Lena da Lindor, a Lena da Lindor brincou disso aí! Quem pode dizer mais só é ela. O Reisado era de seis de janeiro!

Roda tinha muito, né? Porque, antigamente, não tinha televisão! A Roda de São Gonçalves tinha, algumas pessoas! Aqui sempre as pessoas faziam, uma vez a Marina fez, ali o pessoal de João Lourenço, mais ali é porque faz pedido! E aquele pedido é uma devoção que quando a pessoa alcança aquela graça, eles fazem a roda, agora é o dia todo! É muito cansativo, passa o dia todo as pessoas dançando!

9. Osvaldo Bispo de Souza foi um antigo morador de Catuni, remanescentes da família Bispos.

OS BATUQUES DO AXÉ

Logo eu, uma pessoa que não saia de casa, parece que tinha no Xêro, mais depois! Eles batia aí, agora nunca fui lá! Tinha na Dilina, mais não tem mais, ali no Justino acho que ainda tem! Esse ano num teve não por causa da doença (pandemia)! Mais eu nunca fui não, essas coisas negócio de candomblé eu num sei dizer nem como é!

OS VICENTINOS



Figura 48: Igreja de São Vicente (HEBERTE, 2020).

A igreja de São Vicente veio agora, de 93 pra cá! Porque ali era o motor! Antigamente era motor, quem tomava conta de lá era o Adão Guerra, ele quem ligava! No dia que pegava tinha luz na rua, no dia que não pegava, ficava no escuro! São Vicente ficava aqui antigamente (igreja de São José).



Figura 49: Messias e São José no Rio Catuni (BONFIM, 2017).

2.5. ÓZEAS MARTINS DE LIMA



Figura 50: Senhor Ózeas Martins (BONFIM, 2020).

Meu nome é Ózeas Martins de Lima e tenho 83 anos. Eu vim do Tanque do Miguel, cheguei aqui de morada mesmo, com 20 anos. Meus pais era de lá mesmo. Meu pai era o Eliseu e a minha mãe Maria Cecília. Eles morreram aqui, se enterraram aqui. Aqui eu trabaiei, tivemos a família aqui, doze fio, criemo tudo aqui, tamo aqui! Não conheci meus avós. Eu num morava aqui, mais andava por aqui, mais de morada mesmo vim morar aqui com vinte anos!

ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR

Eu me lembro do engenho de cana que tinha, ali onde é o poço artesiano! Ali tinha um engenho. Não me lembro de quem era.

GUERRAS, BISPOS E VIANAS

Aqui tinha muita casa! Os primeiro morador foi o povo dos Guerras, dos Bispos, dos Vianas!

ESTRADA DE FERRO E SUA ESTAÇÃO

Quando eu mim intendi por gente, já tinha a estrada de ferro. Eu acompanhei a estação, a estação eu mim lembro! Tinha o trem de ferro, a linha!

VIVIAM DA ROÇA

Vivíamos da roça, plantando feijão, milho e café! Tinha muito café, acabou tudo! Tinha cana!

AS NASCENTES

As nascentes são as mesmas que tem hoje!

OS CIGANOS DE PASSAGEM

Os ciganos tinha de passage, passava de passage.

CULTURA

Antigamente tinha forró, sanfona! Tinha o Reisado também, tinha o Samba de Palma! Eu ia, num tava doente né! Eles tocava tanta batucada, que nem mim lembro mais, tem mais de mili ano!

PARTEIRA

Parteira tinha a Donana, que era a mãe da finada Délia. Também tinha a Celina, aculá embaixo.

REZADOR

Rezador tinha o Veio Zeizato, que ele num morava aqui, mais rezava no povo aqui. Ele morava no Cupim¹!

O PADROEIRO DAQUI

Eu ia pra festa do padroeiro, São José o padroeiro daqui!

1. Região próximo a Catuni, onde era habitado por antigos moradores.

TRABALHO NA GROTA DO PRIPIRI

Trabaiava pra gente, trabaiava pros outros, a vida era essa! Morava muita gente lá (Grota do Pripiri), de trás da serra, fazia samba lá, fazia forró, banda de pífano!



Figura 51: Grota do Pripiri (BONFIM, 2020).

CONHECENDO MARIA

Conheci a Maria², ela morava nas Caatingas, na Maçaroca, era de lá! Maria é uma mulher muito forte, tem um conhecimento, sabia de muito remédio caseiro, no terreiro não faltava ervas de todo os tipo. Foi uma mulher de muita fibra, vivia em cima do lombo do jegue. Tanta areia andou, da lua cheia sabia muito, vinha de longe léguas trazendo todo a sabedoria que herdou de seus ancestrais.

2. Avó materna de Alan Bonfim, detentora de um conhecimento ancestral sobre práticas curativas com ervas medicinal.



Figura 52: Dona Maria do Ózeas (Acervo da família).

CATUNI É UM LUGAR BOM

O Catuni é um lugar bom, tem que mudar as coisas, mudar pra melhor, né? Mais aqui num era lugar ruim não, toda vida teve água!

2.6. RENATO CRUZ “ESPOSO DE DONA LIZETE”



Figura 53: Renato Barreto, 80 anos (BONFIM, 2020).

Meu nome é Renato Cruz e tenho 80 anos. Nasci aqui dentro dessa roça (aponta para uma área ao lado da sua atual casa)! Meus pais não são daqui, meu pai é do Ciará! O nome dele era João Cruz do Nascimento e da minha mãe Maria Ana do Nascimento! Minha mãe era aqui do lado de Catu. Meu pai morou nas grotas (Pripiri)!

PLANTANDO ÁGUA

Quando eu era novo, plantava mandioca e feijão na roça. Tinha muitas águas, dessas grotas tudo passava aí na Fonte Veia¹! Alcancei aqui.

ENGENHO

Tinha engenho mais num foi do meu tempo, era lá pro lado daquela presa que nois bebe a água!

1. Local onde corre o rio Catuni, no passado era local de coleta d'água.

PADROEIRO

O padroeiro daqui é São José.

MULHERES PARTEIRAS

Aqui muitas mulher fazia parto, mais num me lembro mais não, vai caindo pra idade, né?

O TEMPO ATRASADO

Naquele tempo era tudo atrasado, a gente vivia da roça, era de casa pra roça, num tinha negócio de a gente andar se divertindo! O tempo atrasado!

2.7. DONA ELIZETE BARRETO DO NASCIMENTO “ESPOSA DE SEO RENATO”



Figura 54: Dona Elizete Barreto (BONFIM, 2020).

Meu nome é Elizete Barreto do Nascimento. Eu tenho 79 anos. Meus pais eram de Aracajú, José Barreto de Sousa e Maria de Lurdes da Silva. Meus avós eu não conheci, eles eram de lá mermo. A minha mãe casou com meu pai lá de Aracajú, ela era de Pernambuco! Ela pegou gravidez e morreu de parto de mim. A história é comprida: O Manoel Marceneiro que morava na Estiva, aí nois viemos passear aqui, né? Esse tio meu tava lá em Aracajú. Aí, quando eu nasci, o meu pai foi me registrar, assim me contaram, né? E me criei em Pernambuco. Quando eu cheguei aqui, eu tava com 15 anos, já tinha muitos moradores! Quando eu cheguei aqui não tinha energia!

VIVIENDO DE TUDO QUE A NATUREZA DAVA

Pra sobreviver era a roça, né? Plantando milho, feijão, mandioca, essas coisas, né? Vendia pras pessoas, teve uma feirinha aí um tempinho, né?

CIGANOS

Ciganos? Era uns que andava assim de cavalo, jegue! Passava por aqui, de vez em quando, passava aquela ciganada aí, mais não moravam!

SÃO JOSÉ PADROEIRO

Padroeiro é São José, comemorado dia 19 de março, os festejos era muito lindo!

CANDOMBLÉ

Quando eu cheguei, muito tempo que eu cheguei, só vi depois, tinha o Justino, né? O Zé (filhos mais velho do casal) já tava grande!

AS PARTEIRAS E ÁMALIA FERREIRA

As parteiras? Ah, tinha a Donana, a cômade Rosa do Clarinho, e a minha Neguinha, cômade Amália Ferreira¹. Sim! Ela não era parteira, e no mesmo tempo era mais que uma parteira! Ela pegou meus filhos quase tudo, tive 15 filhos (Nesse momento Dona Lizete chora de lembranças da Amália). Ali era como uma mãe pra mim, meu filho, foi uma mãe pra mim, que Jesus Cristo tome conta da alma dela! Quantas vezes eu cheguei na casa dela, quando eu chegava da roça, tava lá meu di comer, o que ela fez comigo ninguém fez!

1. Avó paterna de Alan Bonfim.



Figura 55: Parteira Amália Ferreira Bonfim (Arquivo da família Ferreira).

MÃOS QUE CURAM

Eu criei meus filhos, pra te dizer eu levei no médico uma vez, mais os outros tudo eu nunca levei. Às vezes eu levava em Jaguarari, tinha o Salomão² ele dava remédio! Mais nunca levei esse negócio de enxame, sabe! Naquele tempo era tudo difícil, aí tinha a Amélia que rezava, a finada Donana, que essa era parteira também! Ela era Mãe da Adélia, aqui de Seo Antônio! A cômade Amália, muitas vezes corri pra ela! Tinha Dona Alice lá em cima, rezava também! E tinha uma veinha ali naquela rua

2. Dono de uma farmácia na cidade de Jaguarari, medicava os moradores de antigamente.

que rezava também, parece que era Zefinha o nome dela, tinha mais que agora!

A VIDA EM CATUNI É UMA BELEZA

Catuni eu mesmo acho um lugar bom! Depois que eu casei, que tive meus meninos, eu fui passear lá no meu lugar, lá em Pernambuco, Tacaratu, perto de Petrolândia. Eu fui passear pra ver minha família, eu pensava que não queria voltar mais pra cá, mais quando eu cheguei lá, vim me embora logo! Tomei um amor aqui! Pra mim aqui é uma beleza, o povo é tudo bom, né meu fio?! Aqui não tem gente ruim. Pra mim tô vendo meu Catuni, quando eu tava lá! Minha casa, minha família, o povo que a gente gosta! Agora meu Catunizinho... É bom porque, na minha mente, aqui, é muito bom pra nois! Meus fio nasceram e se criaram tudo aqui, são satisfeitos!

NA TERRA DE TACARATU

Lá na minha terra tem Índio e Caboclo.

O NEGÓCIO ERA LICURI

Quando eu cheguei aqui, com quatro anos e seis meses, aí eu me casei com o Renato! Eu casei porque eu vivia nas casas dos outros! Criamos os filhos catando licuri! O licuri vendia aqui mesmo, vendia aí no Otávio. Quem tinha roça de café era tia Júlia, esse povo que tinha as roças no Cajuí, na Grota! Mais eu, meu negócio era só licuri!



Figura 56: *Syagrus coronata* ou Licuri Palmeira nativa do Bioma Caatinga (BONFIM, 2014).

2.9. JOÃO VICENTE RODRIGUES “RIZADINHA”



Figura 57: Senhor João Rizadinha (BONFIM, 2020).

Meu nome é João Vicente Rodrigues e tenho 79 anos. Meus pais eram da Santa Rosa, dali da Lagoa dos Curral, aí vieram pra cá, por parte da minha mãe! Eu cheguei aqui tinha de 7 a 8 anos, depois viemo de novo, aí meu pai acabou de terminar lá e veio praqui! Aqui só tinha mais o povo mais velho, aqui mesmo nessa rua (Santa Tereza) só tinha três casas!

OS PRIMEIROS MORADORES

Os primeiros moradores aqui foi os Bispos, o pai do veio Otávio, que moravam lá encostado na Igreja, vieram do Jacunã! Aí, que eu saiba, o Veio Zé Bispo foi quem veio e se criaram aqui! Dos mais velhos mesmo tinha os Alves!

CAFÉ

Quem tinha roça, plantava café, quem tinha café aqui era um fazendeiro. O Otávio não alcancei, mas o Zé Grigório tinha muito café. O Joaquim, pai do Chico, também tinha muito café. O pai do Jorge também!

ENGENHO E AS FRUTAS

Aqui no Catuni tinha engenho, era ali onde era do finado Nino, onde é do Tavinho, onde tem o poço artesiano, era do finado Anjo Ferreira! Plantavam muita cana, jaca, banana, muita banana, fazia era cair aí nas roças. Aqui também se plantava goiaba, a jaca, em primeiro lugar! E manga!

ÁGUA DE BEBER

A água era boa toda! Nunca faltou! Nas águas pegava aquele peixe Jundiá! Minha sogra lavou muita roupa também!

BREJO E DEPOIS CATUNI DA ESTRADA

Eu vim aqui como Brejo, conhecido como nome de Brejo, porque chovia muito, adepós botaram pra Catuni da Estrada.

ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Conheci a estação, era uma beleza! Cinco horas era uma feira! O maquinista chamava Benjamin, ele chegava e abuzinava piiiiiiiiiiii!!!! Vendia galinha, vendia fruta, vendia tudo! Eu ia pra Bonfim de trem. Vendia coisa de tudo, vendia fruta, essas coisas assim!

PADROEIRO

O Padroeiro São José, os festejos, só tinha mesmo as missas!

AS RODAS NA BAIXA DA JUREMA

Tinha muita roda, eu brinquei foi muita, ali na Baixa da Jurema!¹ Eu terminei de mim criar ali. Aqui quem cantava era esse povo dos Gavião².

1. Local onde existia muitas árvores de Jurema Preta (*Mimosa hostilis*)

2. Antiga família que realizava o Reisado.



Figura 58: Morador antigo tocando pandeiro (Autor desconhecido).

REISADO

O reisado, nois saía daqui numa animação e ia nas casas cantando Reis: *“Vem! Que vem chegando”* (Canta um trecho do antigo reisado). Ia pra casa dos mais velhos, ali a gente bebia e comia.

OS BATUQUES

Tinha a casa do Justino, só alcancei ele! Os Batusques.

CATUNI É UM LUGAR TRANQUILO

O Catuni é um lugar bom, um lugar que não tem defeito, um lugar tranquilo. Agora ficou mais difícil as chuvas, a escassez, mais aqui, fora isso, é bom todo! Nunca sair daqui, eu me casei aqui!

PARTEIRA

A parteira era a Rosa que morava lá na tua rua (Rua Nova), perto da casa do finado Pêdo Tindó. A Rosa do Finado Clarindo,

parece que ela pegou uns meninos aqui de casa ainda, tivemos quatro filhos! Tinha outra parteira, a Donana, mãe da finada Adélia do Antônio, uma parteira viu!

REZADORES

Quem rezava era o Pedro da Gertrude e hoje Seo Antônio da Délia. A finada Amélia também, a veia era boa!

2.10. LEONARDO TITO DE SOUZA “TITO”



Figura 59: Leonardo Tito de Souza (BONFIM, 2020).

Meu nome é Leonardo Tito de Souza, moro na rua da estrada, tenho 78 anos, nasci no Catuni mesmo, a parteira foi a Dona Celina. Meu pai era Oscar Bispo de Souza e Maria Guerra da Silva, minha mãe era filha da Santa Rosa e meu pai daqui de Catuni! Meus avós era daqui, mais moravam ali pro lado do Mineiro! Antigamente o Catuni era muito bom, porque naquele tempo a gente era tudo muito humilde, a gente sentava ali debaixo do pé de Mulungu e a vida era essa, de dia ia pra roça! Meu pai plantava mais fruteiras, que era ali embaixo da estação. Teve um tempo que ele plantou muita cebola e alho! Tinha abacate, manga e laranja! Quando a linha chegou, já tinha gente aqui, meu pai foi chefe de trem, tinha muita amizade com o Alfredo Viana, era avô do Luizinho, filho do Barracão com a filha do Alfredo Viana.

QUATRO FAMÍLIAS

Os outros moradores eram quatro famílias, eram os Guerras, que era uma família muito grande aqui, os Alves, os Bispos! Eu sei que eram quatro famílias. Os Guerras são daqui de Santa Rosa, esse pessoal, meu avô mesmo, o Manoel Guerra, era da Santa Rosa, foi nascido e criado na Santa Rosa. Mais o Manoel Guerra já era dos Guerras daqui do Catuni, eram primos. Tinha o Zé Guerra, o pai do Xêro, tinha o pai do Adão, também o Né Guerra! O Né Guerra era o mais velho. Era aquela casa ali onde é do Leo, aquela casa que era do Zé da Cotinha, era do Adão Guerra! Sim! Era a família dos Ferreiras, os Bispos, os Guerras e os Alves! Tinha o Anjo Ferreira, o Chico Ferreira, eles eram daqui do Salgadinho.

ENGENHO

Engenho tinha aqui, ali no Mulungu, mais ali já era dos mais novo, o Zé Futuca, né? Parece que tinha moagem de cana ali perto da represa! Quando eu conheci era do Anjo Ferreira. Sim! Os Ferreiras!

O CAFÉ

O café quem plantava era meu sogro, esse Cajuí tinha muito café!

OS ÍNDIOS

Índio eu só ouvir falar essa que era parente do finado Zuza. Parece que tinha uma que foi pegada, esses índios brabos, ainda que não era manso, pegado a dente de cachorro¹, como diz a história! Índia tinha na família do meu sogro, parece que teve uma delas, tia da Lizete, que era índia mesmo.

1. Expressão utilizada para se referir as mulheres indígenas que foram brutalmente sequestradas em suas matas. Eram levadas para famílias brancas para servirem de empregadas domésticas, além de serem violentadas sexualmente. Uma prática colonialista muito comum na época de domínio do território que convencionou-se chamar de Brasil.

AXÉ

Naquele tempo era o Zé Buquinha que ia pro Marcos, ali na Volta, depois teve o Pedro Tindó.

PARTEIRAS E REZADOR

Parteira? A chefe mesmo era a dona menina, aquela, Dona Celina e a Rosa do Cazuza, mais a turma só chamava Dona Celina. Rezador tem Seo Antônio que tá vivo aí.

REISADO

O Reisado tinha a Almira, a mãe do Nanico. A Idê! Era comemorado dia seis de janeiro. Mas era organizado, era os ciganos bem trajado, de branco! E as ciganas com aqueles vestidinhos de cigana mesmo!

O BREJO

Antigamente aqui era Brejo! O Dedé quando foi batizado, da Duninha, quando foi registrar ele, registraram ele como nascido em Catuni do Brejo!

A RIQUEZA DAS ÁGUAS

A água era uma riqueza! Os trens chegavam com aqueles vagão, com uma bombona de carregar água! Carregavam água daqui até a Massaroca. Catuni sustentava tudo! Quando entrava a seca, era os trens e os caminhão carregando. O povo ia buscar água na Caixa, não tinha água encanada!

A VENDA DE FRUTAS NA ESTAÇÃO

A estação era uma riqueza, era caixa de fruta empilhada lá! No começo da semana começavam a tirar fruta, o João Lourenço, o Joaquim Julião, era banana, manga, jaca e tudo! Trabalhavam a semana toda encaixotando. Quando era no fim da semana, na sexta-feira, subia pra Juazeiro! Quem tinha roça de manga

tirava das suas pra vender! Eu ia pra roça e tirava minhas manga maduras pra vender, né?! Parecia uma feira! Quando o trem vinha era lotado de gente!

LUZ

Antigamente era no escuro, depois foi que chegou o gerador! O gerador começava a funcionar seis horas até as dez da noite! Dava um sinal que era pra você se tocar, aí já podia acender as lamparinas, quando era dez horas em ponto, apagava!

ALEGRIA

Outra coisa que tinha no Catuni, o nosso lazer, era sentar pra comer doce, ali, no finado Pedinho! Era só pra bater papo! Nois era feliz e não sabia!



Figura 60: Serra de Catuni (HEBERTE, 2020).

2.11. VALDEMAR NUNES DA SILVA “DEMAR”



Figura 61: Demar Nunes (BONFIM, 2020).

Meu nome é Valdemar Nunes da Silva e tenho 79 anos. Meus pais eram daqui mesmo, o João Nunes e minha mãe era Lormina Maria da Silva, irmã do Antônio Ireno. Meus avós era daí também, o finado Ireno, que era o pai de minha mãe! Tinha o Zé Alves, o Né Guerra, o avô do Peba, o Véio Preto, o finado Zé Bispo, que era avô do Peba. Meu pai vivia na roça, plantava mandioca, melancia, feijão, banana, era manga, feijão, a vida era essa. Eu trabalhei no Derba¹ chefe de restaurante, cozinheiro!

ÁGUA

No Olhos D'água também não tinha água encanada, vinha pega água aqui! Carreguei muito! Eu acho interessante que era animado, se juntava três, quatro, cinco, seis, enchia as latas na Caixa, chegava perto da linha, derramava e voltava pra pegar novamente (RISOS).

1. Empresa do Governo que realizava terraplanagem.

SERENATAS

Naquele tempo a gente tinha, nois fazia serenatas! Nois vinha, tinha a Júlia lá embaixo, tinha a Tete, tinha a Valmira, na estação, tinha a Marina... se juntava tudinho, comparava bebida e ia fazer serenata, tocar violão! Era música de forró, brega, apaixonada (RISOS).

GENIPAPO

Eu saía do Genipapo² lá do pé da serra, com um caixão cheio de manga, tirava e descia por aí por dentro e descia pra Estação, pra vender, fazer três mil reis!

INDO A FEIRA A PÉ

A feira ia de jegue pro Carrapichel ou Jaguarari. Quando era pra Bonfim tinha que fazer uma madrugada, ia a pé!

AS TROPAS DE CIGANOS

Os ciganos só passavam. Passava as tropa aí! Muitas vezes se hospedavam aí, lá no prédio, dois, três dias, depois levantava acampamento e ia embora!

OS ÍNDIOS

Pois é, conta a história que tinha, que eram “pegados a dente de cachorro”.

AXÉ

Teve um tempo que, lá embaixo, tinha um que fazia essas coisas, era o Xêro!

PARTEIRAS E REZADOR

As parteiras teve dona Celina! Tinha a Celina, tinha outra veia, a veia Zifinha do João Antônio, tinha a Rosa do Clarindo!

2. Localidade serrana próximo a Catuni da Estrada.

REISADO

O Reis sempre teve aqui!

O BREJO

Quando perguntavam: “Pra onde vai? ”, eu respondia: “Vou pro Brejo!” (Risos).

SÃO JOSÉ

Quando eu alcancei a Igreja, as festas de São José era bonita! Porque enfeitavam a Igreja, botava lanterna da Igreja até cá, muito longe! Os arcos tudo enfeitado com as lanternas. Eita! Era bonito, ó!

2.12. MARIA ANGÉLICA RIBEIRO DOS SANTOS



Figura 62: Dona Angélica Ribeiro (BONFIM, 2020).

MEUS PAIS

Meu nome é Maria Angélica Ribeiro dos Santos. Tenho 72 anos e nasci aqui, em Catuni. Meu pai é pernambucano e minha mãe é baiana. Minha mãe nasceu aqui. Se chamava Maria de Souza Santos. Já meu pai era Elesbão Ribeiro dos Santos. Ele tinha 7 anos quando veio para cá. Meus avós por parte de mãe eram daqui mesmo. Os da parte do meu pai eu não conheci. Eram de lá do Pernambuco. Meu Pai morreu ia fazer 96 anos.

CATUNI DA ESTRADA

Não sei bem com surgiu Catuni. Eles sabiam mas a gente via as conversa né? Disse que era um ou outro... Era pouca gente inclusive quando ele veio. Ele veio mais a mãe dele do Pernambuco. Ele conta que quando chegou aqui a minha vó

arrumou um emprego com esses Viana, os Viana. Ela lavava roupa. Ele veio pequeno, disse que só tinha água ali naquele prédio¹. Não tinha um prédio no lugar da quadra? Não sei se tu ainda alcançou... Tá vendo aquele prédio? Então, as casinhas eram por ali. Disse que nós nascemos alí. Numa casinha ali, né? No lugar da quadra.

Quando eles chegaram aqui, eles já existiam que pai disse que minha vó trabalhava para eles. A minha vó por parte de pai.

Antes chamavam aqui de Brejo. Por quê Brejo? Assim! Porque chovia muito. E o povo chamava de Brejo, né? Aí depois Catuni. Catuni já veio eu nem sei que idade era que eu tinha, se quando eu tinha 14 anos já era Catuni ou era Brejo ainda, eu nem me lembro.

A ECONOMIA DO LUGAR

Aqui plantavam feijão, milho, café, essas coisas, né? Mandioca, arroz como nós mesmo plantava arroz na Serra. Nós tínhamos uma roça que depois que eu me casei, meu marido, o Pedro, tinha uma roça, quer dizer, adquiriu uma roça pra lá e lá nós plantávamos arroz, num brejo que tinha lá. Tinha água, uma lagoa muito grande. Mas se acabou tudo já. Mas plantava até arroz, café, jaqueira, mangueira, tudo que era de fruteira. Tudo que a gente produzia era vendido na feira. Eu vendia na feira mais ele.

Tinha cana também. Tipo assim: a cana não era pra vender, era só pra os trabalhadores dele tomar garapa de tarde. Era uma, duas latas de cana que tirava e moía.

1. Antiga escola municipal de Catuni.

AS ÁGUAS



Figura 63: Rio Catuni (MARQUES, 2020)

Aqui tinha muita água. Era que nem tá hoje. A semana passada eu fui, chega me deu vontade de chorar. Nunca mais tinha ido aí para os lado das Grotas. Depois que eu vendi minha roça, ainda fui até lá, da presa pra cima, e as lágrimas nos óio, lembrando que naquela época, que eu viajava pra Grotá... Sim! Depois que eu tive minha filha que eu comecei ir pra roça, né? E já com elas também. A água dava bem aqui na gente, ó! Muita água! Nesses rios aqui nós tomávamos muito banho quando trabalhava no cafezal mais as meninas. A mulherada que eu levava, e nós tomávamos banho quando vinha de tardezinha no caminho, era muita água. Chovia muito na época né?

CAFÉ

A gente também plantava muito café. Olhe o terreiro aí que secava o café e outro lá na roça. Já vendia para fora.

ESTRADA DE FERRO

A estação... depois tinha uma caixa d'água, então, hoje ainda tem a caixa, o pontilhão... ali a gente ia buscar água. Eu me lembro como hoje, eu menina véa para ganhar dinheiro, para me ajudar com a lata d'água, botava assim nas grades da escada que era de ferro, me abaixava e botava na cabeça para carregar água para as casas. Para o pessoal molhar planta. Sofri na minha vida que só pracata de aleijado, ó! Então! tinha o pontilhão que a gente pegava água, depois teve uma época que teve uma seca e que a gente ia pegar água acima da represa, naquela primeira, segunda passagem, a gente ia buscar água na cabeça lá. Que aquela represa que tinha, ela ficou bem baixinha, bem baixinha. Mais ou menos em 70, 68 por aí, que eu já tinha as meninas tudo. A estação era movimentada. As pessoas iam vender fruta. Eu vendi muita fruta lá.

Eu também viajei muito. Ainda viajei de trem daqui para Itiúba, levar merenda pro Delmiro que era o menininho do Alcides, né? Este povo do Delmiro que você não conheceu. Então, aí ela botou ele lá para estudar com os avós, ameninado, uns 14 anos. Aí eles me botavam no trem e eu ia. Lá eles estavam me esperando, ficava dois dias e voltava. Ia levar as merendas para o Delmiro. Até hoje ele conta essa história.

CIGANOS, NEGROS E ÍNDIOS

Não lembro dos índios nem dos negros aqui não, mas cigano passou muito aqui. Ficavam muito tempo aí, no prédio. Estavam de passagem.

AS FESTAS DO PADROEIRO

Ah! Como as festas eram bonitas. Aqui o padroeiro é São José. Comemora-se dia 19 de março. Então, aí tinha as novenas, quando chegava no dia 10, dia 11, começavam as novenas dele. Era o mês todo mas as comemorações eram do dia 10 ao dia 19. Aí tinha a festa, assim, na igreja, muito bonita, muita gente daqui da grota, dessa redondeza toda. Tinha os leilões, a gente levava galinha para presentear São José. Não era como hoje que as coisas são todas compradas. Naquele tempo levava caixa de tangerina deste tamanho... Ontem mesmo tava falando do Oliveira, tu lembra do

Oliveira? Ele levava para fazer o leilão, né? Aí tinha aqueles homens que saíam gritando o leilão

CANDOMBLÉ E BENZEDORES

Sobre candomblé... Teve um tempo aqui, do Justino, né? Não tinha um prá lá? Já mais recente. A Dilina também praticava.

Sobre benzedeiros, eu não me lembro porque, às vezes, aparecia umas pessoas que vinham de longe, na feira do Carrapichel, rezando o povo. Assim como o povo dizia que era com as asas caídas, os velhinhos que benziam. O povo pedia para benzer, aí benziam. Seo Antônio, até hoje, ainda reza.

PARTEIRAS

Eu sei, ainda me lembro. Era a mãe de Dália, a Donana, do meu tempo. Porque antes de mim, eu não sei quem era. Tinha a finada Donana e a finada Celina. A comadre Amália, sua vó², que ainda pegou as filhas aqui, a Zilda. Ela pegou a Zilda.

O MONTE SANTO DE CATUNI



Figura 64: Monte do Cruzeiro em Catuni da Estrada (BONFIM, 2020).

2. Avó de Alan, um dos organizadores do livro.

Desde sempre as pessoas subiam o Monte Santo na Semana Santa. Tinha a peregrinação... Ainda fui até uma missa lá em cima. Tem poucos anos que teve uma missa lá em cima. Não tem muitos anos não. Era tudo silêncio, né? Não é como hoje, que nem no dia da Sexta-Feira Santa, carro não buzina, não tinha zoeira nenhuma, era tudo calmo. Pra lá o povo ia era rezando, viu? Saíam 4 (quatro) horas da manhã ou 4 (quatro) e meia. Eu cansei de ir mais minhas filhas, marido, Seo Tenício³. Nesse horário nós subíamos naquele silêncio, em oração. Era assim. Era muito respeitado.

REISADO

O Reisado teve aqui. Só que na época eu era muito nova. Ouvi falar que tinha Reisado lá na Serra do Pripiri. Lá no Roça do finado Zuca, perto da minha roça, pra lá, né? Tinha Reisado. Aqui também tinha Reisado. Quem fazia era a Mirô e a minha tia a Idê, a cabeças do Reis eram elas duas. Elas que organizavam, ajeitavam tudo para dançar. Acontecia tudo dentro de casa, aí, no outro dia, que era o dia 6 (seis), saíam na rua. Uma coisa muito linda!

VIVER EM CATUNI

Para mim, aqui, é uma boa coisa, porque eu nasci e me criei aqui, né? Inclusive você está vendo eu sozinha aqui nessa casa e minhas filhas em São Paulo doidinhas para eu ir. Eu não vou! (Risos). Eu vou passar 15 dias, vou passar um mês, mas não deixo meu lugarzinho não. Não tenho vontade de sair daqui não, uma vez o marido queria vender essa casa para ir para Pindobaçu. Eu disse: “Deus me livre! Vou nada! ” Não! Eu não! Acostumei aqui. Catuni é um lugar bom, calmo, né? Lugar sossegado aqui, graças a Deus. No mundo tem tanta violência, mas aqui a gente não vê. É um lugar sussegado, tranquilo.

3. Etemístocles Gonçalves de Carvalho, nascido ao dezoito (18) de Abril (04) de mil novecentos e vinte seis (1926) no município de Senhor do Bonfim. Era filho de Manoel Gonçalves de Carvalho e de D. Maria José de Carvalho.

2.13. MARIA DE LOURDES DE SOUZA “LURDINHA”



Figura 65: Tia Lurdinha (BONFIM, 2020).

Meu nome é Maria de Lourdes de Souza e tenho 68 anos. Eu nasci aqui no Catuni e meus pais são Pedro Ferreira Bonfim e Amália Ferreira Bonfim¹ (*in memoriam*). Nós somos tudo do povo dos Bonfim. Papai era do município de Campo Formoso, na região da Caraibinhas, e mamãe era do Sítio do Meio. Meu avô paterno era Norato Ferreira e o de mamãe era José Tintino Bonfim. Ele tinha roça no Mucambo. Eles (seus pais) se conheceram no Mucambo, papai perdeu a mãe e foi morar com uma tia lá, aí se conheceram e casaram, viveram muitos anos. Mamãe morreu com 78 anos e papai com 98 anos. Papai tomou conta da represa, naquele tempo não podia botar o pé nem na água. O Isaías da Zefinha era feitor de lá, botou papai pra ficar tomando conta da represa! Desde que eu nasci, já me criei como Catuni da Estrada, município de Jaguarari.

1. Avós paterno de Alan Bonfim.



Figura 66: Amália Ferreira e Pedro Bonfim (Acervo da família).

ATIVIDADES ECONÔMICAS

Aqui o povo vivia de roça, toda a vida! Aqui tinha uma horta que era no tempo que tinha os rios, horta de verduras, todo mundo trabalhava pra ganhar o dia, aqui era homens e mulheres trabalhando. Plantavam verdura, do alho a cebola. E café também. O povo trabalhava!

ENGENHO

Ouvir falar que tinha o engenho pro lado do Mulungu, lá pra Grotas!

ÁGUAS

Saía carro dia e noite, carro-pipa para distribuir pra fora, saía dois, três caminhões de água. Para dar água ao pessoal que não tinha, aí pro lado das Caatingas. Era água, água mesmo aqui no Catuni! Quando chovia nós não podia nem lavar nos rios, porque a pedra cobria de água, e eram muito forte as enchentes!

A FEIRA

Tinha uma feirinha pequenininha, era dia de domingo a feirinha aí, mais se o povo tivesse sustentando até hoje podia ter. Vendia as frutas tudo daqui mesmo, do lugar! Toda fruta, toda verdura, tomate, batatinha e tudo daqui! Tinha feijão, milho e farinha. De fruta era manga, laranja e banana.

CIGANOS

Passava um monte aqui, ficavam nesse campo aí, esse campo era cheio de barracas de ciganos! Não moravam, eles passavam oito dias, quinze dias, e iam se embora.

PADROEIRO

O Padroeiro é São José e é comemorando no dia 19 de março. Quando eu nasci já encontrei São José aí na igreja. Os festejos era a missa, novena e procissão.

REISADO

A Mirô ali era quem fazia o Reis no dia 6 (seis) de janeiro. Mais era assim: saindo nas casas, cantando nas ruas.

PARTEIRA

Era uma velha que morava lá embaixo! Que tem o nome dela lá no posto médico Joselina Pio de Farias. Ali era parteira, num instante a criança nascia! O povo diz que ela rezava também.

BENZEDEIROS

Tem Seo Antônio da Délia, tinha o João Norato que rezava de olhado no povo.

QUADRILHAS DE SÃO JOÃO

Tinha São João, quadrilha. Eu mesmo ainda brinquei quadrilha, depois que eu casei ainda fui a noiva de uma quadrilha, o noivo era o finado Pedinho² da Angélica. Aí nós foi o passeio na Estiva, eu montada na garupa do jegue do Pedro, quando

2. Marido de Maria Angélica Ribeiro dos Santos.

chegou bem no meio da rua, o vestido arrastando assim, o jegue levantou o rabo e cagou meu vestido. Foi uma graça pro povo. A noiva ficou toda com o vestido sujo (risos). Aqui era bom no São João, a gente brincava quadrilha, quem coisava as quadrilhas aqui era o finado Didi, pai do Neném³. Era ele quem organizava, ajeitava tudo, era ele, era bom, aqui era bom, nós dançava até o dia amanhecer, não tinha confusão!

RODA DE SÃO GONÇALVES

Faz a promessa e cumpre a roda. Aqui já teve na casa do João do Santo (*in memorian*), na casa da Geni, no Joaquim da Lica, quando a Lica era viva. Teve na casa da Zefa do Dado.

A IGREJA

Essa igreja é velha, do tempo do pai do Otávio Bispo, desse povo antigo!

BATUQUE

Tem o Justino aí que bate tambor.



Figura 67: Símbolos do Sagrado (BONFIM, 2020)

3. Adenir Bonfim da Silva, atual representante político de Catuni da Estrada.

ENERGIA

Não tinha, aqui a gente usava era candeeiro! Me lembro de papai, nós era menino, eu mais o Didi⁴, seis horas da tarde papai dizia assim: “Tá na hora de acender o candeeiro, que Nossa Senhora passa nas casa seis horas!” Aí nós ficava pra olhar, vê se via ela (risos), ficávamos no terreiro! Papai: “Entram pra dentro, venham comer.” Mamãe lá, botando a janta. Aí nós: “Papai! Ela não passou não!” Ele disse: “Ela passou aqui por detrás, ela tá vindo é por aqui!” (Risos). Era candeeiro, depois fizeram um motor, ali onde tem a igreja de São Vicente, ali era um motor! Botaram luz de motor na rua, ligava seis horas da tarde, quando era oito, ele (responsável por ligar o motor) dava sinal na luz! Apagava avisando que já ia apagar. Aí o povo ia correndo pra casa, porque a luz já deu sinal, se não ficava no escuro!

A PRIMEIRA CASA DAQUI

Essa casa que tinha aí (aponta pro lado direito da sua casa) acho que foi a primeira casa, a casa do Xêro! Era 1820, um negócio assim de 20, o ano da casa. Todo mundo dizia, Ave Maria! Eu sei que era velha, antiga, foi uma das primeiras casas do Catuni, tem o Sítio dos Vianas também.



Figura 68: Ruínas da antiga casa de senhor Xêro, datada em 1820 (INTERNET).

4. Irmão mais velho de Maria de Lourdes.

NAS ROÇAS

Nós trabalhava pra ganhar dia, nas verduras, fazendo horta! Plantando e catando tomate, arrancando feijão, batendo feijão lá nas roças, nós ganhava o dia. Nós pegava de sete da manhã até cinco da tarde. Naquele tempo todo mundo trabalhava, quando não tinha as verduras chegava as lavouras de café, o povo chamava nós pra catar café. Tinha muita gente que tinha café aqui, nós trabalhava na roça de café, o Mansior⁵ tomava conta de uma roça na grota, num tem a Cachoeira da Estiva? Nós passava lá pra poder ir pra essa roça catar café, nos catava café aqui no Cajuí, na Baixa Fria, Jenipapo e Catuni da Grota, aonde tinha café nós ia! Tinha a mamona, mamona a gente fazia aqueles sacos e ia vender.



Figura 69: Colhendo o feijão (BONFIM, 2020).

5. Pai de Angélica Ribeiro.

MEU DEUS ONDE EU VOU QUARAR QUARAR MINHA ROUPA

Lavava roupa lá no rio. Se ainda tivesse, hoje, eu ainda ia lavar lá! Era bom, saía cedo ensaboava, jogava no quarador pra quarar, tirava, rebatia, botava outro sabão, tornava botar pra quarar de novo! Ai enxaguava e estendia pra secar os panos. Todo mundo do Catuni, do Olhos d'Água e Jenipapo vinham lavar aqui, pois não tinha água encanada! Eles vinha com as cargas, os caçúas⁶ cheio de roupas, chegava amarrava os animais e iam lavar. Passava o dia chupando manga, pegava aquelas bacia de manga, sentava na parede do tanque pra chupar, tomava banho de rio. Esse tempo acabou, o Catuni foi Catuni. Do meu tempo pra cá, imagine antes deu nascer!

LICURI

Aqui tinha muito licuri. O povo vivia quebrado dia e noite! Tinha dono de roça que pagava as trabaíaderas pra quebrar o licuri! A pedra zoava: Pá! Pá! Quando era de noite, sentava na casa do Batista, juntava aquela tropa de moça, de rapaz, com a lua clara, sentava nas calçadas pra tirar o licuri daquela pessoa. Lá dava uma merendinha pra nós!



Figura 70: No lombo do Jegue (BONFIM, 2016).

6. Cesto grande e comprido de vime, cipó ou bambu, sem tampa e com alças para prender às cangalhas no transporte de gêneros diversos em animais de carga.

CUSCUZ

Mamãe mesmo fazia muito, quando tinha milho nós botava de molho, assim no fogo de lenha, pro milho amolecer. No outro dia pisava no pilão, aquela massa pra fazer o cuscuz.

VIAJANDO NO LOMBO DO JEGUE

Botavam carga, tocavam carga daqui pro Jaguarari, com frutas nas cargas pra vender lá em Jaguarari, eu era menina!

INDO DE TREM PRA JUAZEIRO

Ia de trem pra Juazeiro, eu era menina, e a finada Zabéli⁷, mãe do Pedinho, me pagava pra eu ajudar ela a vender. Ela me pagava, pagava minha passagem de trem. É gostoso viajar de trem, aí tinha a classe primeira e a segunda, a primeira só era gente rica que viajava, era cara, granfina. Nós viajava na segunda, era mais barato as passagens! Na primeira só quem ia era gente rica.

ESTAÇÃO

Tinha a estação lá, o agente morava aí! Pegava o trem pra viajar, comprava a passagem lá. Eu viajei, eu era menina quando viajei de trem. Pessoal vendia nos trens as frutas, o pessoal que ia trabalhar na feira em Juazeiro, iam tudo de trem.

7. Avó de Juracy Marques.

GOSTO DO MEU LUGAR

Aqui é bom, eu gosto do meu lugar! Toda a vida foi um lugar sossegado. Aí o povo diz que é um lugar atrasado, lugar atrasado nada! Aqui é um lugar abençoado, graças a Deus! Já tem esse calçamento que não existia, era só lama, já melhorou! Num tinha um colégio que nem esse, já tem! Não tinha o posto médico, já tem! Tinha que correr pra Jaguarari ou pra Bonfim, pra se consultar! Eu acho que pra melhorar só mais um pouco, já estão fazendo esse asfalto aí, já tá melhorando. Mais foi tudo de um tempo pra cá. De meu tempo atrás, nós andava era na lama, se atolando! Aqui já foi bom, ainda é graças a Deus! Nosso lugar é bom, abençoado, ninguém passa fome, a gente senta na calçada até tal hora da noite. Nem tem medo, é sossegado nosso lugar! Agora já tá mais adiantando, já tem um ponto de farmácia, aqui e acolá um mercadinho, naquele tempo era venda, onde é o Lets, era uma venda, a venda do Senhorzão, tinha a venda do Otávio. Lá em cima, onde é a casa do Neginho, tinha uma padaria! No dia que não tinha pão, nós comia café com farinha de manhã, fazia cuscuz, a batata, o aipim.



Figura 71: Paisagem de Catuni (BONFilM, 2019)

REZAS QUE EU SEI

Quando você vai saindo de seu quarto, quando se levanta de sua cama e vai saindo, você reza primeiro pra poder abrir a porta do quarto pra sair, você diz assim:

*Quando Deus rompeu a aurora
Que os anjos se arrudiam
Bendita seja a hora
Que eu por essa porta saio.
Com o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo
Meu corpo será fechado
Com o leite de Nossa Senhora
Meu corpo será barrunfado
Com os bons eu falarei
E com o mal não me encontrarei
Jesus Maria José
Minha vida vossa é
Deus por mim nada contra mim
Quem na cruz padeceu responda por mim
Que todo mal olhado
Que toda a inveja
Que todo feitiço
Coisa ruim, fuja de mim!
Pra bem longe de mim!
Amém.*

REZA DE OLHADO

Fala o nome da pessoa, aí diz assim:

*Fulano se olhado tú tiver
Pelo teu comer
Pelo teu vestir
Pelo teu calçar
Pelo teu sangue*

*Pela tua pele
Pela tua boniteza
Pela tua feiura
Com dois te botaram, com três eu retiro
Com os poderes de Deus e da Virgem Maria*

Reza assim 3 (três) vezes, aí passa a folha e faz um gesto de retirada de todo o mal, aí diz assim:

*Tiro para as ondas do mar
Para lá ficar trancada com a chave do Sacrário
Para teu corpo nunca mais ei de tornar
Que Deus quer Deus pode Deus fará tudo que ele quiser
Com o poder de Deus eu vou te curar.*

O corpo de gente é fechado com a chave do Sacrário, só a chave dele tem tanta força. Aí reza com as folhas, eu uso qualquer folha, toda folha é benta!

REZA PARA VIAGEM

Quando você vai de viagem você diz:

*Da minha casa eu vou saindo
Em meu caminho vou andando
Com Jesus e os anjos me acompanhando
Me cubra com vosso manto
E que ele me dê cobertura pra eu não ter medo nem pavor!*

Aprendi com as pessoas que me ensinava. Teve a veia Maria, mais já morreu, Maria Tomaza, que mim ensinava. Era moça veia, morava no caminho da Estiva.

REZA DE DISMINTIDURA

Pra quando a pessoa torce um pé, torce qualquer coisa, aí diz:

*Carne quebrada
Osso rendido
Nervo torto
Junto e disjuntado
Nervo triado
Sangue qualhado
Carne machucada junto pulava
Isso mesmo eu curo
São Cosme e São Damião
São dois irmãos da Sagrada Morte e Paixão
Com os pudes de São Furtuoso
Tá tudo curado!*

REZA DE FOGO

Eu sei rezar também de ataiar fogo, quando tem um fogo pegando numa roça, aí você vai rezar, é fácil, as palavrinha pouca, aí você diz assim:

*Deus é Pai do fogo
E o fogo é fio de Deus
Entre o céu e a terra
Morra o fogo
E viva Deus!*

Só isso aí! Aí o fogo vai baixando, depois ele vai amuderando, aos pouquinhos. Aí apaga, torna acender, daí a pouco acaba!

Tem a de lagarta também, mais de lagarta num pode ensinar não! Nem lagarta, nem bicheira, quem me ensinou já num podia me ensinar mais não, se não num presta, fica fraca a reza! Num pode não, quem me ensinou foi o Alcides do Otávio, já perto de morrer!



Figura 72: Sagrado (BONFIM, 2020).

2.14. ALMIRA GONÇALVES DA SILVA “MIRÔ”



Figura 73: Dona Mirô (BONFIM, 2020).

Meu nome é Almira Gonçalves da Silva, conhecida como Mirô, tenho 90 anos. Meu pai morava no Monte Santo e minha mãe, acho que era daqui! Não conheci meus avós.

OS PRIMIEIROS MORADORES

Os primeiros moradores daqui foi o povo dos Bispos, antigamente. Eu acho que quem veio foi eles aí, primeiro! Conheci o povo dos Bispos.

A VIDA NA ROÇA

Viviam da roça, feijão, mandioca, milho, essas coisas né!

PADROEIRO

O padroeiro toda vida foi São José. Os festejos no início era pra rezar, não tinha essas coisas!



Figura 74: Procissão de São José (Autor desconhecido).

O REIS

O Reis era bonito, usava umas roupas compridas, cantava nas casas! Eu não sei mais como é os cantos. O reisado era dia 6 (seis) de janeiro!

SÃO JOÃO

A festa de São João fazia nas casas, fazia as fogueiras, fogueira em pé, tinha festa! O povo dançava.

OS CIGANOS

Tinha cigano aqui, eles passava, toda vida teve!

PARTEIRAS

A Amália foi parteira, Dona Celina, ali embaixo ela morava.

A Celina era parteira vêa.

CASA DE FARINHA

Tinha uma casa de farinha aqui do lado, nós tirava tapioca, fazia beiju!

CAFÉ

Roça de café, tinha muito!

CATUNI

O Catuni é bom, né meu fio?! Pra morar aqui eu acho bom!



Figura 75: Verde Bahia (BONFIM, 2020).

2.15. ANTÔNIO BISPO DE ALMEIDA “PEBA”



Figura 76: Peba (BONFIM, 2020).

Meu nome é Antônio Bispo de Almeida e tenho 75 anos, aqui me chamam de “Peba”. Meu pai foi Otávio Bispo e mãe Amélia, meu pai nasceu aqui, meus avós moravam aqui mais não sei se nasceram aqui mesmo.

ANTIGAMENTE ERA BREJO

Aqui antigamente chamava era de Brejo, porque era muita chuva, muita água! Minava tudo quanto era de lugar aqui, aí botaram o nome de Brejo, aqui era Brejo, Brejo Veio.

PRIMEIRAS FAMÍLIAS

Não sei se foi a família Bispo ou os Guerras. A família Guerra veio de longe, a família de papai é toda daí. Os Guerras

moravam onde hoje é a Rua Nova. Tinha os Alves também. Quando eu nasci, os Vianas já existiam.

ENGENHO

Engenho tinha, ali de junto onde tem o poço, bem ali naquela baixada! Acho que era do Anjo Ferreira.

ESTAÇÃO

Ainda vendi manga na estação.

CAFÉ

Café disse que tinha naquela época, era mais aqui pro lado da Grotta, todo mundo aqui tinha um pouquinho de café. Naquelas serras pra lá.

REISADO

O Reisado tinha, a Regina, a mãe do João da Deja, a Deja, a Mundinha, a Lia do Santos, a Almira¹, a Idê.

CIGANOS

Ciganos, passava muito cigano aqui nessa época, era ponto no prédio e na Rua Nova passava aquela ruma de cigano, aquela ciganada!

PARTEIRAS

As parteira tinha a minha que foi a Jucelina, que morava lá embaixo, perto da Estiva. Tinha a Donana, Dona Rosa do Clarindo, pegava menino também!

CATUNI É SOSSEGADO

O Catuni é ótimo demais! Eu adoro! Pra mim o Catuni é o lugar que tem mais sossego!

1. Dona Almira Gonçalves da Silva, “Mirô”, foi uma referência no Antigo Reisado de Catuni.

2.16.ARLINDA MARIA DUMONT “LINDOR”



Figura 77: Dona Lindor (BONFIM, 2020).

Meu nome é Arlinda Maria Dumont, tenho 90 anos, já tô quase fazendo 91. Meus pais eram de Alagoas, e vieram pra cá, eu nasci aqui, ali naquela casa onde a Roseane mora. Eu sei que meu pai era de uma nação de gente branca vermelha, com os zóio azul, como umas bola de gude. Meu pai era ferreiro. Agora a mãe dele também era sim, branca! Meus avós vieram também de Alagoas, o pai, a mãe de minha mãe, o pai e a mãe de meu pai! Eu era muito pequena quando eles morreram.

PRIMEIROS MORADORES

A finada Delfina, a vó da Sosó, a mãe da finada Dedé, Delfina morava naquela casa que hoje é da Sosó, ela foi das primeiras. A família da finada Delfina veio de Jeremoabo!

PLANTAÇÕES

Tinha muita roça de café, plantavam arroz, meu padrinho mesmo, plantava naquelas baixadas dos Vianas, ele enchia de fora a fora.

ENGENHO

Tinha engenho, era puxado a boi, era lá na roça onde hoje é do Tavinho, onde ele fez uma casinha, no caminho da represa! Eu me lembro, eu era pequena e dia de domingo nós ia olhar os boi puxando.

AS ÁGUAS

Tinha muita água, o rio da Fonte Velha, um rio forte, enchia aquela represa, jogava que saía na Estiva e ia pra Canavieira, tinha muita água. Dali da casa de tua mãe, dava pra escutar o rio descendo! Lavava roupa ali na Fonte Velha.

A PASSAGEM DOS REVOLTOSOS DE LAMPIÃO

Eu me lembro que passou sabe quem aqui? Os revoltosos do tempo do Lampião. Eles passaram aqui no Catuni e foram pra Caatinga. O Curisco era primo carnal de meu pai, andava no Bando! Eu não sei de onde eles vinham, esses revoltosos andavam aí pelo mundo. Daqui mesmo eles foram pra Caatinga. Lá onde a minha irmã morou muitos anos, lá eles mataram gente! Eles passaram aqui eu não era nascida, me contaram. Mãe tinha aliança de ouro, anel de ouro, argola de ouro, e arrancou tudinho das zurêa e botou dentro de um frasco e enterrou porque eles tomavam. Diz que escondeu tudo, quando eles foram embora pegou. Mais diz que aqui no Catuni eles não mexeram com ninguém, agora nessas Caatingas, eles andaram e aprontaram.

CIGANOS

Os ciganos teve, tinha muito cigano aqui, eles vinham de fora e passava uns tempos aqui. Eu tava me lembrando essa semana, que morreu um cigano aqui, naquela casa que hoje é do Anísio, ele adoeceu. Ele tá plantado ali em cima, e a mulher dele, a viúva dele chamava Sinuca. Quando o cigano morreu, ela juntou tudo que tinha dele, fez uma fogueira na frente da casa e tocou fogo². Mais aqui sempre vinha cigano, de passagem. O máximo que ficavam era oito dias. Às vezes, quando achava uma casa aberta eles se arranchavam.

A VIDA NA FARTURA

Esse Catuni aqui já foi rico de fruta, de água, de roça. Plantação de mandioca, eu digo e sustento, quantas vezes eu já vi dez saco de farinha dentro desse quarto aí, e cinco seis sacos de café! Melancia fazia as ruma aí, que chamava as crianças pra chupar melancia, era fartura, me criei na fartura, me casei na fartura, eu nunca vi pobreza! No meu tempo era tudo trabalhando nas roças, quem não tinha roça dava os dias de serviço!

EMPREGADO DA LESTE

Meu marido era empregado dessas corrêas³ aí.

A VIAGEM DE TREM

Lembro da estação, eu embarquei muito, indo pra Catu e Salvador. Tinha o trem da Grota. Oh viagem boa! Eu viajava pra Jacobina de trem, o trem da Grota. Era uma feira na frente da estação, vendia galinha, frango. Teve o homem que pegou um urubu e foi vender na estação de noite dizendo que era uma galinha (risos).

2. Essa sempre foi uma prática cigana quanto aos pertences daquele que desencarna.

3. Se refere a linha férrea que passa em frente a sua residência.

PARTEIRAS

Tinha parteira aqui, era a finada Zefa do João Antônio, tinha a Josefa Fernanda, chamava ela de Mãe Zefa, era muito sabida, ela morava lá pra baixo da estação.

BENZEDOR

Tinham um vinho que benzia de tudo, eu era pequena, ele cuspiu e a cobra murria. Aqui só tem um Antônio Zóião que reza hoje!

RODAS, CANTOS E VERSOS

Tinha roda, nós cantava tanta roda, a noite todinha cantando e dizendo verso! A cômada Doninha, que era a primeira mulher do Vicente da Ester, a mãe do Deto, essas mulheres tudo, se ajuntava de noite pra cantar nos dias de lua clara, porque não tinha luz! Lá na frente da casa, onde hoje é da Dora, ali tinha uns capim, nós cantava roda até o dia amanhecer, cantando e dizendo versos, uns entrava e rodava.

REISADO

O reisado tinha, aquele Demar que era o cabeça dos Reis, ainda hoje é!

A CAPELA E SÃO JOSÉ

A igreja era uma capelinha, depois que aumentaram, depois o finado Zé Bispo fez grande. Nós somos felizes no Catuni porque o padroeiro é São José. As novenas era animada, meu pai mesmo gritava leilão até uma hora da manhã na porta daquela igreja. Não tinha festa dançante! Tinha missa, novena, tinha os leilão, era nove dias de noite, era nove dias de leilão. Hoje em dia se acabou, e agora com o negócio dessa doença (pandemia).



Figura 78: Alvorada lá no Morro que Beleza (BONFIM, 2019).

2.17. ANTÔNIA PEREIRA DE OLIVEIRA “LIVINA”



Figura 79: Senhorita Livina (BONFIM, 2020).

Meu nome é Antônia Pereira de Oliveira e tenho 80 anos, eu sou daqui mesmo, eu acho que daqui eu só vou pro cumitéro! Meus parentes são do Ceará, meu pai era do Ceará e minha mãe era daqui, da família Guerra. O nome da minha mãe era Alice Maria de Jesus, meu avô passava aqui, ia pro Ceará, ia e voltava.

PLANTANDO

Aqui o povo plantava feijão, mio, plantava aipim e batata. O café a gente ia panhar, rapava os pés e botava pra secar no sol, depois vendia.

ENGENHO

Engenho tinha do Anjo Ferreira, ficava lá no caminho da represa, fazia rapadura e meli.

OS CIGANOS

Aqui já apareceu muito cigano, passava aí na tropa a boiada, passava aí no meio da rua! Passava dois dias e ia embora.

PARTEIRAS

Parteira era a Délia e a Jusefa do Fernando. Tudo morreu, num tem mais parteira não!

REZADORES

Minha mãe mesmo rezava, a Alice, e hoje tem o Antônio da Délia, que tá vivo.

ESTAÇÃO DE TREM

A estação tinha uma feira, o povo ia vender as coisas. Naqueles tempos viajei de trem, tinha seis máquinas, era bom, agora não tem mais não, acabou tudo! Tem o pontilhão ainda.

ENERGIA ERA NO CANDEEIRO

No meu tempo de nova, não tinha energia, era no candeiro com querosene!

INDO PRA FEIRA

Ia pra feira de pé ou montada no jumento. Ia pra Jaguarari ou pra Bonfim. Vendia tangerina lá! Nós saía daqui 2 horas da madrugada, quando chegava lá o dia tava clareando.

MEMÓRIA DAS ÁGUAS

Tinha muita água aqui! No tempo da represa, a água era boa viu! Maravilhosa, como aquela que vem do céu! Agora essa de hoje não presta mais. A de antes era clarinha e toda boa, essa de hoje é amarela.



Figura 80: Rio Catuni (BONFIM, 2020).

FESTAS

Tinha festa, tinha a sala de dança com sanfoneiro, tinha reis, tinha os tocador, todo dia de domingo, era animado! Samba de veio, eu só vi uma vez. Batia o pandeiro. Já o Reisado, o povo brincava no meio da rua, tinha o boi, tinha a vaca, no dia 6 (seis) de janeiro.

O FEIJÃO COM LICURI

Comia milho assado, feijão verde com licuri... era gostoso! Tinha cada galinha boa e bonita! Tinha licuri, botava nos feijão, na galinha, em tudo!

2.18. JOSÉ DANTAS DE OLIVEIRA “ZUQUINHA”



Figura 81: Seo Zuquinha (BONFIM, 2020).

Meu nome é José Dantas de Oliveira. Me chamam de Zuquinha. Nasci na Baixa da Jurema. Quando eu vim mim embora pra cá eu tinha 36 anos, hoje eu tô com 83 anos. Meus pais, mamãe nasceu e se criou aqui na Baixa da Jurema, minha mãe era Maria Dantas de Oliveira e meu pai Jose Lino Dantas de Oliveira. Meu pai era da Cachoeirinha, no município de Juazeiro. Conheci meu avô, era daí do Oio D'água, era o Antônio Dantas. O Catuni é bom, vim pra cá, daqui fiquei, aqui criei a família toda!

BREJO

Aqui chamava Brejo, o lugar aqui era Brejo, depois da Estrada de Ferro botaram o nome da estação de Catuni da Estrada. Brejo porque chovia demais, em todo canto era minação de água. Nessa linha aí descia um rio d'água, descia outro por acolá pra sair no pontilhão, mais era Brejo!

PLANTANDO

Plantava de tudo aqui, chovia muito, plantava o feijão, fazia a roça, tinha manga, cafezeiro, aqui era lavoura de café. O pessoal sobrevivia com a plantação de arroz, cana, café!

Pegava lá em baixo, na roça do Zé Rodrigues, subia aqui de cabeça arriba até no Pripiri, na grota do veio Zezé, era mangueira. Tinha um veio da Beldroegas que comprou as roças no Pripiri, de café. Quando ele vinha catar café e enchendo os sacos, saía com 20, 30 cargas de café. Botava para secar na praça, porque lá o inverno era mais curto, aí carregava todo pra lá! O pessoal plantava feijão de arranca aqui também entre abril a maio. Quando era de julho pra agosto, era tempo de bater feijão.

ENGENHO

Aqui tinha 2 (dois) engenhos, um era do finado Anjo Ferreira, era bem onde tem aquele poço artesiano, na roça do Veio Nino, ali o canavial era duas, três tarefas. Ele fazia mel pra vender, rapadura! O outro era lá no Riacho do Mato, que era do povo dos Viana. Eu só alcancei os turrão lá! O Veio Anjo, eu era menino, e ouvia ele chamar papai pra buscar meli e rapadura. Papai fazia roçage e juntava as lenha pra vender ao Veio Anjo, pra queimar no engenho.

A ESTAÇÃO

Na estação o movimento era grande. O pessoal se ajuntava e enchia de fruta pra vender na hora dos trem, vendia tudo o quanto era fruta! Viajei de trem pra Juazeiro pra vender banana. Depois acabou as frutas aqui! Catuni quando a linha de ferro passou aqui já tinha muitos moradores.

AS ÁGUAS

Água! O rio aqui, quando era no tempo de seca, sustentava o município de Jaguarari todo. Tinha dias que saía 20 (vinte) caminhões pipa de água. Era água! Abastecia o município todinho! Pegava água na estação, depois acabou a estação, aí o caminhão pegava na represa.

OS CABOCLOS

Tem as toca dos índios, ali onde é a roça do Chico do Nô, lá tem uns túnel. Dizem que ali era morada de caboclo brabo.

CIGANOS

Cigano era demais, cigano passava aqui era muito, fazia rancharia!

ESTRANGEIROS

O Veio Santinho, Santo Ferreira, eram branco dos olhos claros, descendente de italiano.

SÃO JOSÉ

O padroeiro daqui é São José. Aqui se faz as festas, as novenas, reza, missa, tinha tudo!

TERREIRO DE BATUQUE

O terreiro era do Xêro, finado Xêro. Fazia o toque lá embaixo. Ele fazia festa lá dijunto da estação, numa casinha lá! Hoje tem o Justino, Pai de Santo.

PARTEIRAS

Parteiras aqui era a Veia Mãe Celina. Tinha a Donana Binga, no Oio D'água. Tinha a Adélia também.

REZADORES

Tinha a Veia Donana do Zé Burquinha. Ela resava em criança. Tem o Antônio da Délia, que toda vida foi rezador!

SAMBA DE VEIO

Samba tinha, era um batuque danado e os veio dançando, dançavam a noite todinha! O finado Pedinho se juntava com a família dele, o finado João Antônio, que era irmão do finado Pedinho, fazia essas festas aí, era samba! O finado Pedinho era fio de Veia Delfina. Tinha um bando de gente dessa família aí, a mulher do Sinhorzão, a Zabelinha! Tocavam cavaquinho, violão pandeiro, um reco!

O REISADO

O Reisado era um bucado deles aí que ajeitava. Eles fazia Reisado, quando era de madrugada, saía cantando nas casas de fora a fora, tinha as cantiga!

2.19.MARINA FIGUEREDO DA SILVA “DINDINHA MARINA”



Figura 82: Senhora Marina (BONFIM, 2020).

Meu nome é Marina Figueredo da Silva, tenho 70 anos e nasci aqui no Catuni. Meu pai foi Pedro Sivirino da Silva e minha mãe era Júlia Maria da Silva. Meu pai era de Pernambuco, em Caruaru de Bezerra, e minha mãe é do município de Andorinha. Só conheci uma avó, era daqui dessa região nossa, não lembro o lugar! Meus pais moraram aqui na década de 40, em 45 nasceu um de meus irmãos aqui. Eles foram embora e moraram em Juacema, nasceu um lá! Depois voltaram pra cá. Eu nasci aqui e minha mãe não saiu mais daqui. Meu pai abandonou a gente, foi embora! Quando eles chegaram aqui já tinha muita gente nessa comunidade.

AGRICULTURA FAMILIAR

Aqui se praticava a agricultura familiar. Plantavam mandioca, feijão e milho. Tinha também muita fruta aqui no

Catuni! Era manga, eu lembro dos caminhões saindo, o dia todinho o pessoal tirando manga, a manga daqui era famosa. Tenha até uma música que Doutor Nequinho compôs a respeito da manga do Catuni. Eu não lembro, mais tinha essa música falando da manga do Catuni.

CARREGANDO ÁGUA NA CABEÇA

Antigamente a gente carregava água na cabeça, pois não tínhamos água encanada. Íamos buscar lá na Estação, onde tem uma caixa. Nós íamos buscar água lá quando era para cozinhar e beber. Pro uso doméstico, lavar os pratos, dar banho nas crianças, era da Fonte Velha! Tinha a Fonte Velha!

A ESTAÇÃO ERA PONTO DE ENCONTRO

Sobre a estrada de ferro não sei muita coisa. Eu lembro que passava vários trens. Tinha o trem de carga, trem de passageiros, tinha vários tipos, tinha o trem noturno, tinha o que passava 10 (dez) horas da manhã, as Maria fumaças, eu lembro com muitas saudades! Tem coisas que a gente não pode nem falar, a saudade é muito grande (seus olhos marejam de saudade)!

A estação tinha muito movimento. Quando tinha aquele trem as pessoas iam vender muitas frutas, eu mesma vendi muito! Naquela época não tinha vasilhas plásticas, era gamela de madeira, a gente botava na cabeça com as frutas e ia vender na estação, pro pessoal! Viajei muito de trem, pra Juazeiro e até para Salvador! Era uma delícia andar de trem!

Era um ponto de encontro. Quando mocinhas íamos pra lá no noturno que passava dez horas da noite, aí era festa! Juntava o grupo de moças e rapazes, principalmente quando tinha lua clara, né? No escuro ficava mais difícil, por conta da passagem no pontilhão. Era ponto de encontro mesmo!

O TELEGRAFISTA SEO ALCILDES

Aqui nós tínhamos o telégrafo. Tinha um telegrafista, Seo Alcides, que trabalhava na estação. Quando ele vinha o pessoal já ficava esperando as notícias vinham, geralmente, de São Paulo. Aí mandavam telegramas. Quando era notícia tinha o correio. Seo Alcides quando ele apontava na rua, quem tinha parentes em São Paulo já ficava se tremendo com medo de notícias ruins, um telegrama de alguém que morreu. Vi muitas vezes as mães chorando, mais outras vezes era notícia boa, as pessoas dizendo que vinham passear.

ENERGIA ELÉTRICA

Antigamente, aqui não tinha energia, depois apareceu o motor. Ali onde tem a igreja de São Vicente, era a casa de motor. Quando dava dez horas apagava, ficávamos na rua e quando chegava perto das dez íamos embora, não tinha luz, era no candeeiro mesmo, com querosene! Veio a energia na década de 70, energia elétrica! Aí já melhora muito a vida, mais será? Porque a televisão tira muito as pessoas de sentar na porta pra conversar, porque existia muito isso, as crianças brincando na rua. Brinquei muito na rua, muitas coisas boas que aconteciam e isso a televisão já tira um pouco. Tudo era novidade, a maioria não sabia o que era TV.

OS CIGANOS

Os ciganos, eu achava bonito eles passando aqui, eles armavam as tendas deles lá na Rua Nova, ali embaixo, no campo também! Eu achava bonito a cultura deles, a vestimenta, tudo! Passavam, acampavam um tempo e iam embora, depois voltava outros, era assim!

PADROEIRO SÃO JOSÉ

O padroeiro daqui é São José, nosso amado São José. A festa sempre foi muito bonita, tinha as novenas, tinha os leilões, hoje já não tem mais! Tinha as pessoas que gritavam os leilões, as pessoas levavam as coisas! O profano veio de um certo tempo pra cá, não tinha não! Teve mudanças no altar, piso não era assim! Ela é muito antiga.



Figura 83: Sertaneja pedindo pra chuva cair (BONFIM, 2015).

LAPINHAS E CARURUS E AXÉ

Tinha na Justina, antes eu não lembro, nem nunca ouvi falar! Tinha a que fazia, a mãe da Comadre Maria do Ózeas, dona Míuda¹! Ela veio da Massaroca, vieram de lá. O marido dela trabalhava na Leste. Ali na casa que era do finado João do Sabino,

1. Bisavô materna de Alan Bonfim. Era uma mulher de pele fina e enrugada pelas marcas do tempo. Usava um lenço nos cabelos e sempre de vestido florido, era uma morena dos olhos d'água" e muito intuitiva. Tinha seu altar para adorar seus Guias, Erês, Caboclos e Boiadeiros. Também era devota de Jesus, Maria e José. Tinham mãos de cura! "É por onde eu vou que o santo me leva". Seu marido era um homem de pele preta e brilhante!

ela tinha, ela fazia umas lapinhas muito bonitas e também tinha os carurus, ela cantava, tinha batuque!

HISTÓRIA DE DONA IZABEL

Tem uma história muito bonita de dona Izabel, a vô da Telma, do Juracy. Ela fazia novenas. Esses dias mesmo eu tava falando com as meninas, ela cantava ladainha em latim. Quando eu era menina eu sabia cantar a ladainha todinha! As missas eram celebradas em latim, tudo era o latim, depois que foi mudando, as coisas vão evoluindo, a igreja tem que acompanhar, né? E Dona Izabel, ela tinha novena de nossa Senhora, ela cantava o *Kyrie eleison*², a ladainha, ela cantava em Latim, “*Kyrie eleison! Christe eleison*”, era cantado assim! Ela cantava do jeito dela, o latim dela! E também, em dezembro, ela fazia uma festa, e era uma lapinha cantada, os meninos se vestiam de caboclo, se vestiam de ciganos! Porque tinha vários representantes da Lapinha, os reis e as rainhas. Era coisa muito linda! Na lapinha de Dona Izabel, eu mesmo, uma vez, fui caboclo, eu cantava! Tinha a borboleta, eu lembro, vários personagens! O caboclo, eu me vestia de menino, botava as cabacinhas, umas coisas assim, e cantava! Era muito interessante, porque tinha a novena, era linda! Quando eu ouço cantar “*Viva a Mãe de Deus, sem pecado concebido, viva a Virgem Imaculada, oh Senhora Aparecida!*” Eu lembro que era a comadre Mundinha que cantava, aquela voz tão linda na canção. São coisas que a gente não esquece. As pessoas iam e sentava todo mundo no chão! Era aquela coisa muito linda! Lindo mesmo! Era como as brincadeiras de roda, que hoje já não existe mais né!

2. Ladainha de Todos os Santos em Latim.



Figura 84: Dona Izabel com sua bisneta Michelle Araújo (TEREZINHA RIBEIRO, 1994).

REIZADO

Tinha o Reizado. O pessoal se caracterizava de ciganos, de rainha. Tinha as bandeiras. Cantavam, saíam na rua cantando. Era a Mirô que organizava, a mãe do Nardo! Festejava dia seis de janeiro, era uma coisa muito bonita, cantava assim:

Ô de casa, ô de fora

Ô de casa, ô de fora

Menino vai ver quem é

Menino vai ver quem é

São os cantador de Reis

São os cantador de Reis

Do divino São José!

Do divino São José!

E tem outras mais, tem vários cantos!

AS PARTEIRAS

Sobre as parteiras eu conheci a Donana, mãe da Odalha, mãe Zefa, ela morava ali na casa da Chica do finado João do Santo. E tinha a Celina, Dona Délia. Eu lembro dessas parteiras! Dona Délia já foi bem mais recente, até acompanhei ela em vários partos. É muito lindo, uma experiência linda!

REZADOR E BENZEDEIRAS

Aqui tinha Seo Antônio da Délia que ainda reza hoje, a Amélia avó da Zigoia, mais ela não gostava que ninguém soubesse, só numa necessidade extrema é que ela benzia uma criança. Tinha Dona Martinha! Avó da Maria do Juvino, eu esqueci o nome dela, ela também benzia. A Dona Martinha era mãe do compadre Joaquim, era mãe da comadre Lica! Minha mãe me ensinou a rezar de olhado, pra criança, né? Mais é uma coisa, já nem se usa mais. Mas a reza era mais ou menos assim: Diz o nome da criança e depois fala *“com dois te botaram, com três eu te tiro, com o poder de Deus e da Virgem Maria!”* Ai vai repetindo isso, a cada três vezes, benzendo a criança com o raminho verde! Pro olhado, diz assim: *“Olhando quebranto espanta, morfina, inveja e mal! Que se afaste dessa criança com o poder de Deus e da Virgem Maria.”* Aí pede a nossa Senhora que ajude essa criança, rezando a oração do Pai Nosso e Ave Maria. Para rezar geralmente se usa mais a vassourinha.

A CULTURA DO LICURI

A cultura do licuri, ahhh!!!! Aí uma coisa boa, que aqui também se viveu muito disso! Juntava os licuri, ou ouricuri, como queira chamar, né? Aí só escutava aquelas batidas das pedras, pá pá pá! Quebrando e a noite juntava gente ao redor do licuri quebrado, uns ajudando os outros, era uma vida muito bonita! Até hoje o Catuni é assim, tá todo mundo muito longe, mais na

hora da necessidade, tá todo mundo grudado! Aqui é um lugar maravilhoso, essa cultura de um ajudar o outro nunca acabou e nem vai acabar!

VIVENDO E APRENDENDO

Minha mãe criou a gente sozinha, o pai foi embora! Ela ficou com três filhos pra criar, ela era tida como orgulhosa! Ela queria que os seus filhos trabalhassem, pra comprar as coisas com o suor deles, você conheceu meu irmão, né? Ele tinha deficiência nas pernas, mas foi um dos melhores vendedores do livro jurídico do Brasil, foi considerado. Ele conhecia essa Brasil todinho! Então minha mãe nos criou assim, trabalhando, desde pequena eu já vendia manga, carregava uma lata d'água, lavei roupas, fui criada trabalhando, até hoje nos meus 70 anos eu não gosto de ficar parada! Nós estudamos, minha mãe era analfabeta. O pessoal dizia: *“Tira esses meninos da escola, para ajudar no trabalho!”* E ela dizia: *“Não tiro!”* Estudamos até quanto deu. Na minha época estudei até o quinto ano, depois fazia um exame de admissão para passar pro ginásio! Aí terminou o quinto ano, eu aprendi a bordar na máquina e a costurar. Mais enquanto eu estudava, eu lavava, passava, carregava água, fazia todo trabalho, ganhava meu dinheirinho, comprava meus vestidinhos de chita, mais feliz, né?

CAFÉ E VERSOS

Muitas famílias se mantinham assim, catei muito café nas roças. Amarrava um bocapio na cintura, dava pra pegar até 30 pratos de café por dia. Era muito bonito. Lá no Cajuí tinha as roças, tinha muita roça de café, ficava um grupo em uma roça e outros nas outras roças, e cantava, diziam versos, era festa, tudo era motivo de festa! Era cantando o tempo todo.

ENSINANDO AS CRIANÇAS

Eu já me formei com 37 anos, depois de tudo eu fiz o supletivo de primeiro grau, fiz as provas, passei, aí me matriculei no Centro Educacional Cenecista de Jaguarari e terminei o magistério! Ensinei muito pouco, porque geralmente eu trabalhava mais na direção. Fui pra creche e fiquei até quando me aposentei! Acompanhei o desenvolvimento de muitas crianças, eu amo crianças, continuo amando vocês todos. Sou cheia de afilhados, sobrinhos e netos!

TURISMO EM CATUNI

Aqui tinha muita fruta e seria uma maneira de aproveitar, como aqui tinha muito leite, eu pensei muito nisso! Imaginei muita coisa pra Catuni, mais nunca consegui. O poder público nunca ajudou, mais aqui era pra ter um ponto turístico. O Catuni é lindo! Isso poderia empregar muita gente, trazia o turismo, era uma maneira de crescer e valorizar mais o lugar da gente!

CATUNI É PARTE DA MINHA VIDA

O Catuni é parte da minha vida! Não sei viver longe do Catuni! Eu amo demais, é tudo Catuni, pra mim! Mais eu amo, pra mim é um pedaço do céu, amo as pessoas, amo cada um que mora aqui, pra mim é tudo maravilhoso, amo de verdade (fala em um tom de saudosismo enquanto seus olhos marejam).

SONHOS

Teve uma vez que eu pensei em criar um grupo pra ensinar reaproveitamento de comida, pra não jogar nada fora, criar novas coisas com o que ficou dali, mais precisava ter um incentivo. Ensinava as pessoas a costurar! Já tive tantos sonhos, mais hoje não! Sonhava em implantar uma fábrica de doces, quando tinha muitas frutas!

2.20. MARLENE CABRAL DE OLIVEIRA “LENA”



Figura 85: Lena Cabral atual Agente de Saúde da comunidade (BONFIM, 2020).

Meu nome é Marlene Cabral de Oliveira tenho 46 anos. Moro na rua Praça São Vicente de Paulo, em Catuni da Estrada. Na minha identidade diz que sou de Curaçá, mais meu pai disse que eu nasci aqui nessa casa (risos). Meu avô materno, meu avô é de Curaçá, Antônio Cabral, e minha avó era daqui mesmo, os paternos daqui também. Meu pai José de Souza Oliveira e Edilene Cabral de Oliveira eram primos. Minha avó era irmã da mãe de meu pai, eles eram primos carnal! Se conheceram por aqui, viajando! O pai de meu Pai, que era José Tomaz, parece que ele era de Sergipe, viajante, né? Morou um tempo em Monte Santo, aí nessas viagens veio parar aqui, no Catuni! Meus pais, eram primos, Adelina Cabral de Oliveira (lavradora) e José de Souza Oliveira (lavrador e feirante) ambos *in memoriam*. Tenho cinco irmãos, Magali, Marly, Maria Auxiliadora, Elenilda e José Garcia. Meus avós, paternos não os conheci, José Tomaz de

Oliveira e Maria de Souza Oliveira, conheci somente os avós maternos, Antônio Cabral de Souza, Natural de Curaçá e Maria da Luz de Souza, filha daqui, mas a convivência maior foi com a vó Luz, que era assim que chamávamos. Lembro-me que ela rezava nas crianças, era benzedeira. Aos 9 anos de idade fui morar com meus tios Ester e Vicente aqui mesmo em Catuni, morei com eles 17 anos. Estudei e em 1994, conclui o magistério no colégio Cenecista de Jaguarari. Catuni quem aqui visita sente-se encantado pela beleza das serras e do clima, do sossego. Quem aqui nasceu e cresceu tem muito o que contar, dos sotaques, das crenças, das brincadeiras de infância, das rodas de conversas, enfim. Somente quem mora no interior deve entender o que estou dizendo, pois não tem formação acadêmica que faça esquecer dos costumes e crenças, que não são poucas, tipo: -Não passe embaixo da porteira que dá azar, Apois, Vixe, Cuma é, Não tem como, Caba arretado, lá emriba, Promodequé...Não esquecendo também das doenças, bucho quebrado, dona do corpo, vento caído, Nó nas tripas.

As brincadeiras de infância, chacoladeira, baleado, gude, pular corda, pisei, chicotinho queimou, amarelinha (macaco), pega-pega. Eram tantas brincadeiras que brincávamos dia e noite. Na adolescência, as paqueras era sentar no banco da praça, ir ao Lest's Clube para dançar as músicas românticas (escondidos dos pais). Os passeios na roça e cachoeira dos Betes, Piquinique e muitas outras coisas.

Mas não vivíamos somente de diversão, existia o trabalhador da roça, lavrador, o carpinteiro, ferreiro, feirante, doceiras, arteiras, lavadeiras, comerciante e tantas outras atividades para se adquirir o sustento da família.

Os pais não deixavam de se esforçar para também investir na educação dos filhos. A escola funcionava até a 4 série (hoje, 5º ano), depois íamos estudar em Jaguarari, quem tinha uma condição melhor estudava no Cenecista. Não existia essa facilidade de hoje. Tinha transporte (ônibus) mas às vezes

passávamos por momentos difícil íamos em cima de caminhão ou camioneta e quando era tempo de inverno, cada um se protegia do seu jeito do frio e da chuva, mas como nordestino não se abala com pouca coisa, encarávamos numa boa e até nos divertíamos com a situação. Saíamos às 6h30min para retornarmos às 12h, mas era comum também chegarmos às 13h, ou 14h.

OS PRIMEIROS MORADORES

Nessas minhas andanças como agente comunitária, visito muito as famílias, aí eu sempre tive essa curiosidade. Eu gostava de conversar com o Sr. Silvio longuinho Guerra (Seo Xêro) e o Sr. Alcino Batista, conversava muito com eles, que às vezes esquecia da hora. Segundo o Sr. Sílvio, os primeiros moradores foram as famílias Alves e Guerra. Contava que Catuni como tinha a linha férrea e a estação, era muito movimentada, vinha muita gente de fora, os viajantes quando aqui passavam achava muito bonito as belezas das serras, a vegetação, muitas frutas, considerada a famosa terra da manga, e água boa que vinha da serra, tinha muitas nascentes e também dizia que as mulheres atraíam os viajantes com sua beleza, pois Catuni sempre foi considerada um lugar de mulheres bonitas.

PLANTANDO

Por ter um solo fértil, um clima bom e favorável ao plantio e a criação de animais (gado, bode), então as pessoas, andarilhos e viajantes ficavam aqui e começaram a construir suas famílias, cultivavam feijão, milho, mandioca, frutas (bananas, laranja, tangerina, manga, etc.). A mamona, licuri, café, tinha muita plantação de café na serra (Pedro da Angélica tinha grande plantação). Eu ainda lembro que quebrei muito licuri (risos). O leite do licuri, costuma-se usar na prática culinária para fazer o arroz na Semana Santa, que é uma comida típica; bate no liquidificador tira o leite e tempera o arroz, o peixe, (bacalhau), o feijão verde, é uma tradição muito apreciada em nossa comunidade. Outra atividade que se tornava até em lazer e bate

papo era a casa de farinha, as mulheres se reuniam para raspar mandioca, fazer farinha, tirar a tapioca e fazer o beiju.

Eu ainda lembro que quebrei muito licuri, catava ali em Olhos D'água. Com praticamente oito anos eu fui morar com meus tios Vicente e Ester, e eles tinham a roça em Olhos D'água, íamos catar licuri lá. Traziam no jegue, aqueles sacos de licuri, passava a tarde toda quebrando licuri, depois ia tirar e vendia ali pra Seo Acildes, ele comprava licuri.

O NOME CATUNI DA ESTRADA

Eu perguntava a Seo Xêro porque esse nome Catuni? Ai ele dizia assim: *“Catuni significa terra boa!”* Aí eu perguntava: *“Por quê Estrada?”* *“A estrada passava aqui, por isso colocou Catuni da Estrada, o outro Catuni fica na grota, aí colocaram Catuni da Grota”,* ele me disse.

ÍNDIOS NEGROS E ESTRANGEIROS

Catuni, aqui se instalaram pessoa de diferentes raças, eu sei que falam de índios, negros, Italianos, ali a família dos Bispos, o Zé Bispo, o povo branco do olho claro, eles são Italianos. Muitos imigrantes chegaram por aqui também. Dizem que a minha bisavó, era índia. Se Jaguarari é uma terra indígena com certeza aqui devia ter vários povos indígenas. Assim também como deve existir a influência negra. Se observar os traços do meu rosto (nariz), percebe-se características marcantes. Meu avô era negro e minha avó filha de índia.

ENGENHO

Engenho tinha, não lembro os donos, mais tinha! Ali na Serra, nos Betes. A família da Dona Lozinha, eu creio que eles tinham engenho!

OS CIGANOS

Lembro muito bem dos ciganos, tinha o tempo de eles

saírem migrando, lá do Norte de Pernambuco, saiam por aí atrás de vida melhor. Como aqui tinha muita água fartura, Catuni sempre foi um lugar que teve muita fartura. Agora não, devido à seca, a devastação. Eles vinham e ficavam ali próximo à escola, no campo, ali existia outra escola, era amarela, escola muito bonita! Eu fiz catequese nessa escola, aí sempre que eles vinham ficavam lá. Lembro de um casamento cigano que teve, eu devia ter uns 7 anos, por aí, mais eu lembro desse casamento, era muita gente, muita comida, eles dançavam, todos com aquelas roupas vermelhas, coloridas. Eles faziam sucesso aqui, muito bonitos que eram, chamavam atenção da mulherada, eles faziam sucesso, com aqueles cavalos, e isso chamava atenção, eles eram bonitos! Passavam mais de um mês às vezes, depois zarpavam!

PADROEIRO

A festa do padroeiro São José sempre foi uma cultura religiosa bem apreciada pelos visitantes, quando chega o mês de março, a comunidade se doa, é uma festa linda. A gente começa a louvar São José desde o dia 1º até o 31 de março e todos os dias estamos na igreja, mas os momentos festivos, a novena acontece dia 10 (missa de abertura) até o dia 19. São noites que contamos com a participação das comunidades circunvizinhas e pastorais. Após as celebrações acontece a quermesse com comidas típicas doados pela comunidade. Para abrilhantar as noites, os meninos com a banda de pífano, uma tradição cultural da comunidade e as alvoradas que acontecem às 4h da manhã.

AXÉ

Apesar do catolicismo prevalecer aqui, não se isenta de influência de outras culturas religiosas. O sincretismo religioso, está presente e não podemos desconsiderar. São Cosme e Damião por exemplo, na igreja Católica, no Calendário Litúrgico Romano do Rito Ordinário, é celebrado dia 26 de setembro considerado um santo protetor dos médicos, que foi perseguido e martirizado por

curar os doentes em nome de Jesus. A umbanda, o candomblé, festeja dia 27 de setembro. São religiões também cultuadas em nossa comunidade e devemos respeitar. Há evangélicos que aos poucos está ganhando espaço e atraindo fiéis apesar de ser um número bem pequeno ainda. A espiritualidade precisa ser cultuada, cada um com sua crença mas não esquecendo da centralidade que é Jesus Cristo. O segredo é não usar o nome de Deus para fazer mal ao próximo senão estaríamos em contradição com os princípios e os ensinamentos cristãos.

O CUIDADO COM A SAÚDE: PARTEIRAS E BENZEDEIRAS

As parteiras e benzedoras, eram as médicas e enfermeiras da época. Antigamente não existia posto de saúde e para se consultar tinha que se deslocar para outras localidades Senhor do Bonfim e Juazeiro com grande dificuldade em encontrar transporte por isso a prática das ervas medicinais era comum, os remédios caseiros, chás e xaropes. As parteiras lembro da Dona Joselina que a gente chamava ela de Mãe Celina, inclusive o nome da Unidade de Saúde, do PSF (Programa Saúde da Família), Joselina Pio de Farias é em homenagem a ela. Mãe Celina, ela cuidava da gente como se fosse uma mãe mesmo, era também benzedora. Existiam várias benzedoras, Dona Adélia, Júlia, Amália, minha vó Luz, Amélia, Dona Cota e outras (os) e essa prática ainda existe na comunidade, o Sr. Antônio da Adélia, Livina que apesar da idade continuam com suas orações de muita fé e devoção. Hoje temos uma Unidade de Saúde, PSF composta por uma equipe de profissionais: médico, dentista, enfermeira, técnica, vacinadora, agentes comunitárias, que atende a comunidade de segunda a sexta. É um privilégio para nós termos essa equipe para cuidar e zelar da saúde da população.

REISADO

O reisado existia há anos, e Almira Gonçalves (Mirô) e minha tia Idê, segundo as pessoas, foram ela que fizeram os

primeiros reisados, passavam meses planejando, decorava as roupas com papel colorido, aquelas roupas brilhantes. Quando adolescente, lembro do reisado, organizado pelo Demar e nos caracterizávamos de ciganinhas, estrela D'alva, reis, rainha, íamos pra Olhos D'Água buscava o Demar e vinha cantando:

*Olha a palha da mangueira
Não deixa o vento levar
Olha a palha da mangueira.*

A gente vinha cantando, entrava nas casas e cantava:

*O dono da casa
Ele é bom ele dar
O dono da casa
Ele é bom ele dar
Garrafa de vinho,
Um docinho!*

Aí as pessoas abriam as portas e a gente entrava, e lá tinha comida, passávamos a noite. Aí todo mundo já se planejava, quando era dia de reisado a pessoa já fazia aquelas comidas esperando a gente. Eles fechavam as portas, a gente fica na porta cantando, aí depois, tem todo o rito, aí depois a família abre a porta, a gente entra e faz toda a farra dentro da casa. Inclusive agora, como eu estou como coordenadora da igreja resolvi resgatar isso. Já tem uns dois anos que nós da igreja resgatamos o reisado. O último foi esse ano, resolvemos resgatar esse reisado da nossa vivência, né? É uma festa religiosa, mais nada que não fuja dentro do ritmo. Toca pandeiro, violão, sanfona, zambumba também e o famoso vinho que não pode faltar, doce, e a farofa de galinha, isso não pode faltar no reisado, é tradição, o vinho é um dos principais do reisado!



Figura 86: Folia de Reis (CABRAL, 2020).



Figura 87: Rainha do Reisado (BONFIM, 2020).



Figura 88: Cigana do Reis (BONFIM, 2020).



Figura 89: Reisado em Catuni (BONFIM, 2020).

FESTA DE SÃO PEDRO

Mês de junho acontecia a festa de São Pedro, considerado o mês da alegria de fartura, chuvas de inverno intenso e muito frio. No dia 29, dia de São Pedro, à noite, as famílias acendiam

fogueiras, faziam barraquinhas de palha e animação contava com o forró aqui no salão. Uma semana antes do dia 29 a gente fazia forró grito, uma semana de eventos que se dividia por rua, vinham pra praça e acontecia as apresentações: quadrilhas, casamento matuto, danças de fita e etc. Para alegrar as crianças, durante o dia, tinha a fogueira em pé, quebra pote, corrida de saco e várias outras brincadeiras. As quadrilhas de Catuni, eram destaque no município pelo mestre João Capoeira.



Figura 90: Grupo de Capoeira Flecha Dourada (BONFIM, 2017).

A CAPOEIRA

O João Capoeira¹! A capoeira aqui em Catuni, o João Capoeira, ele tinha um grupo, era o mestre, era referência aqui, ele tinha, aí depois ele deixou a capoeira e começou a trabalhar com eventos, a quadrilha! Quando ele fazia Catuni era bem animado!

CORRIDA DE ARGOLINHA

O azul e o vermelho, era as cores da competição. Eu

1. João Capoeira é uma lenda na cidade de Jaguarari por ter sido um dos primeiros mestres de capoeira. Tinha escola na sede da cidade. Foi uma referência para muitas gerações de crianças e jovens.

torcia pro azul, mas o vermelho quem mais ganhava. Os chefes, Corujinha e Chico passeava com as rainhas nos cavalos para dar início as corridas e todos os torcedores ficavam a espera e cada um torcia pro seu lado, e no final acontecia o forró pé de serra até o sol raiá.

A LAPINHA

A Lapinha era uma cultura religiosa que se assemelhava ao reisado. Dona Izabel que organizava e acontecia na casa dela. Existia todo um rito com dança e cânticos. Tenho lembranças muito vagas, era uma festa de exaltação ao nascimento do menino Jesus.

SUBIDA AO MONTE DO CRUZEIRO

O catolicismo é bem forte aqui, e a tradição de subir o monte, na Semana Santa era muito respeitado! Dias de oração, jejum e penitência. Os meus pais eram muito católicos e os ensinamentos eram passados de pais para filhos. Quando chegava a sexta-feira santa, ninguém tomava banho, dizia que se tomasse banho virava pedra (risos). Mas o tempo vai passando e vai-se percebendo que são só crenças.



Figura 91: Monte Cruzeiro 1000m de altitude (BONFIM, 2020).

ESTAÇÃO

A estação eu não alcancei, mais o povo ia pra lá vender, lá era comércio! Era um ponto de encontro, o povo ia para lá paquerar, as moças e rapazes, iam vender mais também iam paquerar!

AS QUEIMADAS

Infelizmente a gente fica triste com essa realidade, estamos vendo constantemente nas redes sociais, muitas queimadas, a vegetação e animais, as nascentes sendo penalizadas. Essa realidade também se vê por aqui. Necessita com urgência de projetos, e ações de órgãos competentes para evitar essas ações. Conscientizar a população sobre a importância da preservação, da educação ambiental, a reciclagem do lixo, se faz necessário

A REPRESA

Na represa, dava para fazer um projeto de tratamento da água; aí vem a questão de saúde pública. Nossa água não é tratada. A embasa já tentou intervir mas, aqui é polêmico, já teve umas três reuniões, a maioria da população não aceitou, tem a questão financeira para quem não tem renda fixa e sobrevive da prática da agricultura e pecuária. Surgiu até uma proposta na gestão anterior, de Seo Antônio em parceria com o vereador Neném do Catuni e a associação de moradores, de comprar um aparelho, uma espécie de filtro ou gerador, para colocar na barragem, essa água seria purificada, mas o investimento seria muito alto. Vejo uma necessidade de urgência essa questão da água ainda mais quando chega o período da seca a população sofre com a escassez.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE CATUNI

A Associação ACCA (Associação Comunitária de Catuni e Adjacência) fui uma das que fez parte da fundação, na época

creio que foi mais ou menos em 94-96, o Zé Cândido, era o presidente, fiquei pouco tempo, depois saí, porque eu tinha vida de imigrante (risos) quando eu ficava desempregada procurava outros rumos. Acho isso uma tristeza, a gente não sabe o poder de uma associação; é pra comunidade se organizar, se melhorar. Fico triste porque hoje é uma associação que não é ativa! Poderia estar operando maravilhosamente, com excelentes projetos, mas tem os problemas das questões partidárias, infelizmente! Poderíamos ter coisas maravilhosas aqui se tivesse uma associação ativa!

EDUCAÇÃO

Quando falo em educação me recordo dos meus primeiros anos na escola, anos 80, das minhas primeiras professoras de alfabetização, Maria Ivete (Dedé) e Cibele, e outras como a Maria José, Elenita, Maria Ivete. Antes chamava-se Escola Castelo Branco², era referência no município. Eu tive sorte, ano que entrei na escola foi abolido a sabatina, (risos... quem passou por isso sabe o que eu estou dizendo). Um fato que nunca esqueço era que minha mãe estudava o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) a noite, e lembro-me que estudávamos juntas, eu ensinava ela os exercícios e a escrever cartas, bilhetes...A educação, hoje está passando por turbulências, enfrentando grandes desafios. Precisa melhorar, não sabemos como, mas esse passo precisa ser dado. As parcerias precisam ser conectadas, escola, família e sociedade para vencer os desafios existentes que não são poucos.

IGREJA

Lembro-me que aos domingos de manhã, às 10h, íamos ao culto dominical e a catequese. Era bem frequentada durante

2. Fazia referência a Humberto de Alencar Catello Branco militar e político brasileiro. Foi o 26º Presidente do Brasil entre 15 de abril de 1964 a 15 de março de 1967. O primeiro do período da Ditadura Militar, tendo sido um dos articuladores do Golpe Militar de 1964.

as rezas, mas a participação maior sempre foi no mês de março. Todos os dias íamos louvar São José, só sei que eu dormia muito nos bancos, bastava cantar a ladainha de São José. A igreja quando foi construída não tinha essa mesma estrutura, parece que mais ou menos de 1830 -1850. Seo Xêro, falava que a igreja de São José é mais velha que a Paróquia de Jaguarari! Aquela casa dele era de 1820, não era para ter derrubado, né! Eu lembro que ele dizia: *“A igreja não era assim como hoje, primeiro era uma palhoçazinha de taipa, bem pequena, aí anos depois reformaram e construíram outra.”*

CATUNI É TERRA BOA

Catuni, como o próprio nome diz, é Terra Boa, aqui temos coisas maravilhosas, quando a gente sai sente falta! As pessoas me questionam porque eu fiquei aqui, depois de morar em outros lugares. Eu voltei e não saí mais. Eu acho que é coisa divina, gosto daqui, gosto da simplicidade que este lugar me oferece. Esse sentimento foi se intensificando cada vez mais após a perda de meus pais. E hoje como estou na coordenação da igreja exige ainda mais da minha presença. Também sou agente comunitária de saúde há 16 anos. Esse trabalho de agente comunitária cria um vínculo muito forte, uma ligação. Tenho graduação em pedagogia, pós em psicopedagogia e estou concluindo a segunda especialização em Educação Especial e Neuropsicopedagogia.

Agora, pensar nos meus futuros projetos de vida. Mas, vou andando devagar e “Tocando em Frente” como canta Almir Sater:

*Ando devagar, porque já tive pressa
Levo esse sorriso, porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei,
Ou nada sei.*

*Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir.*



Figura 92: Vista ao entardecer de Catuni (BONFIM, 2020)

2.21. ANTÔNIO VIEIRA LIMA “BIBI”



Figura 93: Seo Bibi (BONFIM, 2020).

Meu nome é Antônio Vieira Lima, tenho 86 anos e sou daqui de Catuni. Meu pai nasceu no Sergipe e minha mãe nasceu aí nas Grotas. Aqui mesmo se casaram, e ficaram por aqui até morrer. Meu pai veio de Sergipe com 26 anos, minha avó materna era do Pernambuco, em Tacaratu, depois veio aqui pro Catuni, morou um tempo e aqui mesmo morreu.

O BREJO

O povo chamava aqui de Brejo, dizia que era o Brejo do Sapo! Depois mudaram pra Catuni da Estrada.

A FEIRA DA ESTAÇÃO

Eu lembro que nós vendia banana na estação, lá era uma feira, vendia de tudo, tinha barraca de café, tinha tudo, quando o trem vinha o povo corria pra vender, tinha banana, manga, jaca, era tudo! Viajei de trem, ia até Juazeiro, pra Salvador nunca fui não.

PLANTANDO

Plantavam milho, feijão, banana, batata, mandioca, café! Tinha umas roças de café ai pra cima que povo ia trabalhar no cafezal pra ganhar dinheiro. Acabou tudinho esse cafezal. A vida era boa, a gente plantava de tudo! Tinha fartura, plantava feijão de corda, enchia a casa, ficava aí a fartura. Hoje planta um saco num tira nem a semente. A manga era demais, esse povo aí de Jaguarari, vinha as caçambas buscar, jaca, era tudo! Aqui era terra rica.

ÁGUAS

Tinha muita água, não faltava não, a nascente nunca secava, não secava não!

ÍNDIOS

O povo contava que tinha índio, até nós tinha uma roça ali em cima, que eu ainda andei achando uns cacos veio de uns aribé¹. Diz que eles que faziam! Diz que isso tudo aí era uma mata, era cada pauzão de amargoso, nesse tempo ainda não tava nascido! Era lugar que tinha índio.

ENGENHOS

Engenho tinha o do Anjo Ferreira, tinha do Alfredo Viana, pro lado do Riacho do Mato. O do Anjo Ferreira era ali onde é do Nino hoje, ali pro lado da represa, perto da roça de seu pai!

CIGANOS

O cigano aqui passava era os magotes, tudo montado a jegue! Ficavam aqui dois, três dias e depois iam se embora!

1. Prato ou bacia de barro.

PADROEIRO

A festa do padroeiro tinha as missas, noite de novenas, o padroeiro São José!

PARTEIRAS

As parteiras já morreram tudo, uma chamava Josefa do Fernades, tinha aquela Donana, mãe da Odália, aquela Délia do finado Zezinho da Cota, que morava ali perto do Curujinha, ex-parteira!

REZADOR

Tem o Antônio da Délia que reza, que eu me lembro é só!

REISADO

Tinha o Reisado, eles viam vestido com aquelas roupas de papel, aquelas fitas, iam cantar Reis aqui!

CASAS DE FARINHA

Tinha a casa de farinha do Zé Grigório ali, tinha a do finado Zé Cazuya Reis, ali encima, e agora tem essa daí elétrica, as outras era tudo na mão!



Figura 94: Casa de Farinha elétrica (BONFIM, 2020).



Figura 95: Da massa que planta a mandioca (BONFIM, 2020).



Figura 96: Mandioca *Manihot esculenta* (BONFIM, 2020).

CATUNI É TUDO DE BOM

Catuni tem mais de 100 anos, eu já tô com 86 anos e já tinha ele né! Gosto daqui, o Catuni é tudo de bom, já acostumei aqui, mas agora vou pra São Paulo, vou morar lá! Se Deus quiser e permitir eu volto! É bom lugar calmo né!

2.22. MARINALVA GONÇALVES MARTINS “NALVINHA”



Figura 97: Nalvinha professora da Educação Infantil em Catuni (BONFIM, 2020).

Meu nome é Marinalva Gonçalves Martins e tenho 58 anos, sou professora da Educação Infantil, com pós graduação nesta área, meu apelido é Nalvinha. Nasci aqui em Catuni, mais sou natural de Bonfim, meu documento é de Bonfim, meu pai era Antônio Gonçalves Martins, natural do Lajedo que era município de Jaguarari, que hoje faz parte do território de Andorinha. Já minha mãe era da Fazenda Pedreira, Josefa Nunes Martins, perto dos Angicos dos Brandão. Ela veio pra cá e casou com meu pai. Eu sou registrada na Igara, porque naquele tempo meu pai ia vender banana lá. Ele plantava na Cachoeira, perto dos Betes. Plantava jaca, abacate, catava muito café.

MEMÓRIAS DO POSTO TELEFÔNICO DE CATUNI

No dia 16 de abril 1988, às 19 horas e trinta minutos, eu comecei a trabalhar no posto telefônico. Fui convocada através do ex-vereador Demétrio de Araújo e do ex-prefeito Edilberto Nuns de Sá. Trabalhei de 1988 a 2002, foi quando desativaram o

posto telefônico. Neste momento a Telemar entrava em Catuni, colocando telefone fixo nas residências. A primeira pessoa que ligou neste posto telefônico foi Antônio Cândido que já é falecido, ele ligou pro Rio de Janeiro para o filho dele. Depois foi a Sineide, conhecida como Cica, conterrânea daqui de Catuni. Ela ligou para Mogi das Cruzes, em São Paulo, para o número 4695099. Tinha uma tabela diferenciada que vinha de Feira de Santana, com os preços. Usávamos para fazer as cobranças, e tinha os preços das 7h até as 9h, era o preço normal, das 9h até as 12h era diferenciado, era mais caro. Das 12h às 14h era normal, das 14h às 18h, era diferencial, e das 18h às 21h, era reduzido, o preço era menor ainda. Às vezes o pessoal ligava a cobrar para São Paulo, ficava uma fila, as pessoas reclamando da demora do cliente na cabine! Eu trabalhava com o finado Senhor José Lourenço, ele trabalhou comigo! O ex-deputado César Borges esteve na inauguração do posto. Quando fechou em 2002, depois de um tempo, colocaram o correio.



Figura 98: Nalvinha trabalhando no posto telefônico (Acervo pessoal).



Figura 99: Inauguração do posto telefônico de Catuni (Acervo pessoal).

PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DA COMUNIDADE

A partir daí comecei a trabalhar de professora, em 2004, na escola Professora Maria Ivete. Posteriormente eu fiz a graduação em Letras com Inglês! Depois comecei a trabalhar com a Educação Infantil no CMEI – Cantinho da Amizade. Até hoje permaneço nesta área, amo a minha profissão, sou apaixonada pelas minhas crianças!



Figura 100: Nalvinha professora da educação infantil (BONFIM, 2020).

ÁGUA

Pegávamos água na fonte velha e no Chafariz, lá encima.

PRIMEIRAS FAMÍLIAS

Eu ouvir falar que as primeiras famílias eram dos Guerras e dos Bispos.

PADROEIRO

O Padroeiro é comemorado dia 19 de março, São José. Antigamente tinha os leilões, o pessoal não se preocupava com as festas de ruas, se preocupavam com o novenário de São José.

SÃO PEDRO

Aqui tinha uma festa muito boa de São Pedro, era muita gente, tinha barraquinhas de palha. Tocava música de forró mesmo, tinha sanfoneiro, quem fazia as festas tradicionais de São Pedro era o João Capoeira. Naquele tempo, mais ou menos nos anos 90, tinha as festas, era muita gente. Ele preparava os jovens para uma grandiosa quadrilha que era apresentada neste dia!

LAPINHA

Tinha a lapinha da finada Isabel, a vô do Juracy Marques e do Robson Marques, dona Isabel. Era muito bonita!

REISADO

Dona Zefinha do Isaías que organizava antigamente, depois vem um da Canavieira. Eu lembro de um reisado que houve recentemente, no ano de 2016. O grupo de Reis veio do Distrito de Gameleira, organizado pela família Baseado. Foi um reisado muito brilhante, eles chegavam nas casas das pessoas cantando a música:

*Oh de casa Oh de fora
Maria vai ver quem é...*

Tinha outra que cantava assim:

*Vem vem cajú jabuti
Vem vem cajú jabuti
Fulor melancia de abacaxi
Fulor melancia de abacaxi
O dono da casa ele é bom ele da
O dono da casa ele é bom ele da
Garrafa de vinho docinha de araçá
Garrafa de vinho docinha de araçá
Vem vem cajú jabuti...*

Usavam umas roupas enfeitadas, usavam muito adornos, como colares, pulseiras e coroas. Tocava sanfona, triângulo e zambumba! Bebia licor, vinho, suco! Comiam nas casas, comidas típicas.



Figura 101: Grupo de Reis da comunidade de Gameleira (MARTINS, 2016).



Figura 102: Reisado de Gameleira em Catuni (MARTINS, 2016).

CATUNI DA ESTRADA

Gosto muito de Catuni, pois é um lugar muito agradável, onde tem muitas serras bonitas, o nosso ar que respiramos vem através da vegetação que existe em nossas serras! O que me entristece são poucas nascentes que existem em nossas matas, pois ocorreu queimadas nas serras, o que possibilitou a redução das águas da comunidade! O desmatamento de área de serra para serem feitas roças, também foi outro fator para a redução da oferta hídrica para Catuni.



Figura 103: Catuni visto do alto (ISACK, 2016).



Figura 104: Nalvinha no Rio Catuni (BONFIM, 2020).

2.23. ADENIR BONFIM DA SILVA “NENEM”



Figura 105: Vereador Neném do Catuni (BONFIM, 2020).

Meu nome é Adenir Bonfim da Silva, tenho 42 anos e sou de Catuni da Estrada. Minha mãe é Joselita Ferreira Bonfim¹ e meu pai foi Ademir Ferreira da Silva (*in memoriam*) e meus avós paternos eram chamados de Pedro Ferreira Bonfim (Pedro Bola) e Amália Ferreira Bonfim ambos “*in memoriam*”. Ele veio da região de Campo Formoso, de um lugar chamado “Craíbinha”, já ela veio do Sítio do Meio, localizado na região serrana de Jaguarari-BA. Meu avô paterno era Vicente Ferreira da Silva².

OS AVÓS PATERNO

Pedro Bola foi um homem bastante conhecido na “Terra Boa”, chegou por aqui há muito tempo vindo parar nessa região atraído pelas suas terras agricultáveis. Diz que as viagens eram feitas no lombo de jumento guiando-se pelas grandes veredas do Sertão. Cruzavam as serras, não era fácil. Chegou por aqui muito cansado trazendo na mala bastante saudades de sua terra

1. Irmã de Antônio Ferreira Bonfim pai de Alan Bonfim.

2. O senhor Vicente nasceu em 18/09/1910 e faleceu com 101 anos.

natal. Trabalhou como fiscal da Antiga Represa da Leste. Moravam em uma casinha acima do rio. Ao total tiveram nove filhos, criando uma geração que perpassa as linhas dos tataranetos. Minha avó Amália era uma alma caridosa e adorada por todos aqui. Lembro do cuidado e carinho que ela nos tratava, movia os céus para agradar seus 18 netos. Uma mulher de pele frágil e brilhante, trajava um lenço segurando seus cabelos longos e finos, de uma cor que me lembrava a neblina da serra de manhã cedinho! Adorava usar um vestido de cetim com uma rosa vibrante, típica de uma sertaneja, viva, resistente. Era uma grande mulher! Recordo dela sentada embaixo de uma amendoeira que existia na rua, ela adorava ficar ali com minha prima ao colo. Católica fervorosa tinha seu oratório onde ajoelhava e rezava numa súplica aos deuses, pretos velhos e seus guias. A vela nunca poderia apagar, uma espécie de ritual sagrado onde ela se conectava com os seus superiores para se fortalecer! Lembro de uma imagem negra, de um Preto Velho, no seu altar, transmitindo um sentimento de gratidão pela ancestralidade. Minha vó era fonte de sabedoria onde tudo podia achar, todo o conhecimento matriz. Por ser uma pessoa que adorava cuidar dos outros, foi guiada para ajudar em alguns partos e acabou por “pegar” algumas crianças. Se tornando também uma referência de parteira do antigo Catuni. Neste sentido, os Ferreiras Bonfim atravessam uma geração que alcança os tataranetos, meu avô ainda pode conhecer quando vivo. Ao todo meus avôs maternos tiveram 9 (nove) filhos, 18 (dezoito) netos, 30 (bisnetos) e 3 (três) tataranetos. É gente, né?

CATUNI MINAVA ÁGUA

Aqui era muito abrejado, tinha muita água. Todo lugar minava água. Por isso o pessoal chamava Brejo! A estrada era

aqui, os carros rodavam aqui por dentro, depois que fez a BR 407 que a estrada foi transferida.

PRIMEIROS MORADORES

Todo mundo fala que eram os Viana, os Guerras e os Bispos.

TREM DE VIAGENS E A FEIRA

Tinha o trem de passageiro, o pessoal vendia frutas na estação, movimentava bastante o comércio local, tinha uma feira grande, era dia de domingo.



Figura 106: Antiga Feira de Catuni (Autor desconhecido).

PARTICIPANDO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE CATUNI

Fui Presidente da Associação Comunitária de Catuni e Adjacência (ACCA) no final de 2011 para 2012. O mandato perdurou até julho de 2012. A minha ocupação na ACCA surgiu a partir de um convite para fazer parte da diretoria, como presidente de uma chapa, conseguimos vencer a eleição, depois daí começamos um trabalho de forma coletiva em prol da comunidade. Neste momento pudemos desenvolver algumas práticas de manutenção da comunidade, bem como atuamos na questão ambiental. Buscamos os órgãos competentes (INEMA) para intensificar algumas ações aqui. Mas ação do poder público, direto, não houve. Provocamos os órgãos competentes, mais a gestão pública responsável por preservação e reflorestamento não se propôs a ação, não houve intervenção prática.

Sabemos, associação da comunidade é algo muito importante. Apesar dela estar um pouco parada, acho, vamos tentar reativar. Isso é importante. Acredito, esse livro, a cartografia, pode ser um estímulo, para começarmos a nos organizar. Estamos vendo como as associações é quem estão defendendo as Serras, como é o Caso dos Morgados, da Berinjela e do Covão. Nós temos que organizar e ajudar a preservar nossas serras. A associação deve lutar pela melhoria de vida da nossa comunidade.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA LOCAL

A partir da atuação na ACCA houve um despertar nas pessoas em mim indicar para sair como candidato a vereador, pois tínhamos mais força para atrair benefícios para a comunidade. Fui eleito e assumi em 2013 para 2016, em seguida fui novamente candidato e fui reeleito, hoje continuo como representante

político, especialmente, de Catuni da Estrada. Importante a comunidade ter um nome para falar por ela!

PRINCIPAIS DIFICULDADES

Aqui o principal problema exposto era o saneamento básico, existia esgoto no meio da comunidade a céu aberto. Conseguimos minimizar esse impacto através da implantação de redes de esgoto. Outro fator considerável e de crucial importância foi dialogar com as questões de desmatamento das serras, próximo das nascentes. Sabe-se que as serras foram altamente degradadas, o que proporcionou redução na oferta hídrica das nascentes, como fator de proporção algumas dessas nascentes desapareceram. Estou animado para continuar essa luta importante que o movimento Salve as Serras trouxe. Me sinto parte pois não há Catuni sem nossas serras, sem as águas das nossas nascentes.

ÁGUA DE CATUNI

O Catuni era abastecido com a água da represa da Leste. Muitos carros pipas no período crítico de seca vinha abastecer aqui para levar para outras comunidade. Bem antes era uma barragem da rede ferroviária na época, meu avô Pedro Bola morou lá, limpava, tinha uma casa lá, aí tinha um funcionário só para cuidar da água. Tinha vagões que coletava água para outros lugares. Aí, depois, com o tempo, a água foi diminuindo, foi quando o Otávio Bispo, Ranulfo Guerra, Seo João³ e o Pedro da Dona Isabel da Angélica, eles fizeram uma barragem pequena, para abastecer a comunidade. Recentemente houve uma ampliação da barragem de consumo, a prática ocorreu no

3. João Martins de Araújo nasceu em 05 de junho de 1926 na Fazenda Mulungu, município de Senhor do Bonfim, era lavrador (arroz, café, feijão) e dono de engenho de cana-de-açúcar é filho de Manoel Martins de Araújo e Joana Angélica de Araújo, faleceu em 18 de março de 2004.

primeiro mandato da gestão de Seo Antônio. A comunidade deu o apoio técnico, contribuindo na execução do serviço.

ECOTURISMO COMO NECESSIDADE DE ECODESENVOLVIMENTO

Catuni tem forte tendências para desenvolver o ecoturismo. A cadeia de montanhas que aqui existe pode servir como uma ferramenta para desenvolver uma economia local, pautada em valores ecológicos e de sustentabilidade. É necessário que seja feito estudo de casos para que seja eficiente a política pública ambiental. Com isso será possível criar condições que facilite esse processo. É importante que seja criado projetos de divulgação das nossas belezas naturais, mostrando a área para tornar conhecido, assim as pessoas serão atraídas.

Existe um desequilíbrio nos fenômenos naturais, sem chuvas, sem abundância, poucas pessoas investem na agricultura. Hoje aqui existe a escassez de água, o que dificulta desenvolver a economia na agricultura. O fortalecimento de uma economia local talvez esteja na prática do ecoturismo além de proporcionar uma Educação Ambiental na comunidade, as pessoas precisam participar ativamente nesses processos, então precisam conhecer o meio que lhes cercam. Precisamos cuidar das nascentes, reflorestamento, criar projetos para desenvolver essa prática, além do incentivo do poder público. O poder público tem que ser mais efetivo, para então conseguirmos despertar e fortalecer o ecoturismo gerando empregos e rendas para a comunidade.

CATUNI É MINHA ÁRVORE

É um lugar que eu me sinto bem, para mim o Catuni é onde eu sou acolhido por amigos e minha família, foi onde nasci e me criei, tenho um grande carinho e apreço, temos que zelar e preservar, pois nossas raízes estão aqui. É tipo uma árvore, o Catuni é a árvore da minha vida, é uma árvore genealógica

onde todos os meus familiares estão aqui. Lugar maravilhoso! Devemos buscar cuidar e valorizar cada vez mais da nossa terra, das pessoas, dos nossos amigos. O respeito independente das diferenças de opiniões, cada um tem sua maneira de ser, precisamos aceitar e respeitar. Catuni é tudo, eu nasci e quero morrer aqui, é algo que não temos como definir, é tudo de bom!



Figura 107: Catuni da Estrada (HEBERTE, 2020).

2.24. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS - ZIZI¹



Figura 108: João Ribeiro – Zizi (MARQUES, 2005)

Meu nome é João Ribeiro dos Santos, conhecido como Zizi. Tenho 79 anos, nasci no dia 02 de setembro de 1941. Minha vida toda foi em Catuni onde viveu minha mãe, Isabel Ribeiro dos Santos, que veio do Ceará, da região de Barbalha e Missão Velha, fugindo da seca, e passaram a morar em Carrapichel. Depois que ela conheceu meu pai, Francisco Antônio dos Santos, de Alagoas, e se casaram, foram morar em Catuni da Estrada. Meu pai deixou minha mãe com muitos filhos pequenos. Todos os meus irmãos já se foram, acredito, o mais conhecido de todos de Catuni é o Pedinho, casado com a Cumade Angélica.

O Pedinho tinha uma roça no Pripiri, um lugar que tinha muita água, não sei se ainda tem, porque com tempo as águas tão se acabando, por causa do tempo mesmo e dos homens, né? Lá plantava até arroz. Eu lembro que ele plantava muita cana e

1. História contada na presença dos filhos Juracy, Robson, Jailson e João que, vez ou outra, completavam as lacunas deixadas pela memória que, aos poucos, vem se apagando. Seo João passou por alguns problemas de saúde e encontra-se em fase recuperação.

que essas canas eram destinadas pra Juazeiro. O pessoal fazia os fechos e levava para fazer caldo de cana em Juazeiro. Cana da boa, doce, doce!

Devido às dificuldades, já com a família constituída, Pai e Mãe foram para o Sul da Bahia e levaram todos os filhos. Lá eu adoeci de *paludismo* (amarelão). Voltei com minha Mãe e minha irmã Mundinha, mas pai e alguns filhos ficaram.

Meu Pai não quis retornar e lá formou outra família. Meus outros irmãos vieram e passaram a cuidar de roças em Catuni. O Pedinho gostava demais daqui, era a paixão dele. Já o Tonheira, depois de um tempo, foi viver em Bonfim. Nós vendíamos o que produzia. Levava para Juazeiro, Bonfim ou vendia aqui ou em Jaguarari. Íamos de trem, levávamos nossas coisas e vendíamos nesses lugares, era assim que ganhávamos a vida.

A MÃE IZABEL

Aqui em Catuni, todo mundo conhecia as lapinhas de Mãe. Ela fazia em latim (risos). Era devota das braba (risos). Participava das novenas, gostava das Lapinhas. Nesta época soltava foguetes. Não era morteiro não, eram uns foguetões. Comprava as tabocas, aí amarravam os foguetes e era só zoada. Alegria mesmo! Todo ano tinham essas novenas e as lapinhas também.

Mãe tinha uma desnatadeira, que fazia requeijão. Ela negociava com requeijão, manteiga, banana e frutas levando para Juazeiro e Petrolina. Nós ajudávamos ela. Saía com um caminhãozão carregado de banana, quando não ia de trem. As caixas eram de madeira, não era de plástico não. Tinha caixa que pegava setecentas outras quinhentas bananas.

Mãe sempre foi comerciante. Quando era o dia de fazer o requeijão, ela pegava o resto do tacho e fazia aquela farofa. Eita! Era bom!!! Ela levava era as latas de manteiga e requeijão para Juazeiro. Isso foi a fonte de renda dela. Ela nos criou assim!



Figura 109: Dona Izabel (arquivo da Família).

Mãe gostava de usar os cabelos trançados, como de cebola. Uns dizia que ela era uma índia, outros que ela era cigana. Ela era magrinha e miudinha. Me chamava de Didi. Na mesma rua da casa da minha mãe eu tinha uma padaria. Depois que saí daqui, vez ou outra, vinha visitar ela em Catuni.

Eu acredito que todo mundo lembre dela em Catuni. Só é perguntar os mais velhos que todo mundo fala. Os últimos tempos de vida dela foi ali com os filhos da parte do Pedinho, a Cumade Angélica, o Anízio e a finada Telma. Ela chegou e se enraizou em Catuni. Eu saí, mas ela ficou para sempre.

AMOR DE TREM

Foi nestas idas de trem de Jaguarari a Juazeiro, que conheci minha esposa, Maria Marques dos Santos, conhecida como Bobó. Família é como uma árvore, sua flor, seu fruto e as sementes são parte das raízes, não é? Ela já nos deixou, mas me deu uma família linda, que amo muito!



Figura 110: Seo João com filhos e netos (NOVAES, 2016).

Quando eu conheci minha esposa, eu tinha 19 anos e ela 21. Nós vendia frutas em Juazeiro. Eu comprava fumo, abacaxi, manga, jaca, laranja... em Catuni, Carrapichel, Estiva, Itumirim, que hoje é Juacema, e ela levava as frutas da roça do pai e mãe dela, Manoel Marques e Alice Marques, que são do povo do Catuaba. Eles tinha muitas roças na Serra dos Morgados e produziam muita fruta, banana, manga, jaca, muito café e também tinham muita cabeça de gado.

IDA PARA JAGUARARI

Depois que conheci ela me casei e fiz uma casa em Jaguarari. Mudei para lá. Arranjei um trabalho na Caraíba e de lá fui para Camaçari (Dias D'Ávila) onde trabalhei na casa de Dr. Raimundo Nonato, advogado que morava em Salvador. Quando minha esposa ficou grávida da filha mais nova, tivemos que voltar para Jaguarari e, assim voltamos e começamos novamente nossa vida em Jaguarari. Nisso toda minha família tava em Catuni e eu, algumas vez, tava lá. Arrepare!

Continuei produzindo frutas e verduras com ela, mais no Brejo onde a gente tinha uma cooperativa. Mas também comprava coisas em Juazeiro. Vendia na feira de Jaguarari a maior parte. Coloquei um padaria e uma venda e assim ia tocando a vida. Também sempre trabalhei de pedreiro, eletricitista, vigilante.

A vida é assim, para mim, não teve tempo ruim não, não dava de um jeito, dava de outro.

Depois que perdi minha esposa saí por aí, fui pra Jaguaquara, pra outros lugares. Meus filhos foram me buscar lá. Já tinha até outra família. Pensei e aí voltei. Morava numa rocinha pro lado da Lagoa da Onça, que era da minha filha Jozete. Era muito bom. Gosto de roça. Mas tive um infarto e tive que vim morar com minha filha mais nova, a Maria. Ela que cuida de mim hoje. Meu filho, o Juracy, é que tem uma roça que vou de vez em quando, é na Serra. Vou mais volto, muito frio lá (risos). Sou bem cuidado pelos meus filhos, não tenho o que dizer.

VIDA EM CATUNI

Morei um tempo com minha família em Catuni depois de casado. As minhas lembranças é que a gente plantava tomate na roça do Alfredo Viana, Datinha, desse povo aí. Plantava todo tipo de verdura. Era muitos pés de tomate. Eu, a Mundinha, o Tonheira, o Pedro, o Euclides, a família, né!?

Tenho lembrança que carregávamos nos jegues, uns sete jegues. Quase todo mundo em Catuni vivia da roça. Já tinha os pés de jaca, manga, abacate, mas plantava também essas coisas. De manhazinha pegava meus filhos para ir tomar banho no riacho. Tinha o riacho do mato, riacho seco, tinha o riacho da barragem.

Tinha uma barragem velha e uma barragem nova. A gente já plantava depois da estação, lá pra dentro. As roças que a gente plantava tomate eram do Alfredo Viana e dos Dantinha. Eles davam os terrenos para a gente plantar. A gente molhava tudo por gravidade. Uma era passando da igreja, descia direto como quem vai pra Estiva. A outra era depois da casa grande e entreva assim, indo para o riacho seco. Os donos de terra lá eram o Alfredo Viana e o Dantinho. Nos riachos tinha muito jundiá, peixe, né!? A gente pegava, tratava e fazia aquela farofa. Quando era meio dia comia com feijão.

FEIRA DE CATUNI

Também não pode esquecer a feira de Catuni. Uma lembrança: a feira em Catuni era dia de domingo. A feira durava uma hora e pouco de relógio. Começa oito horas, quando era dez horas e pouco já tava acabando. Fazia a exposição das mercadorias, entregava aos interessados e pronto, acabou.

CATUNI

Catuni é onde tá minhas raízes. Minha família viveu e morreu lá. Como não posso dizer que este não é meu lugar? Tudo meu tá lá. Meus irmãos, minhas irmãs, minha mãe. A vida é assim, a gente passa, mas a história fica. Se não vivesse aqui, era lá que tava vivendo. Muita memória, né? (se emociona).

2.25. LUIZA SOARES DE ARAÚJO “DONA LÔZINHA”



Figura 111: Dona Lôzinha (BONFIM, 2020).

Meu nome é Luiza Soares de Araújo. Vou fazer 90 anos agora, no dia 19. Nasci no Pontilhão, lá na Igara. O nome do meu pai era Lionel Olímpio Soares e a minha mãe era Joana Brandão de Oliveira. Conheci meus avós. Era das Caatingas, desses lados aí da Ipueira¹, por aí, nesse meio aí, de Santa Rosa pra cá, né? Num sei bem dizer o lugar. Me casei. Aí com o João, fomos morar na Grota, da Grota viemo pra cá.

CATUNI

A vida aqui era quase a merma coisa, só num tinha aquela rua do lado de lá e essa rua aí que sobe. Eu conheci aqui como Brejo. Antigamente era Brejo. Ninguém conhecia como Catuni da Estrada não, conhecia como Brejo. Aí depois que passou a ser usado mais, passou o nome de Catuni da Estrada.

1. Região do distrito de Igara em Senhor do Bonfim.



Figura 112: Dona Lôzinha com seu esposo João (Acervo da família).

A VIDA AQUI

Naquele tempo num tinha emprego assim. Era lavoura, né? Plantava tudo, feijão, milho, mamona, arroz. Arroz não, que aqui não dá arroz. Arroz plantava lá na Grota, lá o João plantava arroz, a gente num comprava arroz não. Tudo lá, lá também só num plantava mamona, porque mamona só dá em arêa, lugar seco, né?

AS ÁGUAS

Era muita fartura de água, ó! Na nossa casa mermo tinha três rio: passava um assim que era o Itapicuru, tinha outro, dois da Serra. Como é que chamava? Num sei mais nem como era o nome do rio (risos). Que chamava o Rio Tabocal, era de minação.

Tinha três rio. E hoje, outro dia, num tinha nenhum. Secou tudo.

ENGENHO

Tinha engenho pra fazer rapadura lá na Grota, na Cachoeira. Só lá em cima. Tinha no Saco, é uma grota que era do meu avô. Na Cachoeira e no Mulungu.

ESTRADA DE FERRO E A ESTAÇÃO

A estrada de trem aqui era muito movimentada. A estrada de ferro de passageiro e carregava óleo, essas coisas. Era muito movimento na estrada de ferro.

Passei muito lá na estação. O povo vendia fruta, vendia coisa na estação. Uns ia passar, porque passava muita gente no trem de passageiro, né? Uns ia passar e outros ia pra vender fruta, vender coisa lá na frente. Da estação chegava muita coisa de fora e mandava daqui pra fora também.

CIGANOS

Sei que tinha lá onde eu morava, aí perto da Igara, numa fazenda que chamava Pontilhão. Lá baixava muito cigano, num tinha ninguém morano, mas eles faziam a ranchada lá, baixava lá uns quatro ou cinco, oito dias, que lá tinha muita árvore grande, né? Tinha um rio e tinha muita árvore grande na berada daquele rio. E eles ficavam por ali, uns quatro ou cinco dias. Às vezes, até oito. Lá onde tinha, na frente da casa do meu avô, tinha uma igrejinha. E lá tem uma cigana enterrada. Morreu lá e eles foram pedir pra enterrar, aí meu avô deu pra eles enterrar, na muradazinha da igreja.

O PADROEIRO

Eu conheci o São José. Toda vida eu conheci o padroeiro daqui como o São José. Eu acho que um só, num tem outro não.

REISADO

É muito difícil. Lá onde eu morava tinha muito, né?! Dia 06 de janeiro o povo fazia aquele Reisado bunito. Mas aqui mesmo, quase que eu num conheci, depois que eu tô morano aqui, eu conheci um que fizero. Fizeram um Reisado três veis, três ano. Quem fazia era muita gente. Era o Demar mais outros mais véio que eu num conheci.

BATUQUE E REZADOR

Os que eu conheci foi os da Dilina. Foi o primeiro que eu conheci. Eu num conhecia o que era Candomblé, vi falar. No Candomblé era um lugar assim, de muito respeito e o povo respeitava uns aos outros. Eu nem sabia o que era, aí quando eu cheguei aqui a Dilina batia Candomblé. Eu conheci ele aqui. Aí eu disse: “Sileide! Vamo oiá Candomblé que eu num conheço, num sei como é que é!” O João não queria nem vê, avemaria, só fomo escondido dele. Aí foi quando eu conheci o que era Batuque de Candomblé. Assisti a festa e por ali acabou. Também num fui mais. Vi aquelas muié dançano, aí no outro dia perguntei a Dilina o que era aquelas muié tudo encabocada. Aí eu disse: “Dilina, me diz uma coisa: esse povo tudo fica dançano, tudo tem caboco?” Ela disse: “Tem não mulher! Ninguém tem não! Ninguém tem nada não! Elas que faze mesmo a dança e ficam com os olhos fechados, balançando pra lá e pra cá” (risos).

O rezador que eu conheci aqui foi só Pedo da Gertrudes e Seo Antônio da Délia. Só conheci esses dois. Era bom, o Pedo da Gertrudes mesmo era bom, era um rezador muito bom. Rezei muitas vezes com ele.

PARTEIRAS

Num lembro. Eu mesmo tive meus fio tudo na Grota. Lá foi a Parteira. Só fui no médico na Katia que foi a última, que eu

tinha uns parto muito ruim, né? Aí quando foi a Kátia, fui pra Bonfim com medo de acontecer lá e num ter recurso, porque era muito difícil pra sair de lá, assim, nas carreiras, e pra levar um médico lá também era difícil. Nesse tempo num tinha a estrada, era muito difícil, aí eu tive a Katia em Bonfim, mas os mais foi tudo na parteira.

VIAGEM DE JEGUE

A gente viajava de jegue. Levantava madrugada pra pegar os animal e a gente fazia rapadura e ia vender rapadura. Levantava na madrugada, um sofrimento. Era um sofrimento daquele, chovia muito, e a gente tinha que ir madrugada pra vender as rapaduras no Bonfim, longe que só. E a gente saía de madrugada e quando chegava era de noite. Era muito sofrimento, hoje tá um céu lá. Num tem quem diga que já foi o que foi aquele lugar pra hoje. Tudo desenvolvido, com bar, ônibus, com carro, carro pequeno, carro grande, moto. Quem via uma moto ali? Nenhuma moto! Tinha que ser na base do jegue, do cavalo.

FEIRA

Conheci a feira aqui, conheci. Era ali na pracinha, ali onde hoje é de frente pra casa da Angélica, por ali, naquele meio. Eu conheci aquela ferinha, pequenininha. Acabou. Depois botaram de novo. Mas num foi pra frente não.

CATUNI

Eu acho aqui um bom lugar. Eu acho, a minha filha falou pra eu ir pra lá pra Bonfim e eu não, porque eu gosto daqui, aqui é mais tranquilo, é melhor. Eu gosto mais daqui!



Figura 113: Pé de Umbu em Catuni (BONFIM, 2020).

2.26. JOSÉ BATISTA DA SILVA “DOMINGUINHOS”



Figura 114: Dominginhos (BONFIM, 2020).

Meu nome é José Batista da Silva, tenho 70 anos e moro na Rua da Areia. Nasci aqui, no Olho D'Água. Meu pai era Alcides da Silva e minha mãe Francisca Alves da Silva. Meus avós é tudo daqui, do Olho D'Água.

PRIMEIRAS FAMÍLIAS

A família que chegou aqui primeiro foi a família do Bispo e do Preto, pai da finada Lídia.

CATUNI DA ESTRADA

Aqui se chamava Brejo. Depois de Brejo, aí botou Catuni da Estrada.

ROÇA

Aqui se plantava de tudo, mamona licuri, feijão, mandioca, andu. Tudo! Sobrevivia da roça.

A FEIRA

A feira aqui era de arrombar. Vinha gente de Canôa, gente do Carrapichel, um rapaz da Grota vender carne. Era dia de domingo.

AS SERRAS E AS ÁGUAS

Aqui era muita água. Tinha fartura d'água. Hoje era as mesmas nascentes de antes, nunca faltou água. É um lugar abençoado. As serras eram do mesmo jeitinho. Mas foi desmatada, mas agora não pode mais desmatar não.

ENGENHO

Aqui tinha engenho de cana. Assim, pra lá. Naquela casinha em cima. Perto do pé de cajá. Nesse tempo o Nino já comprou na mão dele. É que eu me esqueço. Só sei que era do Nino. O finado Nino já comprou na mão desse outro. Ah o Anjo Ferreira!

ESTRADA DE FERRO

Porque quando as estradas chegou já tinha gente morando aqui.

CIGANOS

Aqui passava ciganos. Ficava alojado aí 4, 5 dias, depois voltava. Iam pra Ribeira do Pombal.

SÃO JOSÉ

Nosso padroeiro é São José, comemorado dia 19 de março. São José por causa que era o padroeiro do lugar ali, ele é de todo dia 19, comemorar a festa. Antigamente começava no dia 11 e ia terminar dia 19. Era 7,8 dias de novena, né?

REIS E O SAMBA DE PALMAS

Vinha da Canavieira pra tocar o Reis aqui, também. Era dia 6 de janeiro. O Reisado, ah meu Deus! Era Angélica, né? Angélica e a Dora. É! Essa é do pessoal mais novo, mas tinha outro povo mais velho, eu não me lembro direito, a gente esquece, né? Ah! A finada Zefinha de Isaías, a finada Dedé, quem programava. Adepois desse povo aí veio a Angélica e a Dora. Aí a Lena que era quem programava Reis.

Aqui também tinha o Samba de Palmas. O Samba de Palmas, era feito embaixo do pé de pau, aí no meio da rua

PARTEIRA

Aqui tinha a Senhora Leila Farias. Do povo dos Farias. Morava lá perto da Estiva. Parteira. Tinha outra parteira, mas não sei como é o nome. Povo velho se esquece, né?

REZADOR

Tem Seo Antônio, Seo Antônio da Délia.

CATUNI

Tem que se melhorar mais ainda, é melhor! Precisa, né, de calçamento. A água graças a Deus tá em primeiro lugar. Você tá vendo aí, né? É abrir a torneira, água toda hora, toda hora, dependendo de Deus, que ajuda na minação, né isso?

2.27. ANTÔNIO VIEIRA DE OLIVEIRA “SEO ZICA”



Figura 115: Seo Zica (BONFIM, 2020)

Meu nome é Antônio Vieira de Oliveira. Aqui me chamam de Zica e eu tenho 89 anos. Nasci em Catuni e me criei aqui. Meus pais moravam aqui mesmo, minha mãe era Evangelina Maria da Silva e meu pai Manoel Major. Ele era do Monte Santo. Meu avô foi Joaquim Guerra, minha mãe era da família Guerra e meu pai era da família Major, lá de Monte Santo.

OS FUNDADORES

Os fundadores daqui, primeiro, foram os Guerras, depois os Bispos! Os Guerra eram daqui da fazenda mesmo.

O BREJO CATUNI

Catuni antigamente era Brejo, porque chovia muito. Se um carro passasse aí, atolava em qualquer lugar. Era chuva muita.

PLANTAÇÕES

Plantava milho, feijão, mandioca, tinha umas 5 casas de farinha aqui, uma era do Cazuza Burrego e tinha outra casa de farinha do Zé Alvino. Também tinha cana-de-açúcar, mamona, manga tinha bastante e jaca também.

ENGENHO

Tinha um engenho de meu avô, no caminho da Grotta, o nome dele era Joaquim Guerra.

ESTRADA DE FERRO

Minha mãe ainda alcançou essa estrada de ferro em construção, a estação era lá embaixo. Tinha um trem que ia de Juazeiro para Salvador.

CIGANOS

Os ciganos passava demais aqui, a Délia era enfermeira aqui ,era parteira, uma vez teve uma mulher do cigano que tava parindo, chamaram ela meia noite pra pegar o menino. Chegou lá tava a mulher lutando pra pari o menino, a Délia que fez o parto!

BENZEDORES E REZADORES

Minha esposa era benzedeira, a Délia. Tinha a Donana Binga e o João Norato que rezava nas pessoas. Hoje tem o véio Antônio que ainda reza.

RODAS E REISADO

Tinha roda, era um bucado de gente pegado na mão, fazendo aquela canturia, cantando e rodando, né? O Reisado tinha, mais era pouco, o Reis era em janeiro, cantava Reis em cada casa. Tinha aquele sapateado tocando sanfona, era muito bonito: “Oh de casa Oh de fora menino vai ver quem é”. Os instrumentos era pandeiro, violão, essas coisas.

CATUNI É BOM DEMAIS

Daqui só vou pro céu! Aqui é bom demais! Catuni tem mais 100 anos, minha mãe alcançou a linha em construção, Evangelina Maria da Silva.



Figura 116: Catuni da Estrada (HEBERTE, 2020).

2.28. JOÃO BATISTA GUERRA DA SILVA -“JOÃO CAPOEIRA”



Figura 117: João Capoeira (BONFIM, 2020).

Meu nome é João Batista Guerra da Silva, tenho 62 anos. Meus pais eram Eduardo Januário Gomes e minha mãe foi Dejanira Guerra da Silva. Eles eram daqui mesmo. Meus avós eu conheci só o finado Chiquinho, esse eu conheci, que era o marido da minha avó Nenê.

CONHECENDO A CAPOEIRA

Na época de 82 eu morava em São Paulo e lá eu conheci primeiro o Judô, depois eu me interessei pela capoeira. Nisso eu continuei fazendo capoeira e me formei lá, em São Paulo. Depois vim embora pra cá. Assim que eu cheguei aqui eu comecei a dar aula. Foi um sucesso muito grande. O grupo era Associação de Capoeira Senhor do Bonfim. Tinha aula aqui em Catuni, Catuni da Grota, Juacema, Macambira, Juremal, tinha também em Carnaíba e Curaçá. Aqui em Carrapichel eu dei aula também, lá na Estiva,

Canaveira, então foram vários lugares, um lugar chamado Saco, no Pilar, essa região toda sempre eu dei aula.



Figura 118: Zum Zum Zum Capoeira Mata um (acervo de João Capoeira).



Figura 119: Grupo de Capoeira (acervo de João Capoeira).

CAPOEIRA VEIO DE ÁFRICA

A Capoeira, surgiu esse esporte através do povo de África, um povo muito sofrido. A inspiração veio deles, do povo africano

que estava no Brasil. Tinha os patrões aí que criavam os negros para trabalhar pra eles. O que acontece? Esses negros eram muito sofridos, eles não tinham como se defender do chicote e das chibatas dos patrões. E eles não tinha armas para se defender, então eles começaram a praticar o esporte de Angola, a Capoeira de Angola, foi onde eles mais combinavam. Por que os senhores achavam que eles tavam brincando, ali conversando, mais não! Eles tavam praticando o esporte chamado Angola. Ali eles já se combinavam como fazer, a hora de atacar seu patrão. Era onde eles conseguiam encontrar as suas defesas, usando os dedos. Dedo é uma arma fatal, dois dedos é uma arma fatal! O pé, um ponteiro, o Martelo da Capoeira, eles foram descobrindo no corpo deles, que no corpo deles tudo era cheio de arma. A começar de um dedo, o próprio corpo era a arma, cabeça era arma, galopante, é uma coisa que ninguém nem espera. Com a palma da mão você faz a pessoas desmaiar, só é fazer o impacto. Então tudo isso é uma arma, então eles não sabiam praticar até quando descobriram. Os instrumentos sempre foram o atabaque, pandeiro e berimbau que é o principal. Na realidade são os três principais da Capoeira, agora pode entrar outros, como o agogô, pode entrar o chocalho, só pra enfeitar, mais na realidade os três principais são o atabaque, o pandeiro e o berimbau.



Figura 120: Atabaque chora chora também o amor em mim (acervo de João Capoeira).

TAMBORES DE ÁFRICA

É só praticamente como se fosse o ritmo, o mesmo tambor que é da Capoeira, o atabaque é o mesmo do Candomblé e da Umbanda. Na Umbanda talvez não tenha o pandeiro, agora o atabaque é usado no Candomblé, é o mesmo ritmo que eles usam pra dançar.

LÍDER CULTURAL E ESPORTIVO

Quando eu cheguei em 82, já formado na Capoeira, me formei com o Mestre Joel na Lapa, comecei a dar aula, em primeiro lugar, foi lá em Jaguarari, na Caiaca, depois da Caiaca eu fui dar aula lá no Cenecista, conversei com os padres, eles tomavam conta do Cenecista, aí eles me liberaram, viram que era um esporte que a cidade precisava, aí eu iniciei a Capoeira em Jaguarari¹.

Depois de Jaguarari eu comecei aqui e nisso as quadrilhas também. As quadrilhas foi um folclórico muito bonito que nós tínhamos aqui. Nessa época de São João ninguém saía de Catuni pra lugar nenhum, não ia pra Jaguarari nem Bonfim, por que nós conseguíamos fazer todo evento aqui, dentro do Catuni, festa da São João e de São Pedro, e sempre complementando com as quadrilhas Quando era no último dia todo mundo montado a cavalo e jegue, cada parceiro levava sua dama na garupa, saíamos daqui, sempre fazendo passeio nos lugares vizinhos, como Estiva e Olhos d'água.

COPA RURAL

E além da quadrilha, como eu já citei a capoeira, e depois eu parei pra pensar, e vir uma coisa muito bonita em Bonfim, e vi que, realmente, na região de Jaguarari, precisava também, uma

1. Bem criança, na idade entre 6 a 8 anos, Juracy Marques foi aluno de Capoeira de João. Como ele mesmo diz: “é a memória mais linda que tenho da minha infância. Tenho João Capoeira como um Grande Mestre.”

Copa Rural. Fui pra Bonfim, peguei todos os dados direitinho, lá com o João Correia, com o Roque, e aí eles me deram todo o macete, daí eu trouxe a Copa Rural para cá.

A CAPOEIRA É ARTE LIVRE

A Capoeira, para mim, sempre foi um esporte muito bonito, um esporte que dar gosto você presenciar. E ao mesmo tempo é uma defesa e um ataque. Se defende e ao mesmo tempo ataca, é o que a gente pode classificar a capoeira! É um esporte muito bonito, dedicado à cultura, né? Você percebe que as outras artes são mais fechadas, o Karatê o Kung fu, o Judô. Mais a Capoeira é livre! Capoeira também é arte, arte principal para seu corpo, para sua mente. Você que pratica, você é uma pessoa que sempre tá ágil, sempre tá em movimento, você sempre tá com seu corpo em posição firme, nunca tá decaído.



Figura 121: Capoeira me mandou dizer que já chegou (acervo de João Capoeira).

PROMOTOR CULTURAL

Aqui tinha as novenas, e o pessoal falava em fazer uma festa, mais o pessoal dizia que não era pra fazer na época da

novena. Então tudo isso aí eu conseguia criar. As festas melhores que nós tínhamos aqui era na época das novenas, eu chamava banda de fora pra tocar, tinha grandes festas aqui! Cresceu muito o lugar, tinha esporte, jogo, futebol. Toda comunidade de Jaguarari jogava aqui nos finais de semana, então isso criava renda, para aqueles que precisavam fazer o pão de cada dia. Uns vendiam geladinho, outros sorvete, outros pipoca! O Campo era lotado de gente!

Aí eu voltei pra São Paulo de novo, em 98 e, até agora, fiquei vinte e poucos anos em São Paulo. E hoje em dia o lugar nem se compara mais como era antes. Se você perguntar o pessoal aqui, eles vão dizer: “Olha! O Catuni era bom quando o João tava aqui! Quando o João tava aqui a coisa era outra.” Agora não tem mais o futebol, ninguém liga mais pra nada, entendeu? Eu até pensava antes: “quando eu voltei pra cá, vou reativar essas coisas”. Mais quando eu percebi que tá muito diferente, eu percebi que não dar mais. Mas lamento que a cidade, que a comunidade, não ligue para essas coisas. Hoje em dia não se compara mais com aquele Catuni de 82 até 98, mais ou menos.

REISADO

O Reisado, até na parte do Reisado, eu sempre tava por dentro. Aí eu conseguia trazer um Reisado de fora, vinha da Canavieira! Lá, no lugar mesmo que eu dava aula, o pessoal tinha o Reisado, aí eles vinham pra cá. Como eu era um líder da área esportiva e cultural daqui, então sempre vinha esses convites pra eu organizar, aí eu organizava tudo para receber o Reisado aqui em Catuni. Era dia seis de janeiro, vinha todo mundo vestido, aquela coisa linda! Aí a gente ia pra Igreja e entrava pra dentro, as portas fechadas, então chegava aquela multidão de gente tudo vestido, com aqueles trajes de Reisado. Aí eles faziam o canto deles, aí quando falava: “Abre as portas”! A gente abria a porta

da Igreja, entrava todo mundo, depois dali vinha todo mundo aqui pra rua. Esse salão principal aqui, que era o salão de festa, esse salão não foi feito pra escola, hoje em dia ele pode ser da escola, mais quando ele foi feito, foi na época do prefeito Zezito, então foi feito pra festa. Todas as festas que eu fazia era nesse salão! Saía da Igreja com o Reisado, chegava aqui todo mundo se trocava, eu dava janta pro pessoal, e aí fazia a festa, os tocador tudo contratado fazia a festa!

CORRIDA DE ARGOLINHA

Corrida de argolinha tinha também, só que nessa época eu só presenciava, eu sempre presenciei. Então são essas coisas que acontecia em Catuni, era o futebol, a corrida de argolinha, o Reisado!

LAPA DE ZABELINHA

Tinha a tia da Sônia, a Zabelinha, ela fazia a lapinha, tinha a lapinha!

PRIMEIRA FAMÍLIA

O povo dos Guerras, até da minha família mesmo, o Chico Guerra, Zé Guerra, Mané Guerra, teve um tal de Titiliano, que morava naquela baixada!

CATUNI É A OBRA PRIMA

Catuni é muito importante, é a vida da gente, a gente nasceu aqui, os pais da gente nasceram aqui, nós nascemos aqui, se criamos aqui! E daqui nós só tem alegria, o coração sempre tá aqui, não tem como você esquecer daqui. Uma obra prima aqui como nós temos o Catuni, é um lugar muito bacana, é um lugar beira de serra, que chove bem! É um lugar que você tem água à vontade e não paga. Então é muito incrível, um lugar pra dizer

assim : “Tem alguém lugar que seja igual ao Catuni?” É muito difícil ter um lugar igual aqui! O que eu tenho a dizer, é um lugar que a gente não pode abandonar!

O BREJO CATUNI

Aqui antes era Brejo, porque quando não existia esse calçamento aqui, aqui passava caminhão, esses caminhões que você ver passando ali, na pista, eles passavam aqui, pois não tinha pista, eu tinha 6 anos nessa época! Aqui essa casa, não tinha esse passeio, isso aqui era aquela fumaça de caminhão passando por aqui, pra lá e pra cá! Eu pegava ponga nos caminhões feito louco! Então, de quando era pra o que é hoje, mudou muito. Então o Brejo veio porque era um lugar chovedor. Mais chovia mesmo! Semanas e semanas chovendo! Aí onde você andava, aí nessas ruas, era pisando em água! Por isso se deu o nome de Brejo. Brejo por isso: você pisava em muita água, na lama! Agora não sei como surgiu Catuni. O nome Catuni da Estrada, sei, foi porque a estrada passava aqui! A pista principal dos caminhões era aqui por dentro.

ÉPOCA DA MANGA

Na época da manga, manga aqui era demais. Aí, nos Viana, dijunto da linha, ali, os caminhões encostavam para pegar aquele monte de manga, de todo o tamanha. Aí era caminhão saindo de manga pro Sul, outros estados!

TRISTE BAHIA

Sobre a estação a gente se entristece, a gente vê e fica chocado, pois daqui de Senhor do Bonfim pra Juazeiro tem esses municípios: Carrapichel, Catuni, Jaguarari, Juacema, Flamengo, Massaroca, Carnaíba e Juazeiro! Todos esses lugares a estação do trem está lá, menos a do Catuni. Destruíram a estação de Catuni!

Muito linda que era! Só o chão, destruíram, os moradores! Pra pegar o material, a linha, as teias, entendeu?

MEMÓRIAS DE SUA COMPANHEIRA SÔNIA²



Figura 122: João Capoeira com sua esposa Sônia (BONFIM, 2020).

Eu lembro da minha infância como era, tinha Seo Temisso, ele morava lá. Aí nós íamos todos pra lá, por que ele gostava de dar bala pra gente! A gente ia pra lá, eu lembro que nós subíamos aquelas casas toda de madeira, tudo bonita por dentro!

Délia era minha mãe, o nome dela era Adélia Barbosa da Silva Gonçalves. Ela era do Pau D'arco, filha de Luzia e meu avô era Manoel, acho que era Manoel, mãe morreu com 65 anos. Quando eu me entendi, só tinha minha avó, meu avô eu não conheci. A gente ia pro Pau D'arco, aí mãe casou com um rapaz que era do Carrapichel, e vieram morar aqui. Daqui eles moraram um tempo em Juazeiro, daí o casamento deles não deu certo, aí ela voltou pra cá, tínhamos casa aqui! Ela veio pra cá e ele seguiu a vida dele pra lá, nesse percurso ela ficou por aqui, era café, ela lavava roupa, trabalhava pra sustentar a gente, né? Era o trabalho dela,

2. A entrevista acontece com a presença de Sônia companheira de João Capoeira e filha de Mãe Délia.

ia pra roça buscar lenha! Aí ela fez um parto, aí desse parto, ela começou a fazer parto, depois ela fez curso de parteira! Ela ganhou em primeiro lugar de parteira na época! Todas as crianças, tem várias pessoas que foi ela quem pegou aqui, a maioria das pessoas chamavam de Mãe Délia, ela rezava também! Rezava de dor de cabeça. Lembro que, uma vez, veio os ciganos pra cá! Aí o cigano chegou lá em casa chamando minha mãe, perguntando se ela era parteira. Aí ela foi pra pegar o filho da cigana! Fez o parto dessa cigana. Esses ciganos pegaram um bem a ela, quando pensava que não a casa enchia de cigano. Ela dizia que a maior felicidade dela era fazer parto! Tem muitas pessoas que chamava ela de Mãe Délia!



Figura 123: Mãe Délia (Acervo da família).

2.29. ANTÔNIO FERREIRA - “SEO ANTÔNIO REZADOR”



Figura 124: Seo Antônio da Délia (BONFIM, 2020).

Meu nome é Antônio Ferreira dos Santos e tenho 92 anos, sou filho do Antônio Ferreira dos Santos, lá da Gameleira! Minha mãe foi Maria dos Santos, num sei lhe dizer, nessa época, minha vó e minhas tias me disseram que ela foi pegada, parece, em 20 ou 22, que pegaram ela! Veio de uma aldeia aí e ficou da Gameleira pra cá. E eu sei que nesse meio, o véio, meu pai, intruziu com uma e carregou! Eles viam passando, passaram um bucado de tempo. Lá onde eles tavam arranchado, tem uma laje muito grande, e eles fizeram uma cerca de pedra de uma ponte até pra cima da laje embaixo no pé da pedra, eu ainda alcancei! Onde era a ranchada eles fizeram um poço, no Oio D'água. Ali perto tinha um pé de Gameleira, não sei se ainda tem! Aquelas aldeinhas tava tudo ao redor. Eu sei que nesse final, pai era solteiro e ia pra lá e pra cá, uma mulher introzou e namorou com ela, eles facilitaram um pouco e ele saltou nela e fugiram. Nesse tempo as casinhas era uma como aqui, outra como a Zanta, outra como no Jaguarari (risos). E gente quase que não via de jeito nenhum. Eu sei que nois só conhecia pelos documentos que era o nome de Maria, Maria dos Santos! Era índia.

A FEIRA DA GAMELEIRA

Marcilino chamou o véio Antônio e disse: “Vamo fazer uma feirinha aqui na Gameleira!” Eles combinaram com os três mais veio que era de perto da Gameleira! Conversou mais tio Lixandre. Tio Lixandre apoiou. Conversou mais o finado Tonho, ele apoiou também. Quando foi nos outros dias, os veios chegaram e o Marcilino foi e disse: “Que acordo foi que vocês fizeram? O acordo já tá feito, agora é só roçar e apilar o chão e convidar o pessoal!” Nesse tempo não tinha carro. Ele pegou o burro, botou a cela e ganhou o centro da Caatinga, casa aqui, casa acolá, foi convidando todo mundo! “Já combinei que, domingo, homi, mulher, mininu, viesse pra dar uma digitório. Os homi vai roçando e carregando o mato, jogando meio longe, os outros vai roçando toco e carregando e um bota a rapaziada mais nova pra ir interrando aqueles buraco. As muié mais os mininu, vem varrendo!” Quando foi no dia de domingo, mais foi gente! Gente do Anhã, da Lagoa do Meio, Várzea da Pedras, Maiada da Areia, veio tudo! O pessoal da Serra dos Betes, do Oio D’água e daqui do Catuni, descubriram a feira de lá e iam tudo pra lá vender.

Meu irmão chegou e disse que quando fosse de meio dia em diante não era pra eu ir pra feira, disse que ia ter uma revolução pra dismanchar a feira daqui da Gameleira pra botar no Jacunã! Vejo dizer que os jacunanzeiros entraram na conversa do Prefeito. Eu sei que tiveram briga e brigaram. Eu de vez em quando, eu pissuia dois, três, quatro cinco mil reis, eu comparava rapadura, farinha e ia vender na Santa Rosa.

CONHECENDO ADÉLIA

Escute esse caso: veio umas moça do Jacunã, essa que era esposa minha Adélia (*in memoriam*) andava mais elas, aí elas pediram um doce pra mim, eu sei que com duas feiras, três... Oia! A Délia cheganu pra meu lado. Depois duas irmãs, adepois a mãe, ficamu conversando! Esse negócio, naquele tempo, a gente tinha um pouco de capricho! Namorei três meses com ela. Eu disse: “Homi! A gente toda vida num tem pai. Cheguei e falei com ele (seu pai): “Pai, já tô completando 22 anos e vou procurar uma pessoa pra me casar!” Me casei em outubro e saí daqui do Oio D’água, em 50, nós viajemo pra São Paulo, de lá nós fomos pro Paraná, do Paraná fui pro Cruzeiro do Oeste, fica emendado Brasil com Argentina! Lá eles

não conhecia carne baiana, aí eu dei a explicação e eles fizeram a carne baiana¹. Tivemu 22 filhos!



Figura 125: Seo Antônio e sua companheira Adélia (Acervo da família).

QUANDO EU CHEGUEI POR AQUI

Quando eu cheguei aqui, tinha a estação, lá tava escrito Catuni, não sei o significado. Quando eu cheguei por aqui tinha o finado Isaías, o finado Antônio Alves, finando Zé Bispo, tinha um que morava numa casa grande, o Mané Saturno, e tirando dessas outras casas. As outras são tudo mais nova!

O MUNDO É ESCRIVÃO

Diz que o mundo é o mestre e é iscrivão. Eu remexi muitos lugar, e meu iscrivão foi o mesmo que eu levei daqui!

ENGENHO

Tinha o engenho do finado pai do finado Ranulfo. Era lá perto da represa, quem vinha aí por dentro, pelo Socotó, passava bem no engenho.

1. Cita que é uma carne retalhada.

PARTEIRA

A parteira tinha minha sogra, a Donana Binga, dos Binga!

FOGO NA SERRA DO CRUZEIRO

O que se passa eu boto na ideia, e o que eu boto na ideia eu não esqueço. Eu sei que, não sei como foi que deu, ele saiu da casa dele e foi pro Cruzeiro, soltaram fogos e quando da fé, a serra em perigo! A serra incendiou! Aí fu duro pra pagar, curria gente do Jaguarari, curria gente do Bonfim, depois veio os avião. Eu sei que queimou mais de oito dias, o fogo foi até perto de Jaguarari! Foi muito prejuízo pra natureza.

CIGANOS

Teve uma vez que veio um bucado de ciganos e se arrancharam aí, de junto do prédio. Aí quando foi um dia eles passaram aqui e disseram que tinha uma cigana pra ter mininu. Uma daqui vai e se introza com o cigano, quando pensa que não, oia a fulana de barriga!

QUE DEUS DEU, QUE DEUS DÁ

Catuni aqui é bom, não vou falar mal do Catuni. Já tenho quase uns 80 anos ou mais que moro aqui. E não vou falar mal daqui, porque quem faz o lugar é o pessoal. Eu andei o mundo todinho. E o mundo é uma leitura e é uma explicação, mais uma explicação mió é a que o camarada tem, a que Deus dá o camarada! Eu andei em Londrina, tive quase quatro anos lá!

ÁGUA DE CATUNI

Ave Maria! Água aqui no Catuni, aqui nois passava aqui era com a calça aqui em cima, mode a lama e a água, chamava de Brejo. Dali, do Oio D'água de Cima, pra cá, o carro que saísse fora da estrada ficava atolado!

ÁGUA É BOA NÃO PODE ENVENENAR

Á água aqui é boa e se o pessoal envenenar, aí fica ruim. Porque aqui, enquanto tá pela posse do lugarzinho do município, ainda tá bom. Porque aqui a Embasa já queria, depois a comunidade abriu os olhos, o povo da Embasa tava tudo aí! Ajutemo tudo aqui e dizemos: “Não! Não

aceitamos a água da Embasa não!” Se a Embasa entrar vai tirar a rede que tá feita de lá da presa todinha, a rede que tá em nossa mão não vamos dar pra Embasa!

Vamos fazer reunião, quem puder dar uma mão vai lá e dar um dia, quem não puder, dá 5 reais, alguma coisa, pra comprar um pão e dar os outros que tão trabalhando! Eu sei que nós ajuntemo essa comunidade todinha aqui, o pessoal do Oio D’água lá de cima veio também! Aí ficou indo e ficou indo, adepois, teve reunião e compramos mais um bucado de cimento pra aumentar a parede, foi na quadra que Seo Antônio ganhou, o Antônio do terço, ele foi e disse: “Bom! Eu meter a mão, num meto não! Mais eu dou uma digitório”². Digitório é digitório né!? Aí ele, Seo Antônio, deu uns sacos de cimento e deu trabaidor, quatro dia! O trabaio que nós tem dessa prefeitura é esse!

QUEM ME ENSINOU A REZAR

Deus quem me ensinou. Tem muita reza aí que eu rezo! Meu nome, se for escrito por onde ele anda, eu vou li dizer, primeiro Juazeiro, de Juazeiro a Juacema, esse meio aí, é todinho, quando sai do médico vem pra cá! Jaguarari é direto. De São Paulo, quando pensa que não, vem dois, três se tratar aqui. De Salvador abaixo já veio num sei quantas pessoas! Não sei como eles sabem de meu nome sem eu andar pro lado de lá! Eu aprendi uma reza por um vizinho que rezou uma vez só. Eu adecorie. Quando foi de noite eu aprendi e curei muita gente, eu não, Deus. Tô curando uma aí que se demora mais um pouco tempo tinha morrido.

PARA AFASTAR O MAL PARA ATRAIR O QUE FOR BOM³

Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, amém!

Com dois te botaram, com três eu te tiro

Com os puder de Deus e da Virgem Maria

E das Três Pessoas da Santíssima Trindade, Amém!

2. Em algumas regiões da Chapada Diamantina (Estado da Bahia), o termo "digitório" relaciona-se à ajuda que se recebe de amigos e vizinhos na capina, roçagem e/ou desmate de matagais, pastagens, plantações etc.

3. Nesse instante Seo Antônio passa um punhado de folhas sagradas pelo meu corpo, pra me curar pra me afastar de todo mal. É um gesto de puro carinho e cuidado, buscando a cura através da sua fé ancestral!

*De Olho Ruim e Olho Mal, eu curo com os poder de Deus e da Virgem
Maria*

Das Três Pessoas da Santíssima trindade, Amém!

Se tiver no sangue, se tiver na carne, tiver nos ossos

O que eu curo: Olho Ruim, Olho Mal

*Com os poder de Deus e da Virgem Maria e das Três Pessoas da
Santíssima trindade, Amém!*

Quem pode mais que Deus? – Ninguém!

*Que retiro tudo que seja mandado, pegado, que seja na parte da tarde,
na parte da noite ou na parte do dia*

O que eu curo: Olho Ruim, Olho Mal

*Com os poder de Deus e da Virgem Maria e das Três Pessoas da
Santíssima trindade, Amém!*

Quando Deus andou no mundo, foi pegando e curando

O que eu curo: Olho Ruim, Olho Mal

*Com os poder de Deus e da Virgem Maria e das Três Pessoas da
Santíssima trindade, Amém!*



Figura 126: Um punhado de folhas sagradas (JANDIRA, 2020).



CAPÍTULO 3

3. CARTOGRAFIA II

3. CARTOGRAFIA II

AVES DE CATUNI¹

Por viver muitos anos dentro do mato moda ave, o menino pegou um olhar de pássaro – Contraiu visão fontana. Por forma que ele enxergava as coisas. Por igual como os pássaros enxergam, (Manoel de Barros).

3.1.INTRODUÇÃO

O imenso território brasileiro é um dos maiores abrigos do mundo para as aves, isso ocorre devido à presença de ecossistemas diversos, tais como: florestas da Amazônia, florestas da Mata Atlântica, a Caatinga Nordestina, Cerrado e Pantanal Mato-Grossense². De acordo com o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) existem aproximadamente 1.919 espécies de aves no Brasil³. Para o bioma Caatinga Pacheco (2004), citou um total de 348 espécies de aves.

Neste aspecto, é de extrema importância que o saber tradicional sobre aves silvestres de Catuni da Estrada seja registrado, visto que o Brasil possui um mosaico de biodiversidade. Entretanto, lamentavelmente, aqui é comum o uso das aves selvagens como recurso alimentar e tráfico silvestre. Isto possibilita que diversas espécies sejam ameaçadas de extinção. Destacamos, também, a vulnerabilidade das espécies nessa área de serras motivada pela implantação de gigantescos complexos eólicos, além de ser área de intensa exploração mineral e de práticas criminosas de desmatamentos. Tudo isso

1. Texto baseado no trabalho monográfico de Alan Bonfim, onde buscou investigar a relação dos moradores de Catuni com a avifauna local, ao passo que foi construído uma tabela com as aves citadas e as maneiras de uso pela comunidade.

2. (SICK, 1997).

3. (CBRO, 2015).

impacta a avifauna dessa região.

Assim, os registros ornitológicos da comunidade de Catuni buscou investigar a relação dos moradores com avifauna local, registrando como são percebidas, caracterizadas e utilizadas, assim como a sua importância ecológica.

Torna-se relevante conhecer a relação dos moradores com as aves cinegéticas⁴, em especial nas áreas do semiárido da Bahia, tornando-se fundamental para a criação de estratégias conservacionistas das espécies locais e adoção de políticas públicas ambientais.

Quando a fauna se torna importante para uma determinada comunidade ela passa a fazer parte de seu contexto e de seus pensamentos, estabelecendo-se então diversas relações dos seres humanos com os animais, sejam elas, como: alimentação, vestuário, medicinal e mágico-religioso.

No povoado de Catuni da Estrada as aves são utilizadas de diferentes maneiras: alimento, remédio nas atividades de medicina popular, criação em gaiolas e para o comércio ilegal, entre outros fins.

Neste sentido, esta cartografia das aves é parte integrante da pesquisa intitulada “SABER SOBRE PÁSSAROS”: UM ENTENDIMENTO ETNOORNITOLÓGICO DOS MORADORES DO POVOADO DE CATUNI DA ESTRADA, MUNICÍPIO DE JAGUARARI, NO SERTÃO BAIANO⁵, onde os moradores citaram 172 nomes de aves entre silvestres (n=170) e domésticas (n=02).

Dentre as etnoespécies, as mais citadas pelos entrevistados foram, Cardeal-do-nordeste (*Paroaria dominicana*), Sabiá-coca (*Turdus rufiventris*), Galo-de-campina (*Coryphospingus pileatus*), Sofrê (*Icterus jamacaii*), Coleira (*Sporophila caerulescens*),

4. Espécie comumente procurada para fins de caça. (Dicionário Wiki aves)

5. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – CEP/UFRB (CAAE: 26262019.1.0000.0056/2019). Tendo como responsável a Profa. Dra. Maria Vanderly Andrea e o pesquisador Alan Ferreira Bonfim.

Beija-flor-azulzinho (*Eupetomena macroura*) e Perequitinho-de-são-josé (*Forpus xanthopterygius*). As aves mais citadas pelos entrevistados são as que, evidentemente, provocam alguma influência cultural, bem como são importantes na economia local⁶.



Figura 127: Cardeal (*Paroaria dominicana*) (BONFIM, 2020).



Figura 128: Galo-de-campina (*Coryphospingus pileatus*) (BONFIM, 2020).

6. (DINIZ et al., 2012).



Figura 129: Sofrê (*Icterus jamaicensis*) (BONFIM, 2020).



Figura 130: Beija-flor-azulzinho (*Eupetomena macroura*) (BONFIM, 2020).



Figura 131: Peregrino-de-são-josé (*Forpus xanthopterygius*) (BONFIM, 2020).

3.2. INTERAÇÃO SOCIO-AFETIVA

O Luiz Gonzaga gravou a música do passo-preto, um homem muito malvado furou os olhos dele, dizendo na ignorância, que com os olhos furado ele cantava melhor e não voava (A, 75 anos)¹.

Rubão², caboclo da Serra dos Morgados, contou-nos que, essa ave tão apreciada por passarinhos³, o pássaro-preto, imortalizada na canção de Luiz Gonzaga, caso encontrem um de seus filhotes em gaiolas, ou seja, estando os pais livres e os filhos aprisionados, eles vão ao mato, escolhem ervas venenosas e dão para seus filhotes. Como ele mesmo disse: “eles preferem ver os filhotes mortos do que estar presos”.

Foi observado que dentre as mais citadas, algumas são muito apreciadas pelos moradores, sendo atraídos pela sua beleza e canto, como Azulão (*Cyanoloxia brissonii*), Coleira (*Sporophila caerulescens*), Jesus-meu-deus (*Zonotrichia capensis*), Papa-capim (*Sporophila nigricollis*), Passo-preto (*Gnorimopsar chopi*), Pêga-do-encontro-amarelo (*Icterus pyrrhopterus*) e Sabiá-coca (*Todus rufiventris*). O canto das aves possui um grande significado neste âmbito social, uma vez que, boa parte dos integrantes cita a interação com o canto como a característica mais acentuada. O canto é preferido pela beleza de suas notas e por transmitir alegria.

1. Fala de Antônio durante a entrevista da pesquisa em questão.

2. Depoimento concedido a Juracy Marques em 2019.

3. Pessoas que costumam aprisionar pássaros em gaiolas, tornando-os seus escravos para o canto.



Figura 132: Coleirinha e *S. caerulescens* (BONFIM, 2020).

3.3. CRIANDO PÁSSAROS EM GAIOLAS

Bate as asas passarinho, que eu quero voar,
(Tuzé de Abreu, 1973).

A cultura de criar pássaros em gaiola é bastante acentuada no povoado de Catuni da Estrada. Sendo perceptível o quanto essa prática reverbera pelos espaços, é comum encontrar no dia-a-dia pessoas com gaiolas, assim, trata-se de questões culturais transmitidas para a gerações presente. Assim vai sendo construída um tipo de rede de relações interagindo entre diversas esferas socioeconômicas. De acordo com o levantamento, foram citadas 22 (vinte e duas) etnoespécies usadas para fins ornamentais e comerciais.

De acordo com o Pimentel e Santos (2009), a cultura de criar pássaros canoros e de pequeno porte está concentrada no Estado da Bahia, sendo o cardeal (*Paroaria dominicana*) a ave que possuiu o maior número de indivíduos apreendidos pela fiscalização preventiva, seguidos de azulão (*Cyanoloxia brissonii*), canário-da-terra (*S. flaveola*), pássaro-preto (*C. chopi*), estevão (*S. similis*) e papa-capim (*Sporophila nigricollis*).



Figura 133: Papa-capim criado em gaiola na comunidade de Catuni (*Sporophila nigricollis*) (BONFIM, 2020).



Figura 134: Jesus-meu-deus (*Zonotrichia capensis*) (BONFIM, 2020).



Figura 135: Sabiá-coca (*Turdus rufiventris*) (BONFIM, 2020).

Em todos os cantos da Caatinga, do Semiárido, das Serras, particularmente Catuni, observamos a cultura de criação de pássaros em gaiolas como algo já calcificado na paisagem geohumana desses espaços. Trata-se da evidência de uma prática cultural que também é crime ambiental banalizada, naturalizada. Torna-se urgente campanhas de educação ambiental no sentido de diluir essas práticas.

3.4. INTERAÇÃO TRÓFICA

Acho que em matéria de comer não tem pássaro nenhum venenoso. Agora tem diferença de sabor, espessura de corpo, uns é gordinho tem muita carne, e outros é magrinho (A, 75 anos).¹

Para utilização como recurso alimentar é muito utilizada a Rolinha-caldo-de-feijão (*Columbina talpacoti*), Rolinha-branca (*Columbina picui*), Nambu (*Crypturellus parvirostris*), Juriti (*Leptotila verreauxi*), Jacu (*Penelope jacucaca*) e a Zabelê (*Crypturellus noctivagus*). Dentre as aves citadas pelos entrevistados, algumas estão registradas na lista de aves do Livro Vermelho de Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção². Como o Jacu e Zabelê.



Figura 136: Rolinha-branca (*Columbina picui*) (BONFIM, 2020).

1. Fala de Antônio.

2. (BRASIL, 2018).

3.5. AVES NÃO CONSUMIDAS

Ainda de acordo com alguns entrevistados, existem restrições, “Tabus” alimentares a certas aves, citando-se: o Urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), a Lavandeira (*Fluvicola nengeta*) e o Cárcara (*Caracara plancus*). Outras espécies também são consideradas aves não consumidas, seja por seus hábitos alimentares, como: Pardal (*Passer domesticus*) e a Garça (*Bulbucus ibis*), pois se alimentam de carrapatos, seja pelo seu comportamento como o Xequê (*Agelaioides fringilarius*) por questões religiosas e espiritualistas, tendo como exemplo: Jesus-meu-deus (*Zonotrichia capensis*), coruja Rasga-mortalha (*Tyto furcata*) e a Lavandeira.

Não se come a Lavandeira, pois quando Jesus andou no mundo ela quem lavava a roupa dele (Dona M, 59 anos)¹.

Lavandeira ninguém nem ouse matar para comer, é muito respeitada (Seu C, 70 anos)².



Figura 137: Lavandeira (*Fluvicola nengeta*) (BONFIM, 2020).

-
1. Fala de Dona Maurina.
 2. Fala do Senhor Celso

3.6. USO ETNOMEDICINAL DAS AVES

O piolho do urubu serve de remédio pra criança nova, pega o piolho machuca e bota na faixa do umbigo (Aparecida, 43 anos).

Muitas etnoespécies são abatidas para o tratamento das enfermidades, são diversas as matérias primas das aves utilizadas, podemos citar: o uso das penas como defumadores para tratamento de “doenças do vento” e o pó destas para o alcoolismo, misturadas a água ou chá e dada a pessoa doente. Outras formas de preparo são: ingestão do caldo após o animal ser cozido, amassado inteiro, extração da banha usada como unguento, e o piolho macerado do urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*) para cura de umbigo de recém-nascidos. Também foi citado que, a pessoa que estava doente não podia saber que estava tomando o medicamento, pois este poderia não fazer efeito, principalmente para o alcoolismo.



Figura 138: Urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*), (BONFIM, 2020).

3.7. IMPLICAÇÕES ETNOCONSERVACIONISTAS

Podemos julgar o coração de um homem pela forma como ele trata os animais (Immanuel Kant).

Neste sentido, a preservação de nossas serras é fator crucial para a manutenção e dinâmica das aves, visto que a região está inserida na Serra do Espinhaço, sendo áreas de rotas migratórias de pássaros, citando-se, a recém introdução na natureza da ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*), espécie considerada criticamente ameaçada de extinção, endêmica do Norte da Bahia na região da cidade de Curaçá.

Ainda de acordo com os entrevistados as aves vivem principalmente nos ambientes de serras matas e na beira do rio de Catuni, criam ali seus ninhos e procuram alimentos. No entanto, as aves se mostram como o principal elemento no espaço antrópico, fazendo parte do cotidiano dos moradores, sendo também parte integrante da paisagem sonora.

Vem vino, o fim-fim! Quando ele fica perto da casa cantando Vem-Vino é visita, doença, ou aviso de alguma coisa (A, 43 anos)¹.



Figura 139: Fim-fim (*Euphonia violacea*) (BONFIM, 2020).

1. Fala de Aparecida.

Pesquisar os fatores que levam uma espécie a ser ameaçada torna-se importante para contribuir em futuros projetos e movimentos de preservação e conservação do ambiente ecosocial², visto que algumas espécies de aves estão em risco de extinção e vivem em locais altamente antropizado³. Esses fatores, em Catuni da Estrada, se concentram na perda e fragmentação de hábitat, resultante da especulação imobiliária e criação indevida do gado, assim como a captura excessiva, direcionada ao consumo alimentar e ao comércio de aves, fator comum na região.

Aqui já existiu muitos pássaros, mas como o homem destruiu as matas os pássaros se mudaram! São rara as vezes que a pessoa vê uma Rolinha-fogo-pagou um Cardeal, um Azulão nem si vê mais. O culpado disso tudo foi o homem que além de destruir as matas, pegaram pra vender, traficando os animais! (A, 75 anos)⁴.

Nessa perspectiva, é preciso que seja criado mais ferramentas para a promoção de políticas públicas ambientais de caráter conservacionista, mas que seja efetivo e prático. O estudo da avifauna da comunidade de Catuni, torna-se um fator importante para dialogar com movimentos voltados para a promoção do meio ambiente e do ecoturismo na região, podendo referenciar o Movimento Salve as Serras (www.salveasserras.org) que vem atuando nessas esferas.

Assim, as aves podem ser percebidas com um potencial enorme para o desenvolvimento social, pautado em questões ecológicas e sustentáveis. A prática de Observação de Aves

2. Relativo ao meio ambiente e às questões sociais conjuntamente.

3. Área onde há ocupação do homem, exercendo atividades sociais, econômicas e culturais sobre o ambiente. A antropização é a transformação que exerce o ser humano tanto sobre o meio ambiente, como sobre o biótopo ou a biomassa.

4. Fala de Antônio.

Silvestres pode servir como uma ferramenta para o turismo sustentável nas Serras da Jacobina, visto que os pássaros são fortemente atraídos pelos humanos, seja pelo seu canto ou beleza da plumagem. A arte de passarinhar é responsável por movimentar o turismo local, contribuir com a conservação pela sensibilização social, gerar dados para ciência, além de evidenciar a importância da performance existente entre o bioma social e as aves silvestres.

Ao passo que as serras também são abrigos de espécies endêmicas de lugares com altitude elevada, como o Beija-flor-de-gravata-vermelha (*Augastes lumachella*)⁵, espécie que ocorre na porção baiana da cadeia do Espinhaço, a Chapada Diamantina. Recentemente registrado na região do município de Campo Formoso. Sabe-se que é uma espécie que ocorre em áreas rupestres entre 950 a 1600m de altitude, onde predomina a vegetação de cactáceas, bromélias, orquídeas e velosiáceas⁶.



Figura 140: Beija-flor-de-gravata-vermelha macho (*Augastes lumachella*), Lençóis - Chapada Diamantina (CRISTINE PRATES, 2019).

5. Espécie quase ameaçada de extinção (Wiki Aves).

6. WikiAves.com



Figura 141: Gravatinha*⁷.

7. PRATES, C. S. (2019). [WA3607404, *Augastes lumachella* (Lesson, 1838)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3607404>> Acesso em: 25 Set 2020.

3.8. AVES DA SERRA

Diversos estudos documentaram populações humanas que mantêm uma relação direta com a natureza, neste sentido podem apresentar um conhecimento ecológico local bastante apurado. Desde os primórdios da humanidade as aves estiveram profundamente ligadas aos seres humanos, numa relação de domínio, uso e admiração. Assim, o conhecimento tradicional da comunidade de Catuni é um fator crucial para entender e compreender a performance que existe entre os moradores e a avifauna local.

A pesquisa em questão me possibilitou entender como funciona a dinâmica entre Homem-Natureza. Perceber essas nuances é um fator crucial para promover a preservação dos nossos espaços naturais, podendo também ser desenvolvido a prática de observação de aves nas serras de Catuni, de modo que seja pautado as questões socioeconômicas da região de maneira sustentável. No livro “A Teia da Vida” Fritjof Capra diz que, precisa-se tornar sistêmica a forma de ver o mundo, de perceber a realidade (CAPRA, 1996). E sem dúvida, é urgente a promoção de uma Educação Ambiental que aumente a consciência do corpo social para com as demais espécies habitantes da nossa casa planeta terra.



Figura 142: Ariramba-de-cauda-ruiva fêmea (*Galbula ruficauda*) (BONFIM, 2020).



Figura 143: Ariramba-de-cauda-ruiva macho (*Galbula ruficauda*) (BONFIM, 2020).



Figura 144: Saki (*Tapera naevia*) (BONFIM, 2020).



Figura 145: Casaca-de-couro-da-lama (*Furnarius figulus*) (BONFIM, 2020).



Figura 146: Papa-enxu macho (*Compsothraupis loricata*) (BONFIM, 2020).



Figura 147: Saira-azul (*Dacnis cayana*) (BONFIM, 2020).



Figura 148: Campainha-azul macho (*Porphyrospiza caerulescens*) (BONFIM, 2020).



Figura 149: Casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*) (BONFIM, 2020).



Figura 150: Pitiguari (*Cyclarhis gujanensis*) (BONFIM, 2020).



Figura 151: Cancão (*Cyanocorax cyanopogon*) (BONFIM, 2020).



Figura 152: Pêga-do-encontro-amarelo (*Icterus pyrrhopterus*) (BONFIM, 2020).



Figura 153: Beija-flor-de-orelha-violeta (*Colibri serrirostris*) (BONFIM, 2020).



Figura 154: Canário-do-mato (*Myiothlypis flaveola*) (BONFIM, 2020).^{*1}

Um fragmento de Clarice Lispector contribui aqui na discussão, ela diz que- “Olhando a extrema beleza dos pássaros amarelos calculo o que seria se eu perdesse totalmente o medo. O conforto da prisão burguesa tantas vezes me bate no rosto. E, antes de aprender a ser livre, tudo eu aguentava – só para não ser livre”.



Figura 155: Arapaçu-beija-flor ou *Campylorhamphus trochilrostris* (BONFIM, 2020).

1. Fotos de Alan Ferreira Bonfim, publicadas na página @belezasdecatuni na série “Aves de Catuni”.



CAPÍTULO 4

4.CARTOGRAFIA III

4. CARTOGRAFIA III

4.1 FLORA DE CATUNI

*Por ser de lá
Do sertão, lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga do roçado.
(Gil e Dominginhos)*



Figura 156: *Periandra coccinea* (BONFIM, 2020).



Figura 157: *Centrosema* spp (BONFIM, 2020).



Figura 158: *Spigelia Kuhlmannii* (BONFIM, 2020).



Figura 159: Justicia vermelha - *Megaskepasma erythrochlamis* (BONFIM, 2020).



Figura 160: *Tillandsia* ou Cravo-do-mato (BONFIM, 2020).



Figura 161: *Marcetia taxifolia* (BONFIM, 2020).



Figura 162: *Jacquemontia* spp (BONFIM, 2020).



Figura 163: *Tibouchina* (BONFIM, 2020).



Figura 164: *Zinnia spp* (BONFIM, 2020).



Figura 165: Chapéu-de-couro - *Zinnia* spp (BONFIM, 2020).



Figura 166: *Paepalanthus* (BONFIM, 2020).



Figura 167: *Pavonia luetzelburgii* (BONFIM, 2020).



Figura 168: *Pavonia luetzelburgii* (BONFIM, 2020).



Figura 169: *Pavonia luetzelburgii* (BONFIM, 2020).



Figura 170: Flor da serra (BONFIM, 2020).



Figura 171: Cabeça de frade - Melocactus (BONFIM, 2020).



Figura 172: Caliandra rosa (BONFIM, 2020).



Figura 173: *Argyreia nervosa* (BONFIM, 2015).



Figura 174: Flor do Monte (BONFIM, 2020).

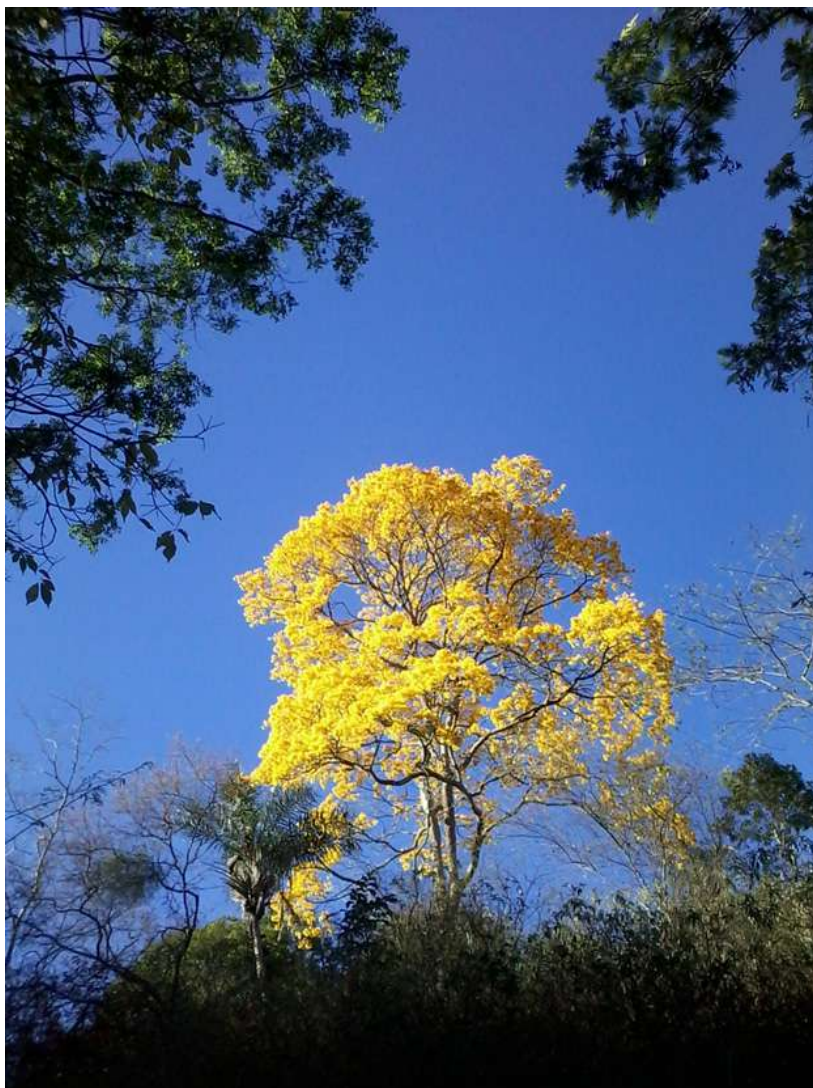


Figura 175: Ipê amarelo - *Handroanthus serratifolius* (BONFIM, 2013).

ANEXO I



REQUERIMENTO:

Catuni da Estrada, 26 de outubro de 2020.

Comunicado ao CBHI (Comitê da Bacia Hidrográfica do Itapicuru),

CRISE HÍDRICA ANUNCIADA

O **Movimento Salve as Serras** (www.salveasserras.org) é uma organização ambiental de caráter internacional, que tem como objetivo sensibilizar a população em geral, sobretudo membros da administração pública, setores privados e financiados internacionais, sobre a ameaça de **DESTRUIÇÃO DAS NASCENTES, RIOS E CACHOEIRAS DAS NOSSAS SERRAS (SERRAS DA JACOBINA), a partir da implantação de empreendimentos eólicos e minerários**. Considerando a destruição crescente das nascentes dos Rios Itapicuru, Paraguaçu, Salitre e São Francisco do conjunto de serras do Sertão da Bahia, em virtude da ocupação desordenada dos espaços, perfuração irregular de poços artesanais, pela atividade minerária e instalação de sistemas eólicos, a comunidade de Catuni da Estrada (10°20'39.9"S 40°11'01.4"W) que é composto por 620 moradores e 230 famílias, se inquietam com o método de distribuição da água. Catuni pertence ao território político da cidade de Jaguarari, localizada ao sopé da cadeia de montanhas Serra do espinhaço (esta foi considerada recentemente pela UNESCO como Reserva da Biosfera), estando inserido no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru. Considerando também que as Serras da Jacobina estão inseridas nesta cadeia de montanhas, sendo estas áreas responsável também por ser local de berços das águas que servem a Bacia Hidrográfica do Rio Itapicuru (Sua principal nascente se localiza na região norte da Chapada Diamantina, no limite entre os municípios de Antônio Gonçalves e Campo Formoso).

Considerando também, as nascentes que compõe o rio Catuni seguem um percurso que integra essa Bacia tão responsável por abastecer centenas de cidades do semiárido baiano, cortando mais de 55 municípios e servindo mais de 1,3 milhões de habitantes. O direito à água é um dos direitos fundamentais do ser humano assim como o direito à vida. A Declaração dos Direitos Humanos em seu Art. 3º estipula que: Os recursos naturais de

transformação da água em água potável são lentos, frágeis e muito limitados. Desse modo à água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia. Ainda em seus artigos cita: Art. 4º -O equilíbrio e o futuro do nosso planeta dependem da preservação dos nossos corpos hídrico e de seus ciclos naturais. Art. 5º -A água não é somente uma herança dos nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como uma obrigação moral do homem para com as gerações presentes e futuras. Art. 6º - A água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo. A utilização da água implica no respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo homem nem pelo Estado. Desse modo, o planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra. Com esse documento, a Organização das Nações Unidas tornou obrigatório que as pessoas sejam responsáveis pela qualidade da água, bem como pela sua manutenção, tendo, assim, formas de garantir a melhoria de vida no planeta. Neste sentido, é de extrema urgência que seja discutido na comunidade de Catuni da Estrada a maneira como vem ocorrendo a distribuição do recurso. Sabe-se que Catuni é uma região que no passado era abundante a sua oferta hídrica, sendo responsável por abastecer o município de Jaguarari, principalmente nas regiões de Caatinga onde o elemento é escasso. Atualmente, essa prática vem se acentuando de maneira que cria uma inquietação em seus moradores com o vai e vem de caminhões pipas coletando a água de maneira irracional, sem nenhuma forma de preservação dos direitos humanos e dos Bens Naturais. Isso evidencia uma violação gravíssima ao direito de acesso ao recurso pelos moradores da comunidade.

Uma vez que, a prática vem se reverberando de maneira agressiva ao passo que a comunidade está ficando sem acesso à água porque todos os dias caminhões pipas saem de Catuni e fazem parte de uma rede irregular de usos e distribuições dessas águas. O poder público local tem compactuado com essa prática ecocida que anuncia uma Crise Hídrica na localidade de Catuni da estrada, isso se torna evidente quando o Poder Local não cria maneiras de gerir o recurso (água) que vem sendo fortemente agredido. Tal afirmação é um grito dos moradores que agonizam vendo a nossa água sendo grosseiramente privatizada quando os caminhões-pipas de origem duvidosa chegam e abastecem seus carros de maneira sorrateira sem nenhum diálogo com os moradores. Considerando o aumento assustador do desmatamento

destinado à monocultura e ao pasto de gado, bem como, a perfuração de poços artesanais irregulares que atingem fatalmente as nascentes do rio Catuni. Considerando que, um carro pipa geralmente carrega 10.000 litros de água em cada viagem. Se são 30 por dia, isso equivale a 300.000 litros por dia. Diz que a ONU defende que uma pessoa precisa de, pelos menos, 100 litros de água por dia para suas necessidades. Se pensarmos em Catuni, que tem 620 moradores, por dia, seria necessários 62.000 litros, então consumo da água é muito grande. Ante ao exposto, almejando salvar nossas águas já perturbada pela exploração econômica predatória e criminosa, valendo-se do olhar sempre atento do CBHI responsável em proteger a bacia em questão, assim como minimizar os impactos gerados pelo conflito hídrico, requeremos:

- a) Realizar uma reunião com a comunidade para tratar de todos estes problemas, sobretudo, da questão hídrica;
- b) Solicitar do INEMA e do MP adoção de medidas para aumentar a vigilância nas nascentes localizadas nas Serras de Catuni, em uma área sujeita a empreendimentos minerários e imobiliário, considerando que essa região se enquadra como uma APP de acordo com o Código Florestal Brasileiro.
- c) Solicitar a realização de um estudo hidrogeológico para sabermos a quantidade de água produzida e o que pode ser explorado delas para evitarmos uma crise hídrica;
- d) Realizar uma campanha de regularização, com o apoio do INEMA e do MP e, posterior a isso, pensar numa ação de desativação de alguns poços, haja vista, a perfuração desordenada de poços artesanais nos projetos de loteamento na região de Catuni.
- e) Verificar a legalidade constitutiva dos poços artesanais existente na área, ao passo que um desses poços está em uma área privada e vem sendo coletada para posterior venda do recurso.
- f) Iniciar uma campanha de Educação Ambiental nas comunidades das Serras.
- g) Que seja exigido da prefeitura de Jaguarari e instituições competentes (INEMA) a urgente necessidade de criação em conjunto com os moradores de um plano para coleta de água no poço artesiano da comunidade de maneira racional e controlada de acordo com a capacidade de suporte do mesmo.
- h) Que seja exigido do Estado da Bahia o que estabelece a Lei 9.985 de 2000 – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, no que confere à obrigatoriedade de criação de Unidades de Conservação, indicando a urgente necessidade de criação da APA Nascentes do Itapicuru.



Barragem de Catuni

Atenciosamente,

Movimento Salve as Serras (SAS)

www.salveasserras.org



SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ECOLOGIA HUMANA
www.sabeh.org.br